

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
PPGCS - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
CIÊNCIAS SOCIAIS – NÍVEL DE MESTRADO

**"Me transformei com esse 'falatório' todinho": cotidiano
institucional e processo de subjetivação em Stela do
Patrocínio**

TELMA BEISER DE MELO ZARA

TOLEDO

2014

TELMA BEISER DE MELO ZARA

**"Me transformei com esse 'falatório' todinho": cotidiano
institucional e processo de subjetivação em Stela do
Patrocínio**

*Dissertação de Mestrado apresentada para o
Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu
"Ciências Sociais" - nível de Mestrado, Linha de
Pesquisa "Fronteira Cultura e Identidade",
como requisito parcial para obtenção do Grau de
Mestre.*

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Yonissa Marmitt Wadi

Toledo, setembro de 2014

Catálogo na Publicação elaborada pela Biblioteca Universitária
UNIOESTE/Campus de Toledo.
Bibliotecária: Marilene de Fátima Donadel - CRB – 9/924

Z36m Zara, Telma Beiser de Melo
“Me transformei com esse ‘falatório’ todinho”: cotidiano
institucional e processo de subjetivação em Stela do Patrocínio /
Telma Beiser de Melo Zara – Toledo, PR: [s. n.], 2014.
144 f. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Yonissa Marmitt Wadi
Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade
Estadual do Oeste do Paraná. Campus de Toledo. Centro de
Ciências Sociais e Humanas.

1. Ciências sociais – Dissertação 2. Patrocínio, Stela do,
1941-1997 3. Loucura 4. Doenças mentais 5. Mulheres – Saúde
mental 6. Subjetividade 7. Relações de gênero 8. Hospitais
psiquiátricos – Pacientes I. Wadi, Yonissa Marmitt, orient. II T.

CDD 20. ed. 362.2042
305.42

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Yonissa Marmitt Wadi (UNIOESTE) – Orientadora

Prof. Dra. Ana Teresa Acatauassú Venancio - (FIOCRUZ)

Prof. Dr. Marco Antonio Arantes (UNIOESTE)

SUPLENTES

Prof. Dr. Allan de Paula Oliveira (UNIOESTE)

Prof. Dra. Cristiana Facchinetti - (FIOCRUZ)

Para Carmen

AGRADECIMENTOS

Agradeço de todo o coração a minha Orientadora, Professora Dra. Yonissa Marmitt Wadi, cuja paixão pelo trabalho é extraordinária, por ter aceitado o desafio de orientar-me, e, também, pelo seu esforço, dedicação, pelas conversas, pela paciência, pelas correções e por ter me ajudado em um momento tão crucial da minha vida, que foi, ao mesmo tempo, aprender a ser pesquisadora e mãe. .

Agradeço à Universidade Estadual do Oeste do Paraná e ao Programa de Mestrado em Ciências Sociais, por possibilitar a realização deste trabalho.

Agradeço também aos colegas e professores do programa pelos momentos compartilhados e ao CNPq pelo apoio financeiro.

Muito obrigada aos professores das bancas de qualificação e defesa por terem aceitado o convite e por terem contribuído para o enriquecimento deste trabalho.

Agradeço à equipe do Centro de Estudos do Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira, em especial, Fernanda Souza e Sylvia Gonçalves que me receberam tão bem quando fui ao Rio de Janeiro e concederam informações valiosas para a conclusão desta dissertação.

Às professoras Teresa Ordorika Sacristán, Ana Teresa Acatauassú Venancio e Méri Frostscher Kramer que, mesmo à distância, me apoiaram e ajudaram-me através de indicações de leitura.

À Marilucy Gregório do Programa de Mestrado em Ciências Sociais, sempre prestativa e disposta a dar palavras de estímulo e às companheiras de pesquisa Solange Cordeiro e Thamara Parteka.

À equipe do Instituto Federal do Paraná – Campus Cascavel, que me apoiaram nos últimos dias antes da entrega desta dissertação.

Aos meus amigos que estiveram presentes durante a escrita deste trabalho, dentre eles Lidiana, Kelly, Jacqueline, Osmir, Vanessa, Vanderson, Fernanda, Giovani, Simone, Andressa, Viviane, Maurício. Com certeza, o caminho que percorri até aqui foi mais fácil com vocês do meu lado.

A minha família, vocês merecem uma atenção especial:

Todo o meu amor e agradecimentos aos meus pais, que sempre acreditaram em mim, apostaram suas vidas para que eu fosse uma boa pessoa e acompanham-me todos os dias da minha vida: Antonio de Melo, meu pai, e, Helena Beiser de Melo, minha mãe e, também, com muito amor, agradeço aos meus irmãos, Rogerio e Edson.

Meus agradecimentos aos meus sogros, Gerson e Lucília que sempre torceram por mim e são exemplos de dedicação e de amor, e, aos meus cunhados e cunhadas, Marcelo, Letícia, Sheila, Rita e Kátya, que também merecem ser chamados de irmãos e irmãs.

A Juliana, Luísa, Cecília e Maria Vitória minhas sobrinhas queridas: e ao meu lindo sobrinho João Vítor. Obrigada crianças por me fazer um pouco criança também. A Carmen, minha filha. Você foi a que realmente mais me acompanhou durante todo o mestrado. Dentro da minha barriga acompanhou-me a todas as aulas. Fora dela, me viu horas e horas em frente ao computador e ficou no meu colo, enquanto eu lia. Carmen, foi por você. Você me deu forças pra continuar. Você é a razão de tudo. Eu amo você Carmen.

A Ricardo, amor da minha vida. Meu marido e pai da minha filha. Foi você quem me incentivou, quem me fez ver as coisas de um jeito muito melhor, sempre acreditou em mim e esteve ao meu lado segurando a minha mão. Obrigada por tudo.

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| RESUMO..... | 10 |
| ABSTRACT..... | 10 |
| INTRODUÇÃO..... | 11 |
| CAPÍTULO 1 – DISCURSOS SOBRE STELA DO PATROCÍNIO E SEU “FALATÓRIO” | 28 |
| 1.1 <i>STELA E O CAMPO DA LITERATURA.....</i> | 29 |
| 1.2 <i>STELA NO CAMPO DA PSICOLOGIA</i> | 40 |
| 1.3 <i>STELA NO CAMPO DA HISTÓRIA.....</i> | 42 |
| 1.4 <i>STELA NO CAMPO DAS ARTES.....</i> | 45 |
| 1.5 <i>BATALHA DE DISCURSOS E O NASCIMENTO DE DIFERENTES STELAS.....</i> | 53 |
| CAPÍTULO 2 – A COLÔNIA JULIANO MOREIRA E STELA DO PATROCÍNIO | 59 |
| 2.1 <i>A INTERNAÇÃO DE STELA DO PATROCÍNIO NA COLÔNIA JULIANO MOREIRA.....</i> | 63 |
| 2.2. <i>“A PAREDE AINDA NÃO ERA PINTADA DE TINTA AZUL”: A DÉCADA DE 1970</i> | 72 |
| 2.3. <i>“EU ESTOU AQUI HÁ VINTE E CINCO ANOS OU MAIS”: A DÉCADA DE 1980</i> | 82 |
| 2.4. <i>“PRIMEIRO VEIO O MUNDO DOS VIVOS /DEPOIS NO ENTRE A VIDA E A MORTE”: OS ÚLTIMOS DIAS DE STELA NA COLÔNIA JULIANO MOREIRA</i> | 94 |
| CAPÍTULO 3 – “A LOUCA, A PRETA, A MULHER...: O PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO NO 'FALATÓRIO' DE STELA..... | 103 |
| 3.1. <i>A VIDA DE STELA DO PATROCÍNIO ANTES E DEPOIS DO DIAGNÓSTICO</i> | 105 |
| 3.2. <i>A LOUCA</i> | 109 |
| 3.3. <i>UMA MULHER.....</i> | 119 |
| 3.4. <i>NEGRA E POBRE</i> | 124 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 130 |
| REFERÊNCIAS | 136 |
| ANEXO..... | 142 |

Lista de Figuras

| | |
|--|------------|
| Figura 1 – Cenas da peça Entrevista com Stela do Patrocínio..... | 50 |
| Figura 2 – Cena do balé apresentado pela Cia de Balé de Rio Preto | 52 |
| Figura 3 – Ficha de matricula de Stela do Patrocínio | 64 |
| Figura 4 – Papeleta para Matrícula – DME 537 de Stela do Patrocínio | 65 |
| Figura 5 - Stela fala dentro de uma lata de alumínio | 113 |

Resumo

“Eu sou Stela do Patrocínio/Bem patrocinada/Estou sentada numa cadeira/Pegada numa mesa negra preta e crioula/Eu sou uma negra preta e crioula/Que a Ana me disse” (PATROCÍNIO, 2009, p.58). Este é um diminuto trecho da fala desconcertante de Stela do Patrocínio, mulher, pobre, negra e diagnosticada louca que viveu 30 anos de sua existência, vendo o mundo através dos muros reais e imaginários de uma instituição psiquiátrica. Seu “falatório”, como ela mesma definia, foi reunido no livro “Reino dos bichos e dos animais é o meu nome” e inspirou a criação de peças de teatro, documentários, músicas e outras publicações no meio acadêmico. Este trabalho propõe-se a discutir estes diferentes discursos produzidos sobre a autora e sua fala, buscando entender como foi possível que a sua fala ecoasse para o grande público, que passou a ter contato com expressões e narrativas de sua subjetividade, bem como compreender como a experiência da internação manicomial e as relações entre o saber psiquiátrico e o poder institucional podem influir na construção de subjetividades imersas em relações de gênero, raça/etnia e classe. O “falatório” de Stela - juntamente com outros testemunhos construídos no tempo-espço da internação manicomial - abre também novas possibilidades para a compreensão das relações no microcosmo chamado hospício, sobre o próprio saber médico e especialmente sobre a vida destes sujeitos chamados loucos.

Palavras-chave: gênero; loucura; subjetivização; Stela do Patrocínio

Abstract

"I'm Stela do Patrocínio/Well sponsored/I'm sitting in a chair/ Preached in a desk black and black Creole/I'm a black woman and black Creole/What Ana told me" (PATROCÍNIO, 2009, p.58). This is a tiny piece of disconcerting work from Stela do Patrocínio, woman, poor, black and diagnosed insane who lived 30 years of her life, seeing the world through the real and imaginary walls of a psychiatric institution. Her poetry, or, as she defined "babblings" were collected in the book "Kingdom of the bugs and the animals is my name" and inspired the creation of plays, documentaries, music and other publications in academia. This paper proposes to discuss these different discourses produced about the author and his speech, trying to understand how it was possible that his speech echoed to the general public, who happened to have contact with their expressions and narratives of subjectivity, as well as understand how the experience of hospice admission and the relationships between psychiatric knowledge and institutional power can influence the construction of subjectivities immersed in gender relations, race / ethnicity and class. The babblings of Stela - along with other testimonies built in space-time admission asylum - also opens new possibilities for understanding the relationships in microcosm called hospice, medical knowledge and especially on the lives of these subjects called crazy.

Keywords: gender, madness, subjectivity, Stela do Patrocínio

Introdução

Fui apresentada à Stela do Patrocínio, ao ingressar no Projeto “*Gênero, Instituições e Saber Psiquiátrico em Narrativas da Loucura*”¹. Este projeto se propõe “explorar e compreender narrativas de pessoas consideradas loucas e que viveram experiências de internação psiquiátrica, problematizando, do ponto de vista histórico, a experiência da loucura e da internação diante de determinadas configurações da assistência e da ciência psiquiátrica, privilegiando a dimensão de gênero e seu intercruzamento com as dimensões de classe, raça/etnia e geração” (WADI, 2012, p.1-2).

O tema desta dissertação insere-se, portanto, no proposto pelo referido projeto ao refletir sobre as problematizações de um sujeito considerado louco. Os termos ‘problematizar’ e ‘problematização’ são aqui utilizados

... tanto para referir as tentativas dos chamados loucos de explicar, descrever, refletir ou dar sentido às suas reivindicações – sua experiência da loucura e do encontro com as instituições e a psiquiatria –, ou ainda ‘mostrar como havia [...] razão na loucura’, conforme refere Roy Porter (1991); quanto para indicar a abordagem privilegiada para a análise nesta pesquisa. Neste sentido, a direção é dada pelas reflexões Michel Foucault (in Revel, 2005, p.70-1), para quem ‘problematizar’ é se interrogar sobre a forma historicamente singular de objetos, regras de ação ou modos de relação de si, considerando ‘a maneira pela qual eles apresentaram numa dada época um certo tipo de resposta a um certo tipo de problema’. (WADI, 2012, p.3).

A história de Stela do Patrocínio é a base para a reflexão, ou seja, para a problematização acerca do que e de como uma pessoa institucionalizada pensava o saber médico, os lugares de sua internação, outras pessoas internadas e ela mesma, naquele *locus* específico e na sociedade que o produziu, visando entender a loucura por outro viés, além daquele promulgado exclusivamente pelos saberes existentes, dentre os eles, a ciência psiquiátrica.

Stela foi uma mulher que, por ser diagnosticada como louca, viveu internada, entre as décadas de 1960 e 1990, em uma instituição psiquiátrica, a Colônia Juliano Moreira, atual Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira, localizada na cidade do Rio de Janeiro. Porém, apesar das limitações impostas em função de sua condição de “doente mental”, deixou sua subjetividade extravasar por

¹ Este projeto é coordenado pela Profa. Dra. Yonissa M. Wadi, financiado com recursos das Chamadas

meio de sua peculiar forma de falar, o que a fez ser conhecida na década de 1980 e ganhar certa notoriedade no campo literário e artístico.

Seu “falatório” – expressão utilizada inúmeras vezes por Stela para referir-se ao que dizia – chamou a atenção de profissionais que trabalhavam naquela instituição e, por ser considerada, por muitos, como forma de expressão poética, foi publicado no livro “Reino dos bichos e dos animais é o meu nome” (PATROCÍNIO, 2009), organizado por Viviane Mosé, que deu origem a adaptações artísticas e a trabalhos científicos.

De acordo com Mosé (2009), quando a psicóloga Denise Correa convidou a artista plástica Neli Gutmacher para montar um ateliê de artes no pavilhão feminino daquela colônia, e Stela passou a frequentar as oficinas de artes em 1986, foi que seu comportamento singular, já visualizado, passou a receber mais atenção.

Stela, apesar de frequentar o ateliê, raramente utilizava os materiais propostos e praticamente não produziu nenhuma obra visual, apenas poucas palavras escritas em papelão. Estes trabalhos não foram guardados. Porém, seu “falatório” foi gravado em duas fitas cassetes, entre 1986 e 1988, por Neli Gutmacher e a então estagiária de artes visuais Carla Guagliardi. São gravações de conversas em que Neli e Carla fazem diversas perguntas à Stela. Outro registro de alguns “falatórios” de Stela foi transcrito para o papel por uma estagiária de psicologia, Mônica Ribeiro em 1991 (MOSÉ, 2009, p. 19).

De acordo com Aquino (2009), trechos escritos do “falatório” de Stela foram expostos, junto com outros trabalhos das internas da Colônia Juliano Moreira, na exposição “Ar Subterrâneo”, no Paço Imperial, em 1988. Nesta aparição, o “falatório” de Stela pôde ser apreciado pela primeira vez pelo público extramuros e algumas de suas frases foram tomadas pelo artista plástico e músico Cabelo e passaram a fazer parte dos shows da Banda Boato. Foi, contudo, a publicação do livro “Reino dos Bichos e dos Animais é o meu nome”, organizado pela psicóloga e filósofa Viviane Mosé, em 2001, que o nome de Stela passou a ser mencionado em outros ambientes e o seu “falatório” se tornou inspiração para criações artísticas e objeto de interesse para pesquisadores de diferentes campos do saber.

Segundo Mosé (2009), durante sua pesquisa de doutorado foi convidada pelo Museu Nise da Silveira para um trabalho no Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira (IMASJM). Neste trabalho, que tinha como objetivos organizar os materiais escritos de pacientes em uma publicação e realizar oficinas de literatura com

os internos, ela teve contato, pela primeira vez, com o “falatório” de Stela. Ela se interessou pelo conteúdo do “falatório” e propôs a organização do livro que foi publicado, em 2001, pela editora “Azougue Editorial” e indicado ao Prêmio Jabuti² de 2002 na categoria Psicologia e Educação. Recebeu nova edição em 2009.

O referido livro foi organizado em oito partes com compilações das falas de Stela classificadas de acordo com diferentes temas propostos pela organizadora: “Um homem chamado cavalo é o meu nome”; “Eu sou Stela do Patrocínio, muito bem patrocinada”; “Nos gases eu me formei, eu tomei cor”; “Eu enxergo o mundo”; “A parede ainda não era pintada de tinta azul”; “Reino dos Bichos e dos Animais é o meu nome”; “Botando o mundo inteiro para gozar e sem gozo nenhum”; e, “Procurando falatório”. Essas partes foram precedidas por dois textos introdutórios: “Estrela”, de Ricardo Aquino, então Diretor do Museu Bispo do Rosário situado na instituição e de “Stela do Patrocínio – uma trajetória poética em uma instituição psiquiátrica”, de Viviane Mosé.

O livro conta ainda com a transcrição de um trecho de entrevista de Stela concedida a profissionais da Colônia Juliano Moreira, intitulado “Stela por Stela”, uma cronologia dos acontecimentos mais importantes de sua vida, agradecimentos às pessoas que possibilitaram a publicação do livro e, por último, uma breve apresentação da organizadora do livro.

O “falatório” de Stela, neste livro, foi concebido como poesia. Isto, porque trechos foram recortados e apresentados em versos, além de serem descritos nos textos introdutórios de Viviane Mosé e Ricardo Aquino por esse prisma. Assim, a forma de apresentação das falas de Stela ao grande público foi construída pela percepção de Viviane Mosé de que elas eram poesias. Segundo essa autora, foi a sonoridade e as temáticas apresentadas no “falatório” de Stela, que a fez conceber o livro com os sete capítulos indicados acima, sendo eles correspondentes à vida dela na instituição, sua vida fora dela, seus pensamentos acerca do mundo, temas como sexo, alimentação, maternidade, sua autoimagem, família e a tristeza em saber que, mesmo com seu “falatório”, ela continuaria internada (MOSE, 2009).

² Segundo o site do prêmio, O “Prêmio Jabuti”, que, em 2013, está em sua 55ª Edição, é considerado um dos mais prestigiados e tradicionais prêmios da categoria literária no Brasil, é realizado pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), entidade que visa à promoção do mercado editorial brasileiro. (JABUTI, 2013).

Ressalta-se que Stela não foi quem idealizou a forma com que seu “falatório” foi apresentado. De fato, talvez ela nunca tenha pensado nele como expressão artística. Nesse sentido, a própria Viviane Mosé diz:

A primeira coisa que é preciso ressaltar, em relação à presente publicação, é que se trata de uma transposição: o que foi uma fala aparece aqui como uma escrita. Tratam-se de dois universos distintos e que permanecerão distintos. Não apenas porque desconhecemos o que Stela teria escrito, já que escrever respeita a um outro tipo de estruturação de linguagem, como também porque, ao transpor essa fala para a escrita, não estaremos reproduzindo o que ela disse. (MOSÉ, 2009, p. 19)

A publicação das poesias, organizadas na obra publicada em 2001, trouxe certa fama à Stela do Patrocínio, mas pouco se sabe de como seria a sua vida antes que o diagnóstico de Esquizofrenia fosse o subsídio para um longo internamento em uma instituição psiquiátrica. Os escassos dados sobre sua vida pregressa são descritos brevemente em seu prontuário³ de forma esquemática, como informações fornecidas em um questionário de admissão, e entrevistas ocorridas durante sua permanência na Colônia Juliano Moreira, atualmente IMASJM. No entanto, este documento traz informações muito importantes sobre a vida de Stela durante os trinta anos em que ela viveu dentro da instituição: as práticas discursivas dos profissionais que atuaram nesse período, os procedimentos terapêuticos a que ela foi submetida, informações de como era o relacionamento dela com outras internas, suas estratégias de resistência ao saber médico, enfim, muitos vestígios de sua passagem pela colônia.

Sobre as circunstâncias de sua internação, Mosé (2009) e Aquino (2009) dedicam apenas poucas linhas, possivelmente baseadas em informações contidas no prontuário de Stela. Aquino (2009) comenta que o internamento de Stela ocorreu em 1962, no Centro Psiquiátrico Pedro II e que, em 1966, ela foi transferida para a chamada Colônia Juliano Moreira, onde viveu até sua morte, quase trinta anos depois. Mosé (2009), por sua vez, acrescenta apenas que, aos 21 anos, após passagem pela Quarta Delegacia de polícia, ela deu entrada no Pedro II com o diagnóstico de “personalidade

³ O prontuário de Stela do Patrocínio foi gentilmente disponibilizado na íntegra pelo Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira. (IMASJM). O prontuário está no arquivo da referida instituição guardado em um envelope branco, tamanho A4, com o nome “Stela do Patrocínio/Pront 0694/CX 402”, escrito à mão. Ele é composto por cerca de duzentas páginas, porém, sem numeração. (COLÔNIA JULIANO MOREIRA, 1962).

psicopática⁴ mais esquizofrenia hebefrênica⁵, evoluindo sob reações psicóticas” (MOSE, 2009, p. 15).

O último suspiro de Stela do Patrocínio, em 1992, ainda ocorreu na instituição de assistência psiquiátrica na qual viveu grande parte de sua vida, porém sua voz ainda pode ser ouvida em outros ambientes graças a pessoas que acreditam que ela é importante, seja pelo seu valor artístico, seja pelo que ela representa para a ciência e/ou para as políticas de assistência ao louco. Várias pessoas se interessaram por Stela e apossaram-se de sua voz desde que ela foi “descoberta” na Colônia Juliano Moreira. Diversos trabalhos referentes a sua vida e ao seu “falatório”, dentre os quais esta dissertação, foram produzidos desde então.

Durante muitos anos, as falas que Stela proferiu se perderam entre os muros reais e imaginários em que a doença mental a aprisionou. Pouco se pode saber sobre o que ela disse ou sobre suas reflexões acerca da própria vida, ou sobre sua condição de mulher, negra e pobre em situação de internação psiquiátrica, pois, durante um longo período de tempo, para representantes do saber psiquiátrico no Brasil, as manifestações dos loucos não tinham outro valor a não ser o clínico, única forma de verificar e avaliar sintomas.

Parece ter sido somente após as mudanças ocorridas com a chamada Reforma Psiquiátrica⁶ no Brasil, a partir do final da década de 1970, que o “falatório” de Stela

⁴ De acordo com o “Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM (1952) – em português, Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais –, em sua primeira versão, vigente na época da internação de Stela do Patrocínio, o termo “Personalidade Psicopática” referia-se a um tipo de personalidade emocionalmente instável, em que o indivíduo reagiria com excitabilidade ou de forma ineficaz quando exposto a pequenas situações de estresse. Apesar do DSM não ser muito difundido no Brasil, na época em que Stela recebeu seu diagnóstico os profissionais utilizavam, para a construção de diagnósticos, os manuais de psicopatologia escritos por psiquiatras renomados, mas, pelo DSM é possível aproximar-se da noção então vigente e, assim, saber que o sujeito, diagnosticado como tendo personalidade psicopática, apresentaria julgamento pouco confiável sob estresse e seu relacionamento com outras pessoas seria carregado de atitudes emocionais oscilantes, em função de fortes e mal controlados sentimentos de hostilidade, culpa e ansiedade.

⁵ O DSM (1952) referia a Esquizofrenia como um conjunto de reações psicóticas caracterizado por perturbações na percepção da realidade, na formação de conceitos, nas relações afetivas, no comportamento e com distúrbios intelectuais em diferentes graus. O referido transtorno era descrito ainda como sendo marcado por forte tendência à fuga da realidade, por desarmonia emocional e imprevisibilidade na corrente do pensamento e comportamento regressivo. Já a Esquizofrenia do tipo Hebefrênica, diagnosticada em Stela, era descrita na época como um transtorno onde eram prevalentes as reações emocionais superficiais impróprias, como o riso imprevisível, comportamento “tolo” e maneirismos. Além de delírios, muitas vezes de natureza somática, alucinações e comportamento regressivo.

⁶ Segundo Yasui (2006), a Reforma Psiquiátrica foi um processo político de transformação social que abarcou mais do que mudanças pontuais no campo da saúde mental. Foi um movimento de luta política e ideológica, de disputa entre a liberdade e o controle, entre a inclusão e a segregação, que tentava trazer a discussão sobre os direitos dos loucos a toda a população, pautado em ideais de transformação social.

passou a ser ouvido como algo além de sua doença, quando psiquiatras e outros profissionais, cuja visão coadunava-se com os preceitos da reforma adentraram na Colônia Juliano Moreira. Esse movimento social, de acordo com Yasui (2006), fez com que as questões relacionadas à saúde mental fossem pensadas de forma mais politizada, principalmente na luta contra as instituições psiquiátricas, trazendo reflexões críticas que provocaram rupturas epistemológicas e possibilitaram a criação de novas estratégias de cuidados aos loucos.

No ano de 1981, segundo Lougon (2006), cerca de 140 funcionários técnicos foram contratados na Colônia Juliano Moreira, em sua maioria, profissionais de saúde mental, como psiquiatras, psicólogos, terapeutas ocupacionais, assistentes sociais e enfermeiros, além de clínicos gerais, odontólogos e nutricionistas. Aqueles que participavam previamente dos grupos favoráveis à reforma, como o Movimento dos Trabalhadores de Saúde Mental, e possuíam maior afinidade político-ideológica e formação teórica voltada para a medicina social e à saúde pública.

Assim, a contestação das práticas autoritárias ou repressivas, a busca de alternativas terapêuticas fora dos remédios e eletrochoques e a tentativa de democratizar o hospital eram temas que criavam coesão entre os membros deste grupo, possibilitando-lhes movimentar-se organizadamente na direção de seus objetivos comuns (LOUGON, 2006, 33).

A importância póstuma dada ao “falatório” de Stela e a sua vida, assim como o fato dele ter sido recolhido e sofrido intervenções externas – das pessoas que gravaram suas falas e daquelas que selecionaram trechos a serem publicados –, podem ser o exemplo de uma tendência apontada por Artières (1998). Segundo o autor, o interesse em registrar documentos autobiográficos, como uma forma de comércio, surgiu a partir do século XIX. Textos autobiográficos passaram a ser valorizados e vendidos e para um crescente número de consumidores ávidos por informações referentes aos sentimentos, paixões, afeições, ambições e cóleras de pessoas dispostas a compartilhar seus pensamentos mais íntimos.

O material produzido a partir do “falatório” de Stela do Patrocínio revela muito de sua época e do lugar onde ela viveu. É o que Arfuch (2012) chama de “pequenas narrativas”, ou seja, uma versão diferenciada das falas das “grandes narrativas” da modernidade. Pequenas histórias que ouvimos, mesmo que no silêncio da leitura, um registro com contornos biográficos, familiares, que revelam traços de uma memória compartilhada, que manifestam, de maneira emblemática, traços sociais de um tempo.

Essas histórias, nem sempre são escritas, mas revelam uma "narrativa do eu"⁷, o que é nítido no “falatório” de Stela, pois ela tenta explicar para si e para os outros sua própria vivência, utilizando, para isso, elementos linguísticos, históricos e culturais de seu tempo. Ele deve ser, portanto, compreendido como tal. Como objeto repleto de sentido, mesmo que, à primeira vista, pareça não o ter. Ele é um discurso que tenta tornar inteligível o mundo e as relações entre as pessoas de um tempo e lugar, assim como outros discursos dotados de maior valorização por serem pronunciados por aqueles que detinham o direito/poder de falar.

Refletir sobre as narrativas construídas durante a internação de Stela pode permitir, segundo Wadi (2011), um olhar sobre problematizações feitas por pessoas que pouco puderam se expressar:

Tais problematizações construídas por sujeitos que raramente puderam falar de si mesmos – desde que adentraram os muros das instituições, ou mesmo antes disto – e que, mais raramente ainda foram ouvidos, oferecem informações, pistas, vestígios, que ampliam significativamente a compreensão historiográfica sobre tais espaços, sobre o papel e o significado das instituições, de sua constituição em tempos passados até a contemporaneidade. Abrem também para instigantes questionamentos acerca dos limites do saber e do poder psiquiátrico e, especialmente, acerca dos diferentes sujeitos que ocuparam seus espaços (WADI, 2011, p. 250).

No caso de Stela do Patrocínio e de outras pessoas consideradas loucas, suas narrativas não foram ouvidas durante muitos anos, pois, segundo Foucault (1996):

Desde a alta Idade Média, o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros: pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância, não podendo testemunhar na justiça, não podendo autenticar um ato ou um contrato, não podendo nem mesmo, no sacrifício da missa, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo... (FOUCAULT, 1996, p. 10).

A interdição do discurso do louco como verdade, não corresponde, entretanto, ao seu silêncio completo, pois, ao longo da história, inúmeras terapias foram baseadas em seu falar, como afirma Wadi (2006a, p. 288),

⁷ Arfuch (2012) definiu "narrativas do eu" como sendo biografias, autobiografias, autoficções, diários íntimos, correspondências, testemunhos, entrevistas, filmes, *blogs*, *chats*, *fotologs*, dentre outros meios. Recursos utilizados por rostos, vozes e corpos que fazem uso das palavras para reivindicar autorias, reafirmar posições de agência ou autoridade, testemunhar suas vivências, desvelando assim suas emoções, ultrapassando limites não muito nítidos entre o público e o privado.

Até mesmo os alienistas dos séculos que se foram, deram a palavra aos loucos para que relatassem seus sintomas, para que dissessem dos males que os afligiam. No entanto, este falar, quase sistematicamente foi, e segue sendo ainda hoje, transformado em instrumento médico de confirmação de tal ou qual doença.

Para Foucault (1996), o aparato de saber utilizado para ouvir o que os loucos tinham a dizer, por si só, já tornava suas falas algo menos importante que a fala da razão:

... basta pensar em todo o aparato de saber mediante o qual deciframos essa palavra; basta pensar em toda a rede de instituições que permite a alguém – médico, psicanalista – escutar essa palavra e que permite ao mesmo tempo ao paciente vir trazer, ou desesperadamente reter, suas pobres palavras; basta pensar em tudo isto para supor que a separação, longe de estar apagada, se exerce de outro modo, segundo linhas distintas, por meio de novas instituições e com efeitos que não são de modo algum os mesmos. E mesmo que o papel do médico não fosse senão prestar ouvido a uma palavra enfim livre, é sempre na manutenção da censura que a escuta se exerce (FOUCAULT, 1996, p.12).

No campo da produção acadêmica sobre a loucura, também, imperou durante muito tempo uma desconsideração da fala do louco como fonte de conhecimento sobre a própria loucura, sobre as instituições ou sobre os saberes dedicados a ela (WADI, 2006). A fala dos loucos somente passou a ser ouvida de forma mais atenta, segundo Huertas (2013), na década de 1960 após o lançamento do trabalho de três autores – Michel Foucault, Erving Goffman e Thomaz Szasz –, que fizeram críticas, antes impensáveis, à ciência psiquiátrica que, naquele momento histórico, era considerado o único tipo de saber com legitimidade para se posicionar sobre a loucura e sobre as formas de tratamento dispensadas àqueles que, por algum motivo, eram considerados loucos. Esses autores inauguraram uma nova perspectiva de análise para a história da loucura e da psiquiatria, pois trouxeram novos elementos de análise, considerando a loucura e o louco como construções intelectuais que expressam relações de poder e que justificam a construção de instituições onde tais relações se constituem.

Anteriormente, de acordo com autores que atuam no campo da história da loucura e da psiquiatria⁸, tais como Huertas (2001), Sacristán (2005), Stagnaro

⁸ Segundo Wadi (2011), a “história da loucura e da psiquiatria” é um campo de análise historiográfica que emergiu entre as décadas de 1960 e 1970. Ele se constitui a partir de linhas ou tendências diversas, sendo que os trabalhos que adotam a proposição de analisar a loucura, a prática médica psiquiátrica e as

(2006), Venancio e Cassilia (2010a) e Wadi (2011), os primeiros trabalhos que se dedicaram a falar da loucura e da psiquiatria foram produzidos por aqueles que representavam o saber psiquiátrico, tais como psiquiatras ou dirigentes de instituições. São estudos que divulgam uma visão elogiosa à atuação dos pioneiros da psiquiatria e às práticas psiquiátricas destinadas ao tratamento dos chamados loucos. Essa visão, de uma história chamada *tradicional ou pioneira*, ainda permanece muito viva, destacando a importância das instituições e das personalidades que estão à frente das políticas assistenciais destinadas aos loucos (VENANCIO; CASSILIA, 2010a).

A *historiografia crítica* ou *revisionista* surgida a partir, principalmente, dos trabalhos de Porter e Foucault, possibilitou, segundo Huertas (2001), mudanças nas interpretações sobre a loucura e sua relação com a psiquiatria, ampliando as possibilidades de entendimento, por meio das leituras de materiais cujos conteúdos fossem externos ao próprio saber psiquiátrico, como aportes produzidos pelas Ciências Humanas ou Sociais. Neste prisma, a loucura passou a ser discutida como mito de construção social e o papel real das instituições psiquiátricas passou a ser questionado.

O estudo de Foucault (2012a) em sua obra “A história da loucura na idade clássica”, principalmente, é primordial para a história da loucura e da psiquiatria, pois ele questiona a primazia do saber médico sobre o louco, colocando essa relação como uma dentre as possíveis, desnaturalizando o conceito de que existe uma divisão clara entre a razão e a desrazão. Segundo esse autor, a oposição entre a razão e a loucura é uma invenção histórica e discursiva, inserida em determinadas configurações epistêmicas produtoras de verdades.

O historiador britânico Roy Porter é outra referência fundamental em uma leitura crítica sobre a história da loucura, pois, na década de 1980, ele propôs uma história da medicina baseada nas experiências e pontos de vista dos pacientes (HUERTAS, 2013). Para Porter (1991), é fundamental ouvir o louco objetivamente, pois isso nos leva ao conhecimento de uma rica faceta da experiência humana, com novas perspectivas da realidade:

instituições, além dos pressupostos do próprio saber psiquiátrico, utilizam aportes teóricos oriundos de disciplinas das Ciências Humanas e Sociais como a História, a Antropologia e a Sociologia.

Embora os loucos frequentemente pareçam tão alienados, tão alienados em suas mentes (acreditava-se) a ponto de necessitarem ser excluídos da sociedade, seus testemunhos denotam claramente, ainda que muitas vezes numa linguagem distorcida ou não-convencional, as ideias, valores, aspirações, esperanças e medos de seus contemporâneos. Eles usam a linguagem de sua época, apesar de muitas vezes de maneira nada ortodoxa. Quando lemos os escritos dos loucos, temos uma visão ampliada daquilo que pôde ser pensado e sentido num universo à margem (PORTER, 1991, p. 8)

Porter (1991) foi um dos primeiros pesquisadores que investigou os pensamentos e sentimentos de pessoas consideradas loucas utilizando, para isso, textos autobiográficos dos loucos com o intuito de tentar compreender o que eles efetivamente diziam sobre o mundo e sobre si mesmos. Sua intenção era essencialmente diferente da dos psiquiatras e psicanalistas que se dedicavam a decifrar os conteúdos inconscientes que acreditavam estar ocultos nos discursos dos loucos. Ele se preocupava em reconhecer na fala deles o mesmo valor histórico dado a outras fontes como as documentais ou aos relatos dos considerados normais.

Este autor afirmou não buscar sentidos ocultos nas falas dos loucos, mas sim o que eles efetivamente falavam sobre suas vivências sobre o que é ser louco e uma pessoa considerada louca. Queria, de fato, saber o que eles falavam sobre suas próprias vidas, sem minorar o que diziam.

Do mesmo modo que Porter, neste trabalho não nos interessa localizar no falatório de Stela elementos que podem sugerir uma ou outra enfermidade mental. Se era esquizofrênica, paranoica, neurótica não importa, já que toda classificação é fruto de uma construção social:

Todas as sociedades se organizam de modo a lidar com pessoas peculiares, cujo comportamento é esquisito, destrutivo ou perigoso: nesse caso, a loucura constitui um fato universal da vida. Mas o modo como tais peculiaridades são descritas, julgadas e tratadas, difere profundamente de sociedade para sociedade, de época para época e de sintoma para sintoma. Aqui encontramos um elemento de relativismo irreduzível (PORTER, 1991, p. 16)

Nesse sentido, este trabalho insere-se nas discussões que questionam a hegemonia do pensamento médico-psiquiátrico sobre o tema loucura, compartilhando da tendência contemporânea de estudos que colocam em evidência a vida das “pessoas comuns” e a forma com que elas pensam sobre elas mesmas, as instituições, os saberes e as relações de poder que permeiam toda sua existência. Ao atribuir importância a outros campos de saber e, principalmente, à visão das pessoas consideradas loucas,

pretende-se pensar sobre o processo de subjetivação do sujeito que viveu um internamento psiquiátrico, ampliando o que se sabe sobre estes sujeitos, sobre as instituições psiquiátricas, as relações de poder e resistência e as relações de gênero no interior dos espaços de internação, dentre outros aspectos.

A reflexão sobre o processo de subjetivação do sujeito louco é a questão central desta dissertação, considerando-se a perspectiva apresentada, inicialmente, por Michel Foucault e desenvolvida por Gilles Deleuze. Foucault definiu subjetivação como “um processo pelo qual se obtém a constituição de um sujeito, ou, mais exatamente, de uma subjetividade” (REVEL, 2005, p. 82). Este processo tem dois lados, segundo o autor:

... de um lado, os modos de objetivação que transformam os seres humanos em sujeitos - o que significa que há somente sujeitos objetivados e que os modos de subjetivação são, nesse sentido, práticas de objetivação; de outro lado, a maneira pela qual a relação consigo, por meio de um certo número de técnicas, permite constituir-se como sujeito de sua própria existência. (REVEL, 2005, p.82)

Percebemos nesta dissertação estes dois lados, ou seja, o da objetivação de Stela pelos diferentes discursos que a posicionam, especialmente o discurso psiquiátrico, e o da subjetivação como modo de invenção da própria vida, criação de uma forma de existência, principalmente através de seu falatório.⁹

Este último termo, de acordo com Deleuze (1992), é como uma dobra que permite o enfrentamento do sujeito com a linha do “fora” de si mesmo. Para Foucault, era preciso dobrar essa linha, que não é mais do que delírio ou loucura, para que, assim se possa constituir um lugar possível de ser vivido, onde se possa finalmente respirar, pensar.

Deleuze (2005) explica que Foucault considera em seus trabalhos três dimensões: as relações formadas sobre os saberes, as relações de força (poder) e a relação com o lado de fora. Mas e o lado de dentro, o interior do indivíduo? Este viria do lado de fora uma vez que o mundo exterior não tem um limite fixo, mas é constituído por movimentos, de “pregas e de dobras” (p. 104) que constituem um lado de dentro. Em *As palavras e as coisas*, Foucault discute que surge no lado de dentro do pensamento, o impensado, que já era ideado na era clássica. Desde o século XIX, esse conceito passa a ser visto como as dimensões da finitude que dobram o lado de fora e

⁹ FOUCAULT, M. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal; 1984.

que constituem uma profundidade, um lado de dentro da vida, do trabalho e da linguagem. “Ora é a dobra do infinito, ora a prega da finitude que dá uma curvatura ao lado de fora e constitui o lado de dentro” (DELEUZE, 2005, p. 104). É uma interiorização do lado de fora e não uma projeção do interior.

Deleuze então clarifica que subjetivação seria, portanto “... dar uma curvatura à linha, fazer com que ela retorne sobre si mesma, ou a força afete a si mesma. Teremos então os meios de viver o que de outra maneira seria invivível”. (DELEUZE, 1992, p. 141)

Para Foucault, a subjetivação está sempre ligada ao conceito de poder. Deleuze (2005) relembra uma importante passagem do texto foucaultiano sobre essa relação, colocando que o momento mais intenso na vida das pessoas, em que se concentra o maior investimento de energia é quando elas entram em choque com o poder, lutam contra ele e suas armadilhas. Para o autor, Foucault ainda poderia complementar esse pensamento dizendo que:

... os centros difusos de poder não existem sem pontos de resistência que têm de alguma forma, o primado, - e que o poder, ao tomar como objetivo a vida, revela, suscita uma vida que resiste ao poder – e, enfim que a força do lado de fora não para de subverter, de derrubar os diagramas. (DELEUZE, 2005, p. 101)

O modo pelo qual nos tornamos sujeitos está, de acordo com essa ideia, submetido a dispositivos de poder e de formações discursivas de saberes anteriores a nossa própria existência, porém, isso não significa que não exista resistência. Segundo Revel (2005), Foucault compreendia que é possível, para o sujeito singular, transgredir ou escapar de dispositivos de identificação, classificação e normatização do discurso. A resistência acontece onde existe relação de poder, isto porque ela é inerente às relações de poder. Ela está firmada nas relações de poder, tanto que é, por vezes, fruto dessas relações. Considerando que as relações de poder estão em toda parte, a resistência é possibilidade de criação de estratégias de luta e de transformação.

Para Revel (2005), a atração recíproca entre as relações de poder e as estratégias de resistência não implicam, necessariamente, em considerar as relações de poder como algo eminentemente ruim, frente à ideia libertadora de que o conceito de resistência pode, equivocadamente, suscitar. Assim, da mesma forma que é errôneo atribuir aos conceitos foucaultianos a concepção de que os indivíduos são assujeitados

de tal maneira que lhes são impraticáveis quaisquer possibilidades de luta e resistência, também não é correto acreditar que todas as relações de poder são, por si, fundamentadas em manobras pífidas.

É importante compreender isso, para não conceber o caso de Stela do Patrocínio como a história de uma simples vítima que viveu em uma instituição. Ela foi um indivíduo que, assim como outros, viveu um “modo de subjetivação”, constituído historicamente, isto é, viveu de uma determinada maneira para se constituir como um sujeito. Assim como os gregos, ela inventou uma noção, ou uma prática de modo de vida. Sua "subjetivação" foi a produção de um diferente estilo de vida, como entendia Foucault, de acordo com Deleuze (1992).

Resgatar a história de Stela do Patrocínio permite, também, refletir sobre como estavam estruturadas as relações de gênero, pensadas como relações de poder naquela instituição no período em que ela lá viveu¹⁰. A problematização feita por Stela do Patrocínio é de suma importância para compreender-se a construção de subjetividades no espaço de internamento, permeada pelo gênero e por outros atributos constitutivos dos sujeitos, como o lugar de classe ou da raça/etnia.

Enfim, pensar sobre as relações dinâmicas que marcaram as vidas das mulheres que passaram por situação de isolamento, como no caso, em uma instituição psiquiátrica, por meio da voz de Stela do Patrocínio é, também, abrir o leque de compreensão sobre a relação entre a loucura e o gênero. É compreender a história e as relações de poder, indo além dos estudos e discursos promulgados até hoje, baseados em saberes científicos produzidos e considerados como os legítimos enunciadores da verdade sobre a loucura. (WADI, 2006)

Este tipo de reflexão faz-se importante devido ao limitado número de trabalhos que colocam o ponto de vista da pessoa considerada louca como foco principal de atenção, assim como são escassas as pesquisas sobre as narrativas de mulheres institucionalizadas ou sobre a discussão acerca dos processos de subjetivação de tais pessoas.¹¹

Para Rago (2013), somente há pouco tempo, em decorrência das lutas das mulheres e dos movimentos feministas, é que as mulheres passaram a ser vistas como

¹⁰ Segundo Scott (1995), o gênero é um elemento que constitui relações sociais fundamentadas nas diferenças percebidas entre os sexos, sendo esse um primeiro modo de dar significado às relações de poder.

¹¹ Um dos raros trabalhos que problematiza tais relações é o de Wadi (2009).

sujeitos da história e serem mais valorizadas, inclusive nos meios literários. Partindo desse prisma, a atenção dada à Stela do Patrocínio, que levou ao lançamento do livro “Reino dos bichos e dos animais é o meu nome”, contendo fragmentos de seu falatório, bem como todos os trabalhos realizados após (inclusive esta dissertação), também se inserem nas perspectivas políticas e sociais defendidas, abertas e promulgadas pelo feminismo.

De um lugar estigmatizado e inferiorizado, destituído de historicidade e excluído para o mundo da natureza, associado à ingenuidade, ao romantismo e à pureza, o feminino foi recriado social, cultural e historicamente pelas próprias mulheres. A cultura feminina, nessa direção, foi repensada em sua importância, redescoberta em sua novidade, revalorizada em suas possibilidades de contribuição. (RAGO, 2013, p. 25).

Stela representa um grande grupo de mulheres que até pouco tempo atrás não era visto. Embora seja expressivo o número de mulheres institucionalizadas em hospitais psiquiátricos em todo o mundo, poucas receberam atenção ao que diziam ou sentiam sobre sua condição.

Assim como outras mulheres, ela adquire visibilidade ao contar a sua própria história. Essa possibilidade só pôde existir graças às lutas das próprias mulheres, muitas das quais no seio de movimentos feministas. Muitas, ao contarem suas histórias, reinventam-se e expressam sua maneira de pensar, o que marca o espaço social em que vivem e faz com que se destaquem das demais (RAGO, 2013).

Arfuch (2012) aponta que, nos últimos anos, as narrativas femininas, principalmente aquelas em que as mulheres aparecem em primeira pessoa durante narrativas autobiográficas, confessionais ou testemunhais têm tido especial destaque. Essas formas de expressão, ao emergir, estimulam uma multiplicidade de relatos nas mais diversas línguas e manifestações - cinematográfica, artística, antropológica - o que vem causando também um movimento de crítica em torno do sujeito, da linguagem, da narrativa e da própria noção de experiência. O caso de Stela, apesar de ser semelhante ao de muitas mulheres, não deve ser generalizado, embora detalhes de sua vida possam mostrar estratégias de autorrepresentação comuns a outras que passaram por situações parecidas.

Este trabalho está construído a partir da análise de discursos de pesquisadores e artistas que escreveram sobre Stela do Patrocínio, do exame das batalhas discursivas que surgiram a partir deles e do próprio discurso de Stela. A ideia é confrontar, por um lado, as diferentes narrativas sobre Stela e seu "falatório", publicados na forma de livro,

percebendo como foram construídos e que sujeito emerge deles (WADI, 2006, 2009; BORGES, 2010). Por outro lado, ao situarmos o "falatório" de Stela, também como um discurso, procura-se perceber o processo de subjetivação desta mulher através dele.

Discurso é entendido aqui sob a perspectiva de Foucault (1996), como um conjunto de enunciados, "vozes sem nome" que perpassam o tempo e proliferam-se indefinitivamente e que são produzidos em todas as sociedades. Mensagens organizadas, controladas e distribuídas por procedimentos, baseados em "vontades de saber" que são apoiadas por suportes institucionais que reforçam e reconduzem um conjunto de práticas, ou seja, não são apenas teorias e abstrações, mas práticas que articulam o discursivo com formas não discursivas. As práticas discursivas, segundo o autor, são:

... um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa. (FOUCAULT, 2009, p. 133)

Por outro lado, o termo "batalha discursiva" é utilizado nesta dissertação para situar os discursos heterogêneos que não "formam nem uma obra, nem um texto, mas uma luta singular, um confronto, uma relação de poder" que se desenrolam ao mesmo tempo e se entrecruzam (FOUCAULT, 1977, p. XII) e, neste contato/confronto, atuam construindo Stela e seu "falatório" /obra.

Partindo da análise de fragmentos de sua vida expostas em suas falas transcritas no livro "Reino dos bichos e dos animais é o meu nome" e de informações colhidas em documentos institucionais da Colônia Juliano Moreira, como o prontuário médico¹² de Stela do Patrocínio, a pretensão é relacionar sua própria reflexão sobre a experiência que a constituiu como sujeito louco (que é visível em seu "falatório"), com as configurações da assistência e da ciência psiquiátrica, no longo período em que Stela do Patrocínio viveu como interna na Colônia Juliano Moreira, compondo assim uma "antologia da existência" dessa mulher.¹³

¹² O prontuário médico, de acordo com o Conselho Regional de Medicina do Estado de Santa Catarina – CRM (2010), pode ser classificado como um apanhado de documentos, com certa padronização e ordenação, onde são registrados todos os cuidados profissionais aos quais são submetidas pessoas que passam por situação de internação. Uma discussão mais pormenorizada deste documento encontra-se no capítulo 2.

¹³ Esta é uma proposição do projeto de pesquisa coordenado por Wadi (2012), ao qual me vinculo, tomando-a como referência nesta dissertação.

Foucault (2003) em seu texto “A vida dos homens infames” concebeu a “antologia de existência” como um apanhado de informações sobre a vida de uma pessoa, perceptíveis apenas em poucas linhas, palavras ou páginas deixadas a esmo por esta ou sobre esta. Diz respeito à condensação de poucos fatos de vidas singulares ou o relato de trechos de vidas descobertas ao acaso em documentos e livros e não à totalidade de uma vida, o que difere a “antologia” da ideia de biografia.

Assim, tal como fez Foucault (2003), pretende-se fazer uma antologia da existência de Stela do Patrocínio, observando-se os fragmentos da vida dela, uma pessoa que não era representante de nenhum saber específico, que não era rica ou dotada de qualquer grandeza reconhecida. Enfim, umas daquelas existências predestinadas a não deixar rastros, mas cuja história traz elementos que podem ajudar a compreender melhor uma rica faceta da existência humana.

Não se trata de um levantamento biográfico, pois, de acordo com Levi (2000) há dificuldade em abordar por completo a vida de uma pessoa. Segundo o autor:

Pode-se escrever a vida de um indivíduo? Essa questão, que levanta pontos importantes para a historiografia, geralmente se esvazia em meio a certas simplificações que tomam como pretexto a falta de fontes. Meu intento é mostrar que essa não é a única e nem mesmo a principal dificuldade. Em muitos casos, as distorções mais gritantes se devem ao fato de que nós, como historiadores, imaginamos que os atores históricos obedecem a um modelo de racionalidade anacrônico e limitado. Seguindo uma tradição biográfica estabelecida e a própria retórica de nossa cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incertezas. (LEVI, 2000, p. 169).

Partindo de tais pressupostos, a dissertação foi dividida em três capítulos. No primeiro capítulo: “Discursos sobre Stela do Patrocínio e seu “falatório” aborda-se os distintos discursos que surgiram desde que o livro “Reinos dos bichos e dos animais é o meu nome” foi lançado e as batalhas discursivas travadas após tal aparição. Para este propósito, os diferentes trabalhos produzidos sobre Stela do Patrocínio e seu “falatório” são apresentados divididos por campos que correspondem, mais ou menos, às áreas do conhecimento: à literatura, à psicologia, à história e às artes. Buscou-se conhecer as diferentes “Stelas” que foram produzidas pelos trabalhos de pesquisadores e artistas, compreendendo que sujeito(s) emerge desta batalha discursiva.

O segundo capítulo, “A Colônia Juliano Moreira e Stela do Patrocínio” apresenta o cotidiano do lugar em que viveu Stela do Patrocínio a maior parte da sua vida, a Colônia Juliano Moreira. Busca-se conhecer as práticas discursivas que

instituíram relações entre Stela, médicos, funcionários e outros internos, na justaposição ou contraposição entre os vestígios da vida institucional existentes em seu prontuário psiquiátrico, seu “falatório” publicado no livro “Reino dos bichos e dos animais é o meu nome” e um conjunto de trabalhos científicos que tratam da assistência à saúde mental no período em que ela viveu na instituição, entre as décadas de 1960 e 1990.

O último capítulo, denominado “A louca, a preta, a mulher...: o processo de subjetivação no 'falatório' de Stela” apresenta o discurso de Stela do Patrocínio sobre si mesma, ou seja, as problematizações construídas por Stela em seu “falatório”, com destaque para suas questões sobre o que é ser considerada louca, sobre o que significa ser mulher, negra e pobre vivendo em uma instituição psiquiátrica, as quais contribuíram para compor o seu processo de subjetivação.

CAPITULO 1 – Discursos sobre Stela do Patrocínio e seu “falatório”

*Olha quantos estão comigo
Estão sozinhos
Estão fingindo que estão comigo
Pra poder estar comigo*

(Stela do Patrocínio)

De louca, paciente em instituição psiquiátrica a poetisa e artista, estes olhares sobre Stela do Patrocínio moldaram sua vida e fizeram com que, mesmo após a sua morte, seu nome seja lembrado e mencionado como alguém que passou pela experiência de clausura devido a sua condição de doente mental. Contudo, apesar de seu último suspiro ainda ter ocorrido em uma instituição de assistência psiquiátrica, em 1992, algumas práticas de atendimento já estavam sendo repensadas, graças às transformações acerca do olhar sobre o louco e sobre as instituições destinadas ao seu atendimento oriundas das discussões sobre a Reforma Psiquiátrica no Brasil, um movimento social que, segundo Yasui (2006, p. 26).

... buscou politizar a questão da saúde mental, especialmente, na luta contra as instituições psiquiátricas; produziu reflexões críticas que provocam uma ruptura epistemológica; criou experiências e estratégias de cuidado contra-hegemônicas; conquistou mudanças em normas legais e buscou produzir efeitos no campo sociocultural (YASUI, 2006, p. 26).

Stela do Patrocínio foi uma mulher cuja existência poderia ter passado despercebida, como a de tantas outras mulheres de sua época que tiveram vivência semelhante. Porém, as mudanças decorrentes da Reforma Psiquiátrica fizeram com que o olhar sobre aqueles que eram considerados loucos também mudasse, ao mesmo tempo, também ocorria uma valorização da história desses grupos marginais. A história desses homens e mulheres e sua trajetória de vida interessaram pessoas que não faziam parte do contexto hospitalar a que eles foram submetidos durante anos. Isto fez com que surgissem diversos trabalhos artísticos e científicos que trouxeram à tona distintos *discursos*, neste caso, especificamente, sobre Stela do Patrocínio e seu “falatório”.

Neste capítulo, apresentam-se os diferentes discursos que surgiram a partir do lançamento do livro “Reino dos bichos e dos animais é o meu nome” e as *batalhas discursivas* decorrentes deles. De forma semelhante ao que percebeu Borges, (2010) em sua tese de doutorado sobre Bispo do Rosário, homem que, assim como Stela, foi diagnosticado como louco e, mais tarde, reconhecido como artista plástico, não há um único sujeito, mas vários sujeitos emergem nos discursos oriundos das diferentes áreas de conhecimento, e, desses discursos produziram-se batalhas discursivas entre os pesquisadores e artistas que se dedicaram a pensar sobre Stela e seu “falatório”.

Para tal propósito, os trabalhos acadêmicos e artísticos que versam sobre Stela e seu “falatório”¹⁴ são apresentados e discutidos, considerando os campos ou áreas de conhecimento, às quais se vinculam, como a literatura, a psicologia, a história ou as artes.¹⁵ Ao final deste capítulo, são visualizadas e discutidas as “Stelas” que surgem como resultado das batalhas discursivas travadas entre os diferentes autores.

1.1 *Stela e o campo da literatura*

A partir do lançamento do livro “*Reino dos Bichos e dos animais é o meu nome*”, alguns autores do campo literário desenvolveram dissertações, teses e artigos científicos a respeito dessa obra oriunda do “falatório” de Stela, como os trabalhos de Regina Dalcastagnè (2002), Marcos Roberto Teixeira de Andrade de (2007), Gislene Maria Barral Lima Felipe da Silva (2008 e 2011), Renata Moreira (2008), André Montes Radomski (2009) e Maria Luiza Monteiro Guimarães (2009) e Tereza Virgínia de Almeida (2011).

A primeira a fazer essa referência foi Regina Dalcastagnè¹⁶, em 2002, para a revista “Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea”, ligada ao Grupo de Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea da Pós-graduação em Literatura da Universidade de Brasília, que é dedicado ao debate crítico sobre as diversas manifestações literárias brasileiras.

¹⁴ Uma lista dos trabalhos que versam sobre Stela do Patrocínio e seu falatório encontra-se no anexo 1.

¹⁵ Para a composição da revisão da literatura foram pesquisados artigos nos portais eletrônicos de pesquisa científica Periódicos Capes e Scielo, utilizando os termos “Stela do Patrocínio” e “falatório”. Foi percebida uma predominância de artigos, dissertações e teses na área da literatura e a inexistência de trabalhos na área da psiquiatria.

¹⁶ A autora é Doutora em Literatura e professora de literatura brasileira da mesma universidade.

Embora não tenha esboçado uma crítica específica sobre o “falatório” de Stela, Dalcastagnè, em seu artigo intitulado: “Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea” utiliza um trecho do livro “Reino dos Bichos e dos Animais é o Meu Nome”, como epígrafe de seu trabalho. O trecho citado por Dalcastagnè é:

Tem esses que são igualzinhos a mim
Tem esses que se vestem e se calçam igual a mim
Mas que são diferentes da diferença entre nós
(PATROCÍNIO, 2009, p.55).

O artigo trata sobre a representação literária de grupos marginalizados que a autora compreende como “... todos aqueles que vivenciam uma identidade coletiva que recebe valoração negativa da cultura dominante, sejam definidos por sexo, etnia, cor, orientação sexual, posição nas relações de produção, condição física ou outro critério” (DALCASTAGNÈ, 2002, p. 34).

O simples fato do nome de Stela ter sido lembrado em um trabalho, cujo cerne é observar a obra de autores que fazem parte dos chamados grupos marginalizados e a reivindicação sobre a necessidade de uma democratização da literatura, já denota a visão que Dalcastagnè tem sobre Stela e seu “falatório”, ou seja, ela representa uma voz dentre as vozes de pessoas marginalizadas e pouco ouvidas. O “falatório” de Stela, seguindo essa prerrogativa, seria uma forma de expressão legítima, ela representa a voz de pessoas que não preenchem alguns requisitos sociais e cuja fala teria sido controlada e/ou estigmatizada.

Nessa mesma perspectiva, uma ex-aluna de Mestrado e Doutorado da professora Dalcastagnè, Gislene Maria Barral Lima Felipe da Silva¹⁷, aprofundou a discussão sobre a emergência da democratização da literatura por meio da figura de Stela do Patrocínio em três trabalhos: o primeiro, um artigo publicado, em 2003, no periódico “Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea” chamado “Loucura, mulher e representação: fronteiras da linguagem em Maura Lopes Cançado¹⁸ e Stela do

¹⁷ A autora é pesquisadora da Universidade de Brasília e professora aposentada da Secretaria de Educação do Distrito Federal.

¹⁸ Maura Lopes Cançado, segundo Scaramella (2010), foi uma mulher considerada louca, autora de contos para o antigo suplemento dominical do Jornal do Brasil, o SDJB e também de um livro autobiográfico “Hospício é Deus”, contando sua história durante sua internação psiquiátrica no então Hospital do Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, entre os anos de 1959 e 1960. Ela passou por várias internações entre as décadas de 1950 e 1960, muitas vezes por vontade própria. Diferentemente de Stela, era branca e tinha uma família com considerável poder aquisitivo na época.

Patrocínio”; o segundo, sua tese de doutorado em Literatura e Práticas Sociais pela Universidade de Brasília: “Olhando sobre o muro: representação de loucos na literatura brasileira contemporânea”, de 2008; e, o último, de 2011, um artigo, publicado na Revista Cerrados, também, da Universidade de Brasília intitulado “O ‘falatório’ de Stela do Patrocínio: a palavra como resistência ou linguagem marginal da loucura”.

Em seu primeiro artigo, Gislene Silva (2003) discute o texto produzido por meio da fala de Stela e também o livro “Hospício é Deus”, de Maura Lopes Cançado. Esta última, apesar de ter tido uma vivência bastante diferente de Stela nas diversas instituições psiquiátricas pelas quais passou é considerada, pela autora, também uma representante legítima da fala da loucura: "Esses textos trazem o universo da loucura recuperado verbalmente por aquelas que nele vivem e ali se veem a construir sua identidade como mulheres loucas" (SILVA, 2003, p. 95).

Esta concepção coaduna-se com o que pensa Dalcastagnè, o qual fica ainda mais claro no trecho a seguir:

... nas obras de Maura Lopes Cançado e de Stela do Patrocínio pode-se ler uma versão da loucura por dentro, onde a construção da imagem estético-verbal da mulher louca se dá a partir das próprias integrantes do grupo marginalizado. (SILVA, 2003, p. 96)

Partindo destes pressupostos, a autora argumenta que o “falatório” de Stela pode ser considerado de valor político e transgressor por ser produzido por uma mulher, e mais, uma mulher considerada louca. Para a autora, este representa uma literatura marginal, pois questiona os discursos de cunho patriarcal, colocando em xeque a lógica racional, sobretudo, os valores e as normas de fórmulas literárias oficiais.

Silva (2003) reconhece em Stela grande capacidade de reflexão sobre sua própria condição de interna em instituição psiquiátrica, apesar de manifestar-se dentro de uma lógica particular. Esse entendimento sobre Stela, como uma mulher consciente de sua condição, é claramente observado nos trechos seguintes:

De modo muito particular lúcida de sua condição, ela descreve vários aspectos de modo de vida ultrajante que vive no hospício... (SILVA, 2003, p. 104)

O sofrimento crônico não leva à resignação, ao contrário produz no ser uma consciência lancinante de sua situação fazendo com que a palavra extrapole os muros da insanidade e se infiltre na razão para provocá-la e mostrar sua precariedade, sua insuficiência diante do humano. (SILVA, 2003, p. 105)

Mesmo não se assumindo como intelectual, Stela se reconhece como uma consciência que sobressai em uma multidão e pode contemplar as dolorosas circunstâncias em que sobrevive. (SILVA, 2003, p. 107)

Mas é nesse reconhecimento que está a força do discurso de Stela. Reconhecer-se como uma consciência que fala da margem da sociedade, do ponto de vista do recluso, abandonado e destituído de qualquer privilégio é o primeiro passo para fazer valor um discurso que possa ser significativo no sistema literário. E esse saber parece permear todo o seu “falatório”, no qual a linguagem da loucura é a própria linguagem da obra. Loucura significa então transgressão na medida em que fundindo-se linguagem da loucura e linguagem literária cria-se um novo código, nova forma de construir linguagem e literatura, nova forma de vivenciar a loucura. (SILVA, 2003, p. 108)

Em sua tese de doutorado, defendida em 2008, Gislene Silva aprofunda a reflexão sobre a representação dos grupos marginalizados na literatura brasileira, com enfoque no grupo daqueles considerados como indivíduos psiquicamente perturbados, conhecidos como loucos. Para tal objetivo, a autora recorre a obras de autores reconhecidos na literatura brasileira que trabalham a loucura, embora não vivessem, pessoalmente, em um processo de sofrimento mental, como Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa, Autran Dourado, Carlos Sussekind, Moacyr Scliar, Fernando Sabido; bem como trabalha com representações de pessoas que vivenciaram a situação da loucura, como as narrativas autorrepresentativas de Maura Lopes Cançado e Stela do Patrocínio.

Segundo a autora, Stela do Patrocínio expressa em seu “falatório”, publicado no livro “Reino dos Bichos e dos Animais é o Meu Nome”, uma fala lírica fragmentada, repetitiva, descentralizada e que remete a uma lógica particular, delirante. Além disso, segundo Silva (2008):

Em sua autorrepresentação, o eu lírico se reconhece como uma consciência que fala da margem da sociedade, do ponto de vista do indivíduo recluso e desamparado que enxerga na própria sociedade a origem de sua loucura, em cuja cronificação o hospital tem importância crucial. Revela as proibições de se manifestar livremente, circular com naturalidade pelos espaços e o constrangimento da privação de liberdade, expressando-se como condenada a cumprir uma sentença penal, submetida à convivência inevitável com outros indivíduos psicologicamente arruinados. Também é curiosa a forma de Stela pensar na sua posição e articular esses pensamentos em um texto que contém indagações ontológicas, onde sua origem humana, o ser e o estar no mundo, e o estranhamento diante da complexidade da existência constituem temas centrais. (SILVA, 2008, p. 15)

De maneira análoga ao seu artigo de 2003, em sua tese, a autora refere-se à Stela do Patrocínio como representante de uma minoria marginalizada no campo

literário. Silva reconhece também o papel de Viviane Mosé como coautora, uma vez que esta teve importância fundamental ao organizar o livro e trabalhar para que este fosse publicado e divulgado.

Além do seu valor como obra marginal, subversiva, que representa a voz de um grupo estigmatizado, Silva (2008) defende a qualidade literária do texto produzido a partir do “falatório” de Stela do Patrocínio por considerá-lo semelhante aos textos de autores modernistas¹⁹. Segundo a autora:

A própria ausência de títulos e de pontuação nos textos dessa obra faz lembrar poemas modernistas. Um exame da estrutura da linguagem dos textos fortalece ainda mais a argumentação de que a obra de Stela situa-se para além de uma fala em estado bruto, mas provavelmente se localiza nas adjacências da poesia em prosa e da prosa poética: a construção de imagens por meio de figuras de linguagem objetiva constrói o distanciamento próprio da poesia, mas também traduz uma visão íntima e particular do poeta a respeito dos temas (SILVA, 2008, p. 186).

Para Silva (2008), o texto produzido a partir do “falatório” de Stela do Patrocínio, apesar de, aparentemente aleatório, apresenta uma ordem interna o que pode caracterizar uma proposta literária. Ao mesmo tempo em que utiliza uma linguagem lírica, pode-se ver em seu conteúdo narrativo o enredo de sua história de vida. É, segundo a autora, uma “obra instigante” (p. 187), pois foge às fórmulas literárias já existentes.

Silva, em seu artigo de 2011, não apresenta muitos elementos novos sobre Stela do Patrocínio, além daqueles discutidos em seus trabalhos anteriores. Neste, continua afirmando que a fala de Stela chama a atenção por tratar-se de um discurso que cria tensão, que começa ordenado, mas que se fragmenta e constrói-se dentro de uma lógica particular e, também, por tratar de temas ontológicos e de estranhamento diante da complexidade da existência humana. Para esta autora, apesar de parecer ter uma lógica aleatória, há uma rígida ordem nessa literatura do inconsciente, que sustenta uma proposição literária. O texto de Stela baseia-se em uma linguagem lírica, apesar de tratar-se de uma narrativa em que a autora relata suas experiências cotidianas.

¹⁹ Segundo Bosi (2006), o Modernismo foi uma corrente literária que surgiu após a Semana de Arte Moderna de 1922 e que traz como uma de suas principais características a revolução estética e temática da produção da literatura no Brasil. A partir desta corrente, qualquer pessoa pode se tornar produtora, criadora ou autora de obras literárias.

Imersa em um universo dramático, a autora encaminha seus profundos embates com o mundo e com sua subjetividade numa perspectiva diferente de tantas outras, conservadoras, perceptíveis na instituição e na sociedade que emergem de seu texto. Esse discurso mergulhado no internamento e na exclusão propicia o conhecimento mais direto e próximo da realidade, enquanto a aproximação com o eu da escrita promove um contato com sua subjetividade, descortinando o véu da loucura e deixando clara a humanidade do louco. (SILVA, 2011, p. 244)

Silva (2011) afirma, portanto, que Stela do Patrocínio é uma autora, cuja importância, ainda não foi reconhecida, pois sua obra foge dos padrões cultos da literatura. Para a autora, a obra de Stela representa a loucura e o ser mulher diante de um discurso científico que valorizava aspectos masculinos e colocava a feminilidade como principal causa de uma possível doença.

“Reino dos bichos e dos animais é meu nome” apresenta a perspectiva feminina sobre a insanidade e encontra-se à margem do padrão literário oficial. Essa obra, em que a mulher louca se autorrepresenta, tem mais a nos dizer sobre a experiência da loucura da mulher que o clássico discurso psiquiátrico masculino-universal que tendia a considerá-la como efeito da hereditariedade e da degeneração. Insistindo na insanidade como decorrência de uma causa física, o aparelho reprodutivo era apontado como principal fonte da loucura da mulher. Os textos de Stela do Patrocínio confirmam que o conceito da loucura feminina, tantas vezes romanticamente estereotipada, está bem próximo daquilo que propõe Michel Foucault, é mais cultural e histórico, que propriamente médico. (SILVA, 2011, p. 254)

Maria Luísa Monteiro Guimarães²⁰, em sua dissertação, defendida em 2009, compreende que a obra de Stela tem importância política. Argumenta que o enfoque pela arte foi um recurso utilizado para legitimar sua linguagem, excluindo uma possível representação de patologia ou rompimento com os limites da razão.

O texto de Stela sinaliza um desejo de rasurar qualquer teto do sistema institucional que, sob o pretexto de tratamento para protegê-la, quer aprisioná-la. Defesa na vida contra qualquer coação, um desejo contra tudo que possa capturá-la. Nessa luta para dar vida à vida, Stela se lança ao caos e nele traça planos e encontra forças para saltar do caos à composição. (GUIMARÃES, 2009, p. 41)

Para Guimarães (2009), Stela pode ser vista como uma vítima da violência institucional que teve o destino de viver em um hospital psiquiátrico, mas que carrega os traços da resistência à disciplina e aos modos de subjetivação impostos por agentes

²⁰ A autora é mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro na área de Literatura Brasileira,

exteriores, como a resistência aos tratamentos psiquiátricos. Assim, suas falas podem ser entendidas como:

... uma experiência poética que expressa uma estética da vida, uma imagem potente de pensamento, ou antes uma série de imagens do pensamento, que vêm a configurar o pensamento-artista, pensamento como processo de subjetivação, que inventa um modo de existência. [...] Suas frases transitam entre a desrazão e a loucura, na dobra, campo de modalidades intensivas. (GUIMARÃES, 2009, p. 10)

A fala de Stela do Patrocínio, para essa autora, é vista como literatura, porém não se adapta a um padrão fixo. Guimarães concebe que Stela tem autonomia e consciência de seu estado e que, embora tenha contato com a loucura, não se deixa levar pelo desatino.

Outro autor que lê o trabalho publicado a partir do “falatório” de Stela como uma obra literária é Marcos Roberto Teixeira de Andrade²¹. Em um artigo publicado, em 2007, na Revista Gatilho, uma publicação do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFJF, o autor relata sua visão do livro oriundo das falas de Stela do Patrocínio:

... num primeiro contato com sua escrita, o leitor é impactado por uma sensação de estranhamento. Nada faz sentido, parece. Uma sintaxe desarmonica, concordâncias verbais e nominais abstrusas, raciocínios paradoxais ou, por vezes, tolos, isso contribui para uma percepção (verdadeira?) de ausência da razão no seu texto. De fato, à primeira vista, o texto de Stela parece-nos ilógico. [...] Sentimo-nos como que imersos em uma realidade delirante; e, provocados por essa realidade, *estranhamente familiar*, optamos por um julgamento prévio – que afirma: “esse texto é irracional” (ANDRADE, 2007, p. 4, grifos do autor).

Apesar deste “estranhamento”, Andrade (2007) reconhece que existe nos textos de Stela uma lógica própria, que, por não ser a lógica dominante, nos parece incoerente, o que ele chama de “lógica-ilógica”. Concebe que o texto cria uma tensão para o leitor que tenta sempre preservar sua própria lucidez, por isso ele incomoda, perturba quem o lê.

Analisando trechos da obra "Reino dos bichos e dos animais...", esse autor discute as relações entre razão e loucura, loucura e leitor, loucura e alteridade, afirmando a existência de racionalidade na obra e argumentando que Stela, ao fazer

²¹ O autor é doutor em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Juiz de Fora e professor de Língua e Literatura Latinas pela mesma universidade,

jogos de palavras, constitui-se como uma “maga das palavras” (ANDRADE, 2007, p. 07).

Já Tereza Virgínia de Almeida²² em artigo, de 2012, intitulado “Corporeidad y experiencia del limite em la performance vocal de Stela do Patrocínio”, publicado na *Primeras Jornadas de Estudios de la Performance* da Facultad de Filosofía y Humanidades y Facultad de Artes de la Universidad Nacional de Córdoba, também se refere à lucidez de Stela ao falar de sua condição, de sua experiência do limite. Argumenta que, por viver sem medicação, Stela vivia em uma fronteira na qual a palavra era opção de vida, o que provocava a reflexão sobre a loucura e sobre as instituições.

A autora também reconhece que o “falatório” de Stela poderia reivindicar uma posição nos cânones literários, dada a sua originalidade, porém, isso seria subjugar Stela à outra instituição, além da psiquiátrica, a instituição literária, que também é detentora de dispositivos próprios para exercitar poder sobre os discursos. Por esse motivo, a autora prefere chamar o “falatório” de Stela de *performático* (ALMEIDA, 2012, p. 9).

Segundo Almeida (2012), o mais impressionante no “falatório” de Stela surge em função de sua experiência de clausura, sua lírica trata da gênese do corpo, de seu destino institucional e da palavra como ação. Sua palavra se faz lúcida, uma dobra sobre si mesma. Ao falar de coisas simples, Stela, de acordo com Almeida (2012), evoca elementos considerados típicos do imaginário infantil. Fala de coisas concretas e tangíveis, apresentando interrogações diante do mundo, ao mesmo tempo em que o ritmo de sua fala revela partes de um universo invisível e oculto.

Almeida (2012) refere ainda que, por sua condição de esquizofrênica, Stela detém um discurso transcendente, que ocupa uma posição de saber sobre sua origem e sobre o desconhecido. Diferente de outras pessoas em condição semelhante, Stela não utiliza o discurso místico na maior parte do tempo, mas fala de um estado anterior ao seu nascimento, como se tivesse o poder de ver além de sua própria existência.

Entretanto, a visão do “falatório” de Stela como representante legítima de um grupo reconhecidamente marginalizado e que, ao mesmo tempo, apresenta traços de genialidade literária, não é unânime. Renata Moreira (2008)²³, por exemplo, questiona a qualidade artística da obra de Stela no trabalho “Entre palavras, cores e brinquedos –

²² A autora é cantora, atriz e também pesquisadora. Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e Pós doutora em Linguística, Letras e Artes pela Stanford University.

²³ A autora é Doutora em Literatura Brasileira pela UFMG e professora da Facisa, de Belo Horizonte.

pensando a arte a partir de Arthur Bispo do Rosário e Stela do Patrocínio”, que foi publicado como capítulo do livro “A vida ao rés-do-chão: artes de Bispo do Rosário”²⁴, pela Editora 7 letras, no ano de 2008.

Essa autora argumenta que a produção literária atribuída à Stela do Patrocínio pode até ser de interesse para a psiquiatria, mas não é arte, até porque não há relatos de que ela tivesse participado de discussões sobre poesia em sua época. Além do mais, o simples fato de Stela, em momento algum, ter expressado a vontade de ver a sua fala publicada na forma de livro, por si só faz com que seja posto em dúvida o seu papel autoral e seu desejo de ser vista e classificada como poetisa.

Moreira (2008) fez seu trabalho comparando as produções feitas por Bispo do Rosário e o livro originado do “falatório” de Stela. Segundo ela, ambos, além de terem vivido na mesma instituição psiquiátrica, têm em suas histórias pontos em comum como, por exemplo, o fato de serem nomeados como artistas, embora eles próprios nunca tenham se reconhecido como tal. A autora ainda apontou que os dois, inclusive, não são representantes do movimento de valorização da criação do louco, surgido primeiro pelo trabalho de Nise da Silveira e depois com a Reforma Psiquiátrica.

As obras de Arthur Bispo do Rosário e Stela do Patrocínio, entretanto, não participam desse movimento de valorização criativa do paciente psiquiátrico estabelecido a partir de Nise da Silveira. Bispo, como sabemos, produz desde muito antes dessa inovação, não tendo participado das oficinas realizadas na Colônia. Stela, apesar da frequência com que visita o ateliê estabelecido no Núcleo Teixeira Brandão, não produz a partir de tais expectativas, tendo, na relação com a palavra, seu verdadeiro veículo expressional.” (MOREIRA, 2008, p. 14)

Partindo desta reflexão, isto é, de que a própria Stela não reconhece sua obra como arte, Moreira (2008) continua:

Se efetivadas a partir de uma *intenção* que não se volta diretamente para o artístico, com seus problemas próprios, é válido chamar essas realizações de produtos de arte? Se seus autores não as autorizam dessa forma, por que alcunhá-las sob tal pecha?

Esse problema – se é que realmente se funda como problema – não é novo. Creio que é flagrantemente fácil enxergar a fala de Stela como fruto de delírios oriundos de seu problema psiquiátrico, ou, de modo igualmente rápido, encapsular a produção de Bispo como inequívoco exemplo de arte,

²⁴ Bispo do Rosário também viveu como interno durante anos na Colônia Juliano Moreira e é considerado atualmente um ícone das artes plásticas no Brasil. Uma discussão sobre a construção de Bispo como artista pode ser vista em Borges (2010).

sem colocar ambas as questões sob o viés da indagação. Delírio? Arte? Por quê? (MOREIRA, 2008, p. 15).

Além deste argumento, a autora relaciona outras duas questões para fundamentar sua dúvida quanto ao conceito de arte, arte que é atribuída a Stela do Patrocínio e a Bispo do Rosário: os problemas internos da obra e a loucura dos produtores.

Quanto aos problemas internos da chamada “obra” de Stela, Moreira (2008) aponta que, apesar dela demonstrar alguns pontos semelhantes a autores e poetas de sua época, não existem indícios de que ela estaria consciente desses movimentos artísticos e literários:

Como disse anteriormente, Stela esteve ausente de uma discussão sobre a poesia do período, ainda que produzisse – sob outro enfoque – material poético. Excluída do dizer e também do ouvir, alijada que estava do convívio social, não pôde, como também já dissemos, realizar em palavras um conceito próprio daquilo que, porventura, encarasse como arte. (MOREIRA, 2008, p. 18)

Outro argumento que Moreira (2008) sustenta é o de que a loucura dos autores pode ter influido na aceitação deles como artistas. Seria um caso de preconceito às avessas, pois, tanto Bispo como Stela somente foram valorizados em função de seus diagnósticos, e a divulgação de seus trabalhos tem mais um sentido político que, necessariamente, artístico.

No ano seguinte, 2009, outro pesquisador de literatura, André Montes Radomski defendeu a sua Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa pela Universidade Fluminense, intitulada “Leituras da Desrazão: entre a poesia e a loucura”. Nesta, o autor versou sobre Stela do Patrocínio e seu “falatório”, questionando, também, a forma como se deu a publicação de “Reino dos Bichos e dos Animais é o Meu Nome” e a sua aceitação pelo público, face às questões políticas decorrentes da Reforma Psiquiátrica.

O autor aponta que o conhecimento prévio de Viviane Mosé sobre poesia foi o responsável por colocar o “falatório” de Stela como obra poética e que os textos introdutórios de Aquino e Mosé têm a função de apresentar a obra para o mundo, assegurando sua recepção e consumo, sob a forma de um livro. Seria uma estratégia para inserir a fala de Stela como poesia e buscar a aprovação por parte do leitor das falas de Stela enquanto dignas de publicação, dotadas de qualidade literária.

Acreditamos que as condições de produção das falas de Stela, ou seja, dentro de um manicômio, sem intenção por parte da “autora” de considerar suas falas poesias são condições opostas às esperadas de uma produção poética, criando, portanto, o desejo de legitimá-las como produção digna de publicação. (RADOMSKI, 2009, p. 42).

Radomski (2009) concebe que discursos de outras pessoas legitimam a classificação da fala de Stela como poesia, o que é resultado do engajamento e convicção alheios aos anseios pessoais dela. Assim, há uma tentativa de “poetização” desses textos, pois quem dá um sentido à obra é Mosé, a qual organiza o discurso de Stela e coloca-o em capítulos.

Percebe-se que a poetização das falas de Stela, da edição de sua fala até à publicação de sua “poesia”, liga-se inevitavelmente ao redimensionamento do papel social de Stela, de interna asilar à poetiza. Entendendo poetização como o ato de fala que visa explicitar, outorgar, dar a algo ou alguém status de produção/produto ou produtor do discurso poético, vemos que a poetização, presente das mais diversas formas nos paratextos, procura transformar respostas de entrevistas em texto poético, procura transformar uma falante em uma poetiza (RADOMSKI 2009, p. 52).

De acordo com Radomski (2009), os textos de Stela não seriam necessariamente textos poéticos em sua definição mais restrita, mas suas “brincadeiras” com a materialidade significante refletem a função poética. Em outras palavras, as suas falas têm uma função poética, mas não podem ser confundidas com poesia, uma vez que, citando Freud, os “jogos linguísticos, o tratar as palavras como objetos não são sinônimos de poesia” (p. 50).

Da mesma forma que Moreira (2009), Radomski (2009) questiona as intenções de Stela em publicar sua obra. Além do mais, explana que, em alguns aspectos, sua obra pode ser considerada pela psicanálise como manifestação de sintomas esquizofrênicos.

Portanto, esse autor acredita que a história do nascimento do texto influencia na leitura, já que toda informação conhecida sobre uma obra (tais como a idade do autor, sexo, história, data de publicação, prêmios ganhos e gênero literário), pesa sobre sua recepção. Assim, situa a aceitação da obra de Stela entre dois polos: de um lado estão os que aceitam sua fala como impulso poético que convivia com a esquizofrenia, e, por outro, aqueles que consideram sua fala tão atípica uma consequência de um distúrbio mental, um discurso delirante. Os primeiros aceitariam mais facilmente a publicação da obra, pois, mesmo que considerassem os textos má poesia, ainda a veriam

como poesia. Já os últimos, dificilmente acolheriam a publicação e poderiam ver essa tentativa como uma forma de tornar rentável um sintoma (RADOMSKI 2009, p. 82).

1.2 Stela no campo da psicologia

Na área de saúde mental, pesquisadores na área de Psicologia desenvolveram trabalhos sobre Stela do Patrocínio, como Sílvia Maria Roncador Borges, Andrea Menezes Masagão, Silvana de Oliveira Tatto e Marcos Pippi. Sílvia Roncador Borges, em sua monografia para conclusão de curso de Psicologia na UniCEUB de Brasília, “Revisitando a loucura: um olhar de dentro”, de 2003, propõe uma abordagem em que se privilegia a visão do louco (por ele mesmo), e, assim defende a ideia de que Stela, ao falar de sua subjetividade, denunciava o sistema de padronização do ambiente hospitalar em que vivia.

Partindo dos preceitos de Foucault e de Basaglia, Sílvia Borges (2003) faz uma análise do livro “Reino dos bichos e dos animais é o meu nome” e caracteriza-o como uma obra testemunhal, colocando Stela do Patrocínio no papel de porta voz dos marginalizados e internos em hospitais psiquiátricos, o que pode ser visto nos seus dizeres:

Stela surge então com um propósito que foge a sua consciência. De pessoa sem rosto, invisível, sem ser, passa a sujeito dotado de sentimentos, de vida pessoal, de querer, de gosto, de não-gosto. Por virar pessoa, virou também instrumento. E é nessa passagem que transcendeu a sua condição pessoal. Virou social, virou representante de um grupo muito grande de pessoas que como Stela sofrem anonimamente. Seu “falatório” engrossou o coro de pessoas que denunciam esse complexo sistema que vai desde o consentimento ideológico social, como a naturalização da exclusão social do louco, até as práticas concretas de crueldade ainda existentes nos hospitais e clínicas psiquiátricas (BORGES, 2003, p. 23).

Por outro lado, tanto Masagão (2004) como Tatto e Medeiros (2012), não reconhecem a função do “falatório” de Stela como uma obra testemunhal ou que represente a voz de uma minoria, mas concebem sua fala, fundamentalmente, como uma manifestação de sintomas psiquiátricos.

Andrea Menezes Masagão²⁵, no artigo publicado pela Revista Psicologia USP, de 2004, “A Gramática do corpo e a escrita do nome”, analisa o conteúdo do “falatório” de Stela através de um viés psicanalítico/laciano, a fim de compreender a função que a escrita tem para o psicótico, como para tomar forma, fazendo uma articulação entre a escrita, o corpo e a escrita do nome.

A escrita de Stela aparece como um ato, pois é no tempo da escrita que Stela produz forma e toma forma. Mas Stela não se fixa na forma que toma, ela é encarnação de um fluxo infinito, incessante de formas. É preciso recomençar sempre, a cada letra posta no papel. (MASAGÃO, 2004, p. 266)

Pelo mesmo caminho, Silvana de Oliveira Tatto²⁶ e Marcos Pippi de Medeiros²⁷ analisam os textos de Stela, assim como de outros psicóticos, como forma de inscrever o sujeito. Os autores, no artigo “A Escrita da Loucura”, publicado em 2012 pela Psicanálise & Barroco em Revista, tomam por base que, ao escrever, o psicótico cria forma, um corpo, um nome próprio que pode ser transmitido. Atentam para o fato de que a função da escrita do psicótico difere da do neurótico, na medida em que no primeiro há uma falta de conexão, que causa estranheza ao leitor, o que não acontece com o segundo (TATTO; MEDEIROS, 2012, p. 86).

Tatto e Medeiros (2012) também citam Masagão e sustentam que, no “falatório” de Stela, é possível perceber a relação que é comum na escrita dos psicóticos: o corpo, o nome próprio e o sintoma. Para tal, utilizam a psicanálise a fim de explicar a aparente incoerência dos textos de Stela, onde questões inconscientes referentes às simbolizações maternas e paternas se manifestam.

... é através da escrita tomada como suplência que o psicótico inscreve-se, produz corpo, cria um nome, uma identidade, procura barrar a invasão do exterior da qual é acometido o tempo inteiro. Isso não quer dizer que o sujeito não continue delirando, até porque se sabe que os delírios também são uma tentativa de cura para o psicótico e se tornam criações por excelência. A escrita na psicose não é uma escrita qualquer, diz respeito somente a quem escreve, nem sempre precisa estar sujeita à compreensão (TATTO; MEDEIROS, 2012, p. 94).

²⁵ A autora é Doutora em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo, Pós Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas, membro do Núcleo Paulista do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos – EBEP e pesquisadora associada do Centro de Pesquisa Outrarte – Estudos entre Psicanálise e Arte da UNICAMP.

²⁶ A autora é especializada em Clínica Psicanalítica pela Universidade Luterana do Brasil.

²⁷ O autor é Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

1.3 Stela no campo da história

No campo da história, o “falatório” de Stela do Patrocínio tem sido considerado uma nova fonte de pesquisa a fim de ampliar o conhecimento sobre as práticas de institucionalização, as relações entre o saber psiquiátrico e os chamados loucos, e os processos de subjetivação no espaço institucional. Duas autoras tomaram o livro de Stela sob esse prisma, Yonissa Marmitt Wadi²⁸ e Viviane Trindade Borges²⁹.

Wadi escreveu dois trabalhos sobre narrativas de pessoas consideradas loucas, nos quais discute o livro de Stela do Patrocínio: o capítulo “Um lugar (Im)possível: narrativas sobre o viver em espaços de internamento”, publicado em 2010, no livro “História e loucura: saberes, práticas e narrativas”, organizado pela própria autora e Nádia Maria Weber Santos e publicado pela Editora Federal de Uberlândia e o artigo “Entre muros: os loucos contam o hospício”, publicado pela revista Topoi, do Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ, em 2011.

No trabalho de 2010, Wadi reflete sobre como algumas pessoas que foram consideradas loucas e internadas em asilos ou hospitais relataram suas vivências de internamento através de escritos ou falas, como no caso de Stela do Patrocínio. Para isso, analisou três conjuntos distintos: as cartas escritas por Camille Claudel; as cartas de Pierina; e, o livro de Stela do Patrocínio.³⁰ A autora argumentou que as narrativas de Stela, assim como as de Camille e Pierina, permitem compreender como tais mulheres problematizaram suas próprias vidas, sua situação de internamento e as relações com o saber psiquiátrico: “O olhar de Stela remete ao significado comumente atribuído às práticas e à instituição psiquiátrica – lugar de controle e exclusão, de criação de doença, não de cura” (WADI 2010, p. 354).

²⁸ A autora é Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e professora da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE.

²⁹ A autora é Mestre e Doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professora da Universidade Estadual de Santa Catarina - UDESC.

³⁰ Segundo Wadi (2011) assim como Stela do Patrocínio, Camille Claudel e Pierina também passaram pela experiência de uma internação psiquiátrica, porém em épocas e lugares diferentes e expressaram essa vivência de modo diverso. Camille Claudel foi uma escultora francesa que permaneceu como interna do Hospício de Montdevergues, no Sul da França entre os anos 1914 e 1943 e relatou seu dia-a-dia através de cartas. Pierina, por sua vez, foi uma camponesa brasileira que viveu entre os anos 1909 e 1911, no Hospício São Pedro de Porto Alegre no Estado do Rio Grande do Sul e que também relatou seu cotidiano através da escrita de cartas.

Wadi (2010) relata que, apesar do seu diagnóstico e consequente internamento, Stela foi vista como uma pessoa além de sua doença por diferentes sujeitos, como psicólogos, psiquiatras e companheiros de hospital. Esses sujeitos consideravam-na uma filósofa e poeta que pensou nas dores, nos horrores e no processo de subjetivação no interior do hospício. Segundo a autora, mesmo passando pela situação de isolamento institucional, Stela reinventou-se pela sua forma de falar, de vestir-se e de portar-se e encontrou uma forma de situar-se no mundo, deixando sua marca de forma singular e, neste sentido, “ultrapassou – dentro do hospício – o poder e resistiu ao saber” (WADI, 2010, p.358).

Também, em seu artigo de 2011, Wadi discute como pessoas consideradas loucas problematizam seu viver durante a experiência manicomial, considerando novamente o “falatório” de Stela e diversas cartas anexas ao prontuário de Ulysses Xavier do Rego, interno do Hospital São Pedro de Porto Alegre durante quatro meses no ano de 1937. Para a autora, as narrativas construídas durante o período em que essas pessoas permaneceram como internas oferecem vestígios, informações, pistas que podem aumentar a compreensão historiográfica sobre o papel das instituições, tanto no passado como na atualidade. Para a autora, o “falatório” de Stela, assim como as narrativas construídas por outras pessoas que passaram pela vivência de internamento em instituições psiquiátricas “... expressam de formas diversas o modo como esses sujeitos, que viveram a experiência manicomial – sendo considerados e considerando-se ou não 'alienados', 'loucos', 'doentes mentais' ... – problematizam esse viver” (WADI, 2011, p. 250).

Para Wadi (2011), o “falatório” de Stela, como outros materiais produzidos pelos loucos permite ampliar o campo analítico da história da loucura e da psiquiatria, pois oferecem vestígios, informações, pistas sobre as instituições, seu papel e significado. Além de permitirem questionar os limites do saber psiquiátrico e de visualizar, de forma mais consistente, quem realmente são os sujeitos que viveram a experiência de internação.

De acordo com a autora:

Contradizendo drasticamente um diagnóstico que definia os portadores da chamada “esquizofrenia hebefrênica”, como pessoas com problemas de concentração, pouca coerência de pensamento, pobreza de raciocínio, discurso infantil, que fazem comentários fora do contexto e se desviam totalmente do tema da conversação, o “falatório” de Stela – ainda que atravessado pelo delírio e, por vezes, muito fragmentado – lança um olhar

agudo sobre a instituição manicomial e também “contém indagações ontológicas, onde sua origem humana, o ser e o estar no mundo, e o estranhamento diante da complexidade da existência constituem seus temas centrais” (SILVA, 2008 *apud* WADI, 2011, p. 260).

Viviane Trindade Borges, por sua vez, escreveu o artigo “Estar internada é ficar o dia todo presa: o cotidiano no “falatório” autobiográfico de Stela do Patrocínio”, que foi publicado na Revista Esboços, do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, em 2009.

Neste artigo, a autora, examina as problematizações de Stela frente ao seu próprio internamento, seu dia-a-dia na instituição e as imagens construídas sobre o lugar em que ela viveu durante três décadas, a Colônia Juliano Moreira, considerando que o fato de não ter sido Stela quem escreveu é importante, pois nunca saberemos como ela teria composto a própria obra.

Transpor a fala para a escrita não é reproduzir o que foi dito, pois a escrita não consegue apreender a fala em sua musicalidade e minúcias próprias. Assim, os textos transcritos resignificam a fala de Stela, instituem um hiato intransponível que não nos permite chegar a sua fala, mas somente a um possível efeito daquilo que Stela quis dizer (BORGES, 2009, p. 148).

Mesmo diante dessa limitação, Viviane Borges (2009) aponta como o cotidiano descrito no “falatório” de Stela é importante para se compreender a sua construção autobiográfica. Ao problematizar as imagens dela sobre a instituição em que viveu quase três décadas é possível pensar-se sobre os sentidos apreendidos por ela sobre as práticas psiquiátricas no período em que permaneceu como interna: "A fala de Stela atuou como um murmúrio contínuo dentro do silêncio penoso da instituição. A tessitura autobiográfica criada pela personagem institui percepções a respeito de si que se entrelaçam ao espaço institucional" (BORGES, 2009, p.142).

Para Viviane Borges (2009), Stela foi uma mulher que, ao tentar problematizar suas percepções a respeito de si, com o seu “falatório”, testemunhou importantes mudanças no campo da psiquiatria no decorrer do processo de Reforma Psiquiátrica, denunciando práticas institucionais que podem ser consideradas violentas, perpassando assuntos delicados, como por exemplo, as relações sexuais entre pacientes e entre pacientes e funcionários.

Stela do Patrocínio, segundo Viviane Borges (2009):

... pertence “àqueles milhões de existências que estão destinadas a não deixar rastro”, excluída, esquecida, varrida da história por uma intonação de três décadas. Através de seu “falatório”, a vida cotidiana na instituição “é trazida à luz como um modo de existência em que o indivíduo cria relações na base de sua própria possibilidade de ação”. Ela agiu, não se calou, jogou com sua única possibilidade de ação diante dos limites institucionais: a sua fala, permeada por perplexidade, indignação e sem dúvida, muita lucidez. (BORGES, 2009, p. 149)

1.4 *Stela no campo das artes*

Nuances do comportamento de Stela que, vistos pela ótica psiquiátrica vigente, na década de 1960, talvez a tenham levado ao internamento, mas, na década de 1980 foram reelaborados por sujeitos diversos e passaram a ter qualidade de arte.

Apesar de ser abordado por último neste trabalho, o campo das artes foi um dos primeiros que atribuiu um valor estético e conceitual ao “falatório” de Stela do Patrocínio. Como já dito no início deste capítulo, para Ricardo Aquino (2009), os profissionais que trabalhavam com Stela na Colônia Juliano Moreira perceberam que sua fala estava permeada de elementos linguísticos que poderiam ser considerados como poesia. Diante disso, foram colhidas algumas de suas falas que, transcritas na forma de cartazes, foram expostas, assim como outros trabalhos de pacientes daquela instituição, em uma exposição chamada “Ar Subterrâneo”, no ano de 1988. Esta teria sido a primeira vez que o “falatório” de Stela foi apresentado ao público como arte, fora das dependências institucionais. Nessa oportunidade, o artista plástico e músico Cabelo conheceu a fala de Stela e passou a utilizar algumas de suas frases nos shows da Banda Boato.

Esta banda, do gênero *pop-rock*, segundo o site do Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira (2014)³¹, foi formada no Rio de Janeiro em junho de 1989, integrada por Cabelo (vocal), Léo Saad (guitarra), Dado (teclados), Edson Menezes (baixo), Fernando Jacutinga (bateria), Celão (percussão) e Justo (performance). Começou a apresentar-se no evento "Exposia" (dos alunos da PUC-Rio), organizada

³¹ Esse site, pertencente ao Instituto Cultural Cravo Alvim, dedica-se à música popular brasileira, projeto que surgiu em 1995, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), encabeçado pelo Departamento de Letras e pela Livraria Francisco Alves Editora, com o apoio técnico da IES - Informática e Engenharia de Sistemas. Foi retomado em 1999 pelo Ministério da Cultura, por meio da Fundação Biblioteca Nacional e, em 2001, foi auxiliado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

por Samuel Averbug e, em 1990 fez parte do projeto "Terças Feiras Poéticas", na Faculdade da Cidade.

Em 2001, segundo Aquino (2009), o “falatório” de Stela foi adaptado, pela primeira vez, para o teatro através de um monólogo intitulado: “Stela do Patrocínio, óculos, vestido azul, sapato preto, bolsa branca e... doida”, interpretado por Clarisse Baptista e dirigido por Nena Mubárac.³²

Sobre essa peça, a atriz acreana Clarisse Baptista concedeu uma entrevista que foi transcrita na já citada dissertação de mestrado de Guimarães (2009), comentando sua percepção sobre Stela do Patrocínio e indicando o que a ajudou a compor a personagem no teatro. Nela, Clarice falou sobre sua impressão ao primeiro contato com o texto de Stela:

Meu amigo me mandou o texto e li imediatamente. Naquele momento vi um espetáculo montado. Achei o texto fantástico, inteligente. E a primeira leitura do texto que a gente pretende montar, para mim, é definitiva. Falava de coisas complicadas de uma forma simples e rápida. Parecia sem sentido, mas eu encontrava sentido em tudo que lia. Era tudo o que eu gostaria de dizer. Eu pensava como a Stella³³ e ela conseguiu dizer o que eu pensava. E achei lindo, poético, forte (BAPTISTA apud GUIMARÃES, 2009, p. 67).

Quanto à estrutura da peça, Clarisse Baptista descreveu que era um espetáculo simples, situado no espaço do hospital. No palco, apenas uma cadeira, cama e um espelho. Ao fundo, um painel com objetos já sem uso, como roupas, estrutura velha de ventilador, carrinhos, embalagens de alimentos e bolsas. Sua personagem trocava pouco de figurino: tirava um vestido, colocava short e blusa e, em certo momento, punha um manto, inspirado em Bispo do Rosário, ilustre interno que também viveu na Colônia Juliano Moreira. Stela, neste espetáculo, apresentava vários comportamentos: sorria, chorava, brincava como criança, apresentava momentos de extrema lucidez, atividade, relembrava coisas, citava nomes, falava de abandono e maus-tratos.

Em relação à recepção da peça pelo público, a atriz falou que foi sempre muito boa: pessoas choravam e vinham abraçá-la ao final do espetáculo. A peça participou de festivais em Porto Alegre, Curitiba e Londrina e em mais de 16 cidades pelo palco giratório do SESC. Foi matéria em jornais e revistas, como a Folha de São Paulo, O Globo, Carta Capital, Veja e Veja Rio e considerado sucesso de crítica e de público.

³² Não obtive maiores informações curriculares sobre Clarice e Nena.

³³ “Stella” é uma grafia utilizada por algumas pessoas ao se referir sobre Stela do Patrocínio.

Clarisse Baptista também relatou a apresentação em um palco improvisado na Colônia Juliano Moreira, como uma experiência muito emocionante.

Clarisse Baptista falou na entrevista a Guimarães (2009) que sempre acreditou no poder das palavras de Stela do Patrocínio e que sempre a imaginou como uma mulher ativa, forte, abusada e que "desde o início, acreditava que a Stella era abençoada. Sempre tive um sentimento de gratidão muito grande por ela ter permitido que eu pudesse fazer seu texto, dizer suas palavras" (BAPTISTA *apud* GUIMARÃES, 2009, p. 70).

No ano de 2010, Ive Luna, atriz, cantora e musicista³⁴, escreveu dois artigos sobre a trajetória do “falatório” de Stela do Patrocínio, desde a publicação do livro “Reino dos bichos e dos animais é o meu nome” até ele ser conhecido por Ney Mesquita e Lincoln Antonio e transformado em outra peça de teatro, intitulada “Entrevista com Stela do Patrocínio”.

No primeiro artigo “A maravilhosa expedição do “falatório” de Stela”, publicado na Revista Moringa, do Departamento de Artes Cênicas, vinculado ao Centro de Comunicação, Turismo e Artes da Universidade Federal da Paraíba (CCTA-UFPB), Luna (2010a) escreve que "Stela do Patrocínio sobreviveu ao processo de mutilação das individualidades, da subjetividade, do desejo e da singularidade, próprio das estruturas psiquiátricas arcaicas e tradicionais que funcionavam no Brasil na década de sessenta" (LUNA, 2010a, p. 45).

Luna (2010a) descreve a forma com que o “falatório” de Stela foi apropriado por Viviane Mosé e destaca a preocupação que esta autora teve com a sonoridade dos textos, com o ritmo empregado e o lugar das pausas. Para Luna, isto foi fundamental para a composição do texto escrito e para que este fosse de interesse para o cantor paulista Ney Mesquita e para o compositor Lincoln Antonio. Eles, ao entrarem em contato com os textos produzidos a partir das falas de Stela, sentiram que era possível ampliar suas possibilidades e criaram o espetáculo musical “Entrevista com Stela do Patrocínio”, dirigido por Georgette Fadel, em 2001.

Para tal, de acordo com a autora:

Lincoln optou, desde o começo da pesquisa, por melodias insistentes, obstinadas e econômicas, harmonizadas por acordes maiores, que deram total liberdade de interpretação para Ney Mesquita, possibilitando tratá-las como

³⁴ A autora é graduada em Música e Mestre em Teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

um canto-fala, um canto que desse voz e corpo ao discurso lírico de Stela, tornando-o, novamente tridimensional. Os textos escolhidos tinham tanto o propósito de expor a diversidade das ideias de Stela quanto o de favorecer o canto. (LUNA, 2010a, p. 48)

Luna (2010a) descreve que, na montagem original, Ney Mesquita cantava o “falatório” de Stela, enquanto Lincoln Antonio tocava piano e assumia o papel da entrevistadora. Contudo, em 2004, após a morte de Ney Mesquita, Georgette Fadel assumiu o papel de Stela no espetáculo. Dada sua formação em artes cênicas, o musical passou por mudanças e tornou-se uma peça de teatro musicada, dividida em duas partes: na primeira, Stela se apresenta ao público e, na segunda, uma entrevistadora faz perguntas a ela, interpretada pela cantora paulista Juliana Amaral.

A voz que Georgette empresta à personagem tem a presença do tamanho do tempo em que ficou calada. É uma voz muito bem colocada e articulada que quer dizer, que tem gana, que tem seu lugar no espaço vazio da cena. Mas que, ao mesmo tempo, sabe que será ouvida, pois tem consciência de sua beleza, consciência de que fará gozar aqueles que a escutam (LUNA, 2010a, p. 52).

Luna (2010a) descreve os elementos cênicos que dão sentido à peça e fazem com que os artistas consigam levar o questionamento, que é o cerne do espetáculo, ou seja, “... a fala de Stela é a de uma esquizofrênica que deve ser forçada a manter-se encerrada em um hospital psiquiátrico, pois seu discurso não tem lugar em uma sociedade que privilegia a razão?” (Luna, 2010a, p. 50). São escolhas sobre a composição do texto (que parte do livro, mas que pode ser mudado, reorganizado, sendo adaptado à linguagem musical), a configuração do palco (com apenas um piano), a iluminação que se alterna entre as tonalidades âmbar e branco, contrastes entre claro e escuro, a maquiagem da personagem Stela (ou a ausência dela em alguns momentos), assim como o figurino da peça e a musicalidade presente em todo o espetáculo.

Apesar do texto de Luna se tratar de uma peça criada a partir do “falatório” de Stela, a autora também deixa clara a sua opinião sobre a importância deste para o meio artístico:

É importante ressaltar que se não houvesse substância poética no discurso de Stela, não haveria conteúdo que justificasse a montagem do espetáculo. Inserido no espaço cênico seu texto é poesia vocalizada, materializada, corporificada e devolvida ao ar de onde partiu. (LUNA 2010a, p. 51)

Em seu outro trabalho “Música e cena – o canto em busca de ação”, do mesmo ano, Luna continua fazendo uma análise do espetáculo interpretado por Georgette Fadel e Lincoln Antonio, porém, desta vez, faz um paralelo com outra peça realizada pela mesma dupla. É, de fato, um artigo de cunho teatral que, apesar de referir-se indiretamente à Stela do Patrocínio, tem mais o objetivo de analisar a ação vocal da atriz que interpreta Stela. No entanto, acrescenta a informação de que Lincoln Antonio teria entrado em contato com o “falatório” de Stela quando convidado pela própria Viviane Mosé para participar do lançamento do livro “Reino dos bichos e dos animais é o meu nome”. Sobre a construção do espetáculo comenta:

Para compor a música, Lincoln Antonio usou muitos trechos das entrevistas gravadas, onde encontrou uma fala escorregada, calma, sem pressa de se apresentar, mas que, porém, apresenta-se com a força e a decisão que os muitos anos de internação desenharam em sua entonação. A sonoridade dessa fala é também material de dramaturgia. Foi esse som que delineou tanto a música de Lincoln quanto o trabalho de Georgette. A presença dessa voz trouxe à cena o desejo de vida de Stela. Uma voz viva. Uma voz certa titubeia pouco, impõe um ritmo e mantém, repete o que gosta e saboreia o que diz. Se para os outros é esquizofrenia, para Stela é realidade, é experiência de vida, é o que vê, o que sente, o que põe pra fora e o que põe pra dentro (LUNA, 2010b, p. 2).

Para divulgar a peça “Entrevista com Stela do Patrocínio” foi criado o site <http://entrevistacomstela.wordpress.com/>. Neste endereço, é possível obter informações sobre as apresentações, recortes de jornais com críticas e comentários sobre a peça, assim como trechos das falas musicadas de Stela, um videoclipe da peça, fotos, comentários dos artistas e do público.

Uma outra produção feita a partir das falas de Stela é o CD musical com o mesmo nome do espetáculo. Este CD, que pode ser ouvido na íntegra pelo site, apresenta quinze músicas, cujas letras são trechos do livro atribuído à Stela, cantadas por Georgette Fadel e Juliana Amaral e tocadas ao piano por Lincoln Antonio. São elas: 1. Abertura, 2. Quadrilha, 3. É dito, 4. Medrosa, 5. Velha, 6. Meu passado, 7. Mundial podre, 8. Claridade e luz, 9. Gases puro, 10. Não sei que que tem aqui dentro, 11. Neli, 12. Entrevista, 13. Palavras ao vento, 14. Olha quantos, 15. Stela do Patrocínio.

A Figura 1, abaixo, mostra a forma como Stela é vista pelos artistas, ou seja, há um contraste de cores entre as roupas da entrevistadora - uma roupa social preta, representando a formalidade instituição -, e a camisola branca da paciente. Podemos perceber também a maquiagem utilizada, em alguns momentos, pela personagem de

Stela, ou seja, o rosto pintado de branco. A peça reproduz o indicado no texto de Viviane Mosé (2009):

Stela do Patrocínio chamou atenção por sua singularidade, naquele lugar uniforme. Parecia uma rainha, não se portando como as outras, que se aglomeravam, pedindo sempre. Diferenciava, em um silêncio agudo, sua forma própria de se colocar no espaço. Impossível era não vê-la: negra, alta, com muita dignidade no porte, algumas vezes enrolada em um cobertor com o rosto e os braços pintados de branco (MOSÉ, 2009, p. 13).



Figura 1 – Cenas da peça Entrevista com Stela do Patrocínio

Fonte: <http://entrevistacomstela.files.wordpress.com/2010/07/stela-23.jpg> (2013)

A peça é, portanto, produto das percepções obtidas, principalmente, do livro “Reino dos bichos e dos animais é o meu nome” e da forma com que o “falatório” de Stela foi produzido e gravado, isto é, na configuração de entrevista a uma estagiária. No site do espetáculo, Lincoln Antonio declara:

... a cena musical onde Stela conversa com uma visitante, uma estagiária, respondendo as suas perguntas. A sonoridade dos acordes maiores e os pequenos temas que vão se alternando são a base estrutural desta cena e das outras músicas que compõem esta ópera mínima. Ópera porque é um drama musical, tudo é cantado. Mínima porque reduzida na sua formação: uma solista (Stela), sua antagonista (a entrevistadora) e o acompanhamento instrumental do piano (ENTREVISTA, 2013).

Nesse mesmo site, ainda, pode-se ler a opinião da atriz Georgette Fadel em relação ao seu papel na peça e sobre a poesia de Stela do Patrocínio. De acordo com ela:

Há alguns anos a busca de uma “nova palavra” vem se tornando vital para o meu trabalho. Nova velha palavra. Palavra que não venha trazer uma ideia para na sequência se retirar, vazia. Mas palavra de carne, que é ideia, mas é corpo. Palavra-VIDA. E então Stela do Patrocínio nos vem com essa *poesia brutal que emociona e acorda*. Agride e amplia os sentidos da vida (ENTREVISTA, 2013, grifos meus)

Como se pode perceber pelos dizeres das pessoas que participaram do projeto da peça apresentados aqui, em nenhum momento, o fato de Stela ter sido inserida na classificação médica/psiquiátrica de esquizofrenia é considerado como impedimento para que sua fala fosse considerada de tanta qualidade, como de qualquer outro artista. Suas considerações sobre o mundo, sua vida e relações pessoais durante os anos de internação são, pelo contrário, vistas como fonte rica de possibilidades artísticas.

Outra peça teatral foi construída a partir da releitura do trabalho de Stela: “Falatório”, de 2005. Esta foi criada pela Penélope Cia de Teatro, dirigida por René Piazzentin, com textos de Erika Coracini e foi apresentada para os alunos do Projeto Vocacional da Prefeitura de São Paulo, na Biblioteca da Vila Formosa, em Mogi das Cruzes, no I Festival Nacional de Teatro de Juiz de Fora, e para as escolas da rede pública. O tema central, segundo site da própria companhia, “... retratava a realidade de uma mulher enclausurada, suas angústias e o profundo desejo de liberdade” (PENELOPE, 2013).

Segundo Guimarães (2009), além dessas encenações, ainda se pode citar a peça “Stela na Rua”, monólogo criado no ano de 2006, por Maria Tereza Moreira de Jesus (mais conhecida somente pelos seus primeiros nomes Maria Tereza), em São Paulo, que se baseava nas falas de Stela publicadas no “Reino dos bichos e dos animais é o meu nome”, e o balé “Alma Aprisionada”, do Coreógrafo Mario do Nascimento, apresentado pela Cia de Balé de Rio Preto, no mesmo ano.

Este último, de acordo com o site da Companhia de Balé de Rio Preto:

Inspirado nestes e em outros enigmas da poetisa que morreu em 1992 aos 52 anos, Mario Nascimento tece uma dramaturgia apoiada na palavra falada e na coreografia desenvolvida em meio aos obstáculos criados no palco por tecidos entrecruzados, com linguagem cênica e coreográfica explora o potencial singular de movimento de cada bailarino, criando movimentos que pudessem catalisar a *lucidez em meio ao caos*, que é a própria essência de Stella do Patrocínio, fazendo com que esse conceito se espalhasse a todas camadas do processo criativo (BALÉ, 2013, grifos meus)

Na Figura 2, abaixo, pode-se observar uma cena da peça de balé da “Alma Aprisionada”, da Cia de Balé de Rio Preto.



Figura 2- Cena do balé apresentado pela Cia de Balé de Rio Preto
Fonte: <http://www.balederiopreto.com.br/#!espetáculos/vstc2=alma-aprisionada> (2009)

Outra forma de expressão artística, também inspirada em Stela de Patrocínio, foi a cinematográfica, em dois documentários: “Procurando “falatório”, de 2003 e “Stela do Patrocínio: A mulher que falava coisas”, de 2006. Nestes, a obra dela foi referenciada e foi possível ao público ouvir as gravações da voz de Stela do Patrocínio. A primeira produção teve roteiro e direção de Luciana Tanure e foi apresentada no Festival Brasileiro de Cinema Universitário, em 2003. Com duração de quatorze minutos, o documentário contou com imagens de atividades recreativas de pacientes em instituições de saúde mental, ao som das falas de Stela.

Já o documentário “Stela do Patrocínio - A mulher que falava coisas”, de 2006, cujo roteiro e direção são de Márcio de Andrade, apresenta, durante cerca de quatorze minutos, as falas de Stela entre filmagens e fotos dela enquanto vivia na Colônia Juliano Moreira, assim como imagens da própria instituição, de outros pacientes e pinturas produzidas por eles. Ao final, são mostradas algumas pessoas que fizeram parte do cotidiano de Stela, tais como a artista plástica Carla Guagliardi; o médico psiquiátrico Julius Teixeira, que conviveu com ela a partir da década de 1980; e o médico Pedro Silva, que cuidou dela em seus últimos momentos de vida.

Conforme os créditos do próprio documentário, esse trabalho foi apresentado em: 12º Festival Internacional de Documentários “É Tudo Verdade”; 18º Festival Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo; 14º Vitória Cine Vídeo; 15º Festival Internacional de Curtas do Rio de Janeiro “Curta Cinema”; 9º Festival Internacional de Curtas de Belo Horizonte; e, 7ª Mostra do Filme Livre. Recebeu o prêmio de melhor documentário no 11º Festival de Cinema de Pernambuco “CinePE”, menção honrosa na 34ª Jornada da Bahia e prêmio de melhor documentário no 5º Curta Santos.

Márcio de Andrade também foi o criador do blog “www.steladopatrocínio.blogspot.com” que é destinado à divulgação do documentário acima citado, suas apresentações em festivais, prêmios e a divulgação de eventos artísticos diversos e mostras de cinema. Não existem atualizações neste blog desde 2009.

Neste blog, o autor do documentário, apresenta uma descrição do próprio filme, em que relata:

Stela falava e falava. Um “falatório” construído no ar, uma arquitetura de falas que amplia a percepção de si mesma e das coisas ao seu redor. Stela tentava fazer contato, fazendo sentido. As falas poéticas de Stela do Patrocínio (1941-1992) revelam outras possibilidades de pensamento. Ela conseguia estabelecer uma linguagem própria que, apesar do seu isolamento, transbordava, repleta de lucidez. No início sua fala parece crua, ríspida. Só aos poucos é que suas palavras adquirem sutilezas. Palavras capazes de retirar a loucura do espaço de opacidade e de estranheza ao qual ela foi confinada pela sociedade contemporânea (ANDRADE in STELA, 2013).

É pertinente apontar que tanto a definição da Companhia Balé de Rio Preto referente à encenação “Alma Aprisionada”, como os comentários de Márcio de Andrade sobre seu documentário apresentam, diferentemente do saber psiquiátrico, uma visão de Stela como uma mulher lúcida que oferecia apenas uma nova forma de pensar e de expressar-se. Seu “falatório” chamou a atenção dos produtores da peça e também do diretor de “Stela do Patrocínio - A mulher que falava coisas”, não pelo conteúdo de seus delírios, mas pela delicadeza de como que ela via e descrevia o mundo que a cercava.

1.5 Batalha de discursos e o nascimento de diferentes Stelas

Stela não se beneficiou de sua fama. Aliás, como ela mesma dizia, acabou “... botando o mundo inteiro para gozar e sem gozo nenhum” (PATROCÍNIO, 2009, p.

118). Não sabemos o que ela pretendeu através do seu “falatório”: se realmente quis transpor os muros que a aprisionavam ou se simplesmente expressava sua subjetividade utilizando como instrumento suas palavras. O que é certo, porém, é que sua voz continua ressoando através do tempo e ela é capaz de mobilizar as pessoas. Sua voz incomoda e inspira, faz pensar quem a ouve.

No decorrer deste capítulo foram citados os trabalhos que surgiram a partir do contato de pessoas de diferentes campos do saber com o “falatório” de Stela do Patrocínio. Apesar de todos, aparentemente, falarem do mesmo assunto é visível o contraste e a heterogeneidade desses discursos, os quais caracterizam o que Foucault (1977) chamou de "batalhas discursivas".

Aclamada por uns e questionada por outros, o fato é que muito do que se conhece sobre ela são discursos indicadores das concepções sobre loucura, gênero, arte e tantos outros conceitos que permeiam a complexidade humana que emana desta mulher, partilhados ou não por diferentes autores. Dessas falas – que ora se cruzam, complementam-se ou chocam-se – emergem diferentes mulheres, embora todas sejam chamadas pelo nome *Stela do Patrocínio*.

Neste capítulo, priorizou-se fazer um levantamento de tudo o que foi produzido sobre Stela e os possíveis discursos concebidos sobre ela. Através deles, percebem-se as imagens construídas pelas pessoas que entraram em contato com seu “falatório”, as quais, num contexto histórico e social específico, o movimento chamado de Reforma Psiquiátrica, produziram trabalhos em que Stela é vista, tanto como uma mulher doente e delirante, quanto, como uma artista lúcida, cuja genialidade era pungente. Seu “falatório” foi igualmente discutido, sendo visto por alguns autores como uma obra digna de publicação e, principalmente, merecedor de ser considerado um texto de acordo com os cânones literários por sua forma e conteúdo e, por outros, apenas como delírios que só foram dignos de crédito por terem sido produzidos por alguém considerado louco, pois, de outra forma, não seriam sequer percebidos.

No campo literário, essas visões contrastantes foram claras, apresentando-se os dois olhares distintos sobre o “falatório” de Stela do Patrocínio. Enquanto autores como Regina Dalcastagnè (2002), Gislene Maria Barral Lima Felipe da Silva (2008 e 2011), Maria Luiza Monteiro Guimarães (2009) atribuem um valor político aos textos criados a partir das gravações das entrevistas de Stela, colocando que ela pode ser considerada uma representante legítima de um grupo marginalizado: os loucos institucionalizados. Guimarães (2009), inclusive, a vê mais como uma vítima, em vez de uma testemunha

do que entende por violência institucional. Além dessa função política e social, esses autores ainda defendem a qualidade literária dos textos de Stela e compara-os com os dos escritores modernos, o que também é aceito por Marcos Roberto Teixeira de Andrade (2007) e por Tereza Virgínia de Almeida (2011), os quais também observam que Stela poderia reivindicar uma posição nos cânones literários.

Para esses autores, Stela era consciente e lúcida sobre a situação em que vivia, embora nem sempre seu pensamento fosse de acordo com a lógica vigente e aceita pela maioria. Essa ideia pode ser observada, por exemplo, nos dizeres de Silva (2003):

O sofrimento crônico não leva à resignação, ao contrário produz no ser uma consciência lancinante de sua situação fazendo com que a palavra extrapole os muros da insanidade e se infiltre na razão para provocá-la e mostrar sua precariedade, sua insuficiência diante do humano (SILVA, 2003, p. 105).

De maneira extremamente divergente, outros dois autores questionam o emprego político e, principalmente, o literário da obra concebida através do “falatório” de Stela: Renata Moreira (2008) e André Montes Radomski (2009). Radomski (2009), apesar de reconhecer a função poética no “falatório” de Stela, questionou o valor literário de sua obra ao criticar a forma com que seu “falatório” foi publicado, servindo como instrumento político de pessoas que defendiam os preceitos da Reforma Psiquiátrica. Moreira (2008), da mesma forma, não acredita que o “falatório” de Stela devesse receber o reconhecimento de obra artística, sendo que, inclusive, o simples fato de Stela nunca ter expressado a vontade de que seu “falatório” fosse publicado, já faz com que seu papel de autora seja questionado. Estes autores, não enxergam a lucidez que outros autores apontam no “falatório” de Stela, consideram-no, ao contrário, uma manifestação de sua doença mental.

De forma semelhante ao que aconteceu no campo da literatura, no campo da psicologia, há duas visões díspares em relação ao “falatório” de Stela. Por um lado, Sílvia Maria Roncador Borges (2003) defende que o “falatório” de Stela pode e deve ser valorizado por seu valor como obra testemunhal, como forma de denúncia da padronização do ambiente hospitalar. A autora descreve Stela de forma romanceada e um tanto heroica, tanto que lhe conferiu qualidades que demonstram sua admiração pessoal a ela, o que pode ser demonstrado no seguinte fragmento: “... Stela mostra-se mais *majestosa* ainda, como uma *vencedora*, como alguém que consegue expressar-se, a despeito das dificuldades encontradas” (BORGES, 2003, p. 22, grifos meus) Em outra

fala transparece também a visão de Sílvia Borges (2003) sobre Stela: "Negra, pobre e já vítima de tantos preconceitos, somou-se a sua condição mais um item: louca. Só que Stela não parou por aí, quis também a adjetivação de poetisa." (BORGES, 2003, p. 19).

Já Andrea Menezes Masagão (2004) e Silvana de Oliveira Tatto e Marcos Pippi (2012), visualizam possíveis indícios de manifestação de sintomas psicóticos na fala de Stela. Tanto que esses autores, em seus trabalhos, discorrem sobre a importância da escrita para os psicóticos e acreditam que as ideias manifestas em seu “falatório” são expressões de pensamentos delirantes, comuns a pessoas que também sofrem de doenças mentais, especificamente, de psicoses.

No campo da história, já existe uma maior congruência entre as autoras que se dedicaram a estudar Stela e o seu “falatório”: Viviane Borges (2009) e Yonissa Marmitt Wadi (2010 e 2011). Ambas consideram que as problematizações que Stela apresentou em suas falas podem servir para uma melhor compreensão do que cada época histórica entende por loucura e as formas de tratamento a ela dispensadas.

Tanto Viviane Borges (2009), ao analisar a composição autobiográfica de Stela criada a partir do espaço institucional, como Wadi (2011) – a qual compreendia que Stela, apesar das limitações impostas pelo isolamento em razão de comportamentos e acontecimentos entendidos como um tipo de doença, construiu uma forma única de situar-se no mundo –, indicam que seu “falatório” é uma importante ferramenta que ajuda a compreender, em maior amplitude e de forma diferenciada, as relações no interior das instituições e o saber psiquiátrico no período em que ela viveu como interna na Colônia Juliano Moreira. Esses estudos são uma tentativa de valorizar a fala do louco, retirando-o da margem e atribuindo-lhe um lugar como fonte inestimável para o campo da história da loucura e da psiquiatria.

Mas, foi no campo das artes que o nome de Stela foi mais exaltado, como o de uma mulher, cuja fala extravasa força e representa, de forma emblemática, a sua subjetividade e lucidez. Baptista, uma atriz que a representou no teatro deixou transparecer sua admiração do “falatório” em uma entrevista concedida a Guimarães (2009): “Eu pensava como a Stella e ela conseguiu dizer o que eu pensava. E achei lindo, poético, forte” (BAPTISTA *apud* GUIMARÃES, 2009, p. 67).

Essa fala representa bem o que outros artistas, produtores teatrais e diretores disseram sobre o “falatório” de Stela. Em nenhum momento o fato dela ter sido considerada louca pela psiquiatria foi visto por eles como empecilho para sua criação artística, ou seja, o que importa é a arte, independente de quem a tenha produzido, seja

um sujeito louco ou um não louco. Tal percepção está intrinsecamente relacionada ao que Foucault (2012a) dizia sobre a relação entre loucura e obra.

Foucault (2012a) foi categórico em dizer que, a partir da época clássica, com o advento da grande internação e o posterior desenvolvimento da ciência psiquiátrica, onde há obra não há loucura, na mesma medida que onde é explicitada a loucura, não existe a possibilidade de haver obra. Isto na época clássica, pois a fala da loucura era desqualificada enquanto linguagem. A loucura seria como uma linguagem interdita, que não diz realmente nada, uma ruptura absoluta da obra – que é produto da razão –, representando o lado mais primitivo do homem.

Aquilo que a loucura diz de si mesma é, para o pensamento e a poesia do século XIX, igualmente aquilo que o sonho diz na desordem de suas imagens: uma verdade do homem, bastante arcaica e bem próxima, silenciosa e ameaçadora uma verdade abaixo de toda verdade, a mais próxima do nascimento da subjetividade e a mais difundida entre as coisas; uma verdade que é a retirada profunda da individualidade do homem e a forma incoativa do cosmos (FOUCAULT, 2012, p. 510).

A partir desta época, a loucura e a arte apresentam conexões profundas, mas uma nunca pode enunciar a verdade da outra. Ambas partilham de um domínio comum que é o "Fora", a "desrazão", ou seja, partem da dimensão do que não é pensável, do caos, da ruína, como o transgressor da racionalidade, o que está no exterior do homem. (PROVIDELLO; YASUI, 2013, p. 1522).

Esse "Fora", lugar da desrazão, não é a loucura em si, embora possam se parecer. Para clarificar esse conceito, Providello e Yasui (2013) explicam, por meio de metáforas:

... pensemos em um fazendeiro arando terra virgem: ele vai, calmamente, com a ajuda de seu animal de carga, revolvendo a terra não arada e transformando-a em terra arada. A terra arada é útil ao fazendeiro e a toda a espécie humana, pois nela pode-se plantar. A terra não arada é o selvagem, e enquanto o fazendeiro não passar por ali, mal se pode dizer que esse lugar é de alguma forma inteligível: enquanto terra virgem é um a-histórico, um ininteligível.

Enquanto a terra arada é o domínio da razão, o domínio da utilidade e da funcionalidade, a terra não arada seria esse Fora, essa desrazão, o local que ainda não se subjugou à vontade humana. O fazendeiro seria o ser humano, e talvez se possa pensar que a besta de carga que puxa o arado seria a racionalidade, o saber humano (PROVIDELLO e YASUI, 2013, p. 1523).

A diferença entre o artista e o louco seria o nível de entrega a esse "Fora". Se se consegue ter uma relação de ida e volta dele ou então se mergulha no abismo da

desrazão. Enquanto os primeiros apenas espiam o que está do outro lado, o louco mergulha nessa dimensão.

Finalmente, pode-se dizer que o “falatório” de Stela do Patrocínio foi referido tanto como instrumento valioso para o entendimento de problematizações frente ao sistema hospitalar e ao saber científico, sendo classificado como manifestação artística genuína de uma pessoa que viveu em internamento, mas também foi aludido com ceticismo, como manifestação real de sintomas psicóticos. Porém, discordâncias ou pontos de vista à parte, uma coisa é certa: ninguém que teve contato com seu “falatório” ficou impassível.

Stela construía a si mesma, pensava e problematizava sua vida através da fala, isso é certo, mas, após a leitura do que foi escrito e produzido sobre seu “falatório”, fica a dúvida: ela se reconheceria em meio a tudo isso? Seria com estranhamento ou com encanto? Ela veria essas produções com a calma de quem finalmente fora ouvida e compreendida ou revoltar-se-ia por, mais uma vez, ter sido mal interpretada e subjugada? Essa inquietação, surgida durante a escrita deste capítulo, nunca será sanada. Assim, qualquer hipótese levantada seria mais uma imposição de outrem ao pensamento de Stela.

CAPÍTULO 2 – A Colônia Juliano Moreira e Stela do Patrocínio

*Eu estava com saúde
Doeci
Eu não ia adoecer sozinha não
Mas eu estava com saúde
Me adoeceram
Me internaram no hospital
E me deixaram internada
E agora eu vivo no hospital como doente*

*O hospital parece uma casa
O hospital é um hospital
(Stela do Patrocínio)*

Muitos falaram sobre e através do “falatório” de Stela do Patrocínio, como visto no capítulo anterior. Os discursos apresentados pelos mais diversos autores fizeram emergir diferentes imagens de Stela: mulher manifestadamente louca, artista confinada nos muros institucionais, vítima e testemunha de práticas discursivas sobre a loucura são algumas delas. Contudo, nenhum destes trabalhos apresenta o cotidiano institucional, discutindo como a vida dentro de uma instituição manicomial repercutiu nas problematizações de Stela sobre sua própria vida.

Tendo em vista essa questão, neste capítulo apresenta-se o cotidiano do lugar em que viveu Stela do Patrocínio a maior parte da sua vida, a Colônia Juliano Moreira³⁵. Busca-se conhecer as práticas discursivas que instituíram relações entre Stela, médicos, funcionários e outros internos, na justaposição ou contraposição entre os vestígios da vida institucional existentes em seu prontuário psiquiátrico³⁶, seu “falatório” publicado no livro “Reino dos bichos e dos animais é o meu nome” e um conjunto de trabalhos científicos que apresentam e discutem a trajetória da assistência à saúde mental no período em que ela viveu na instituição, entre as décadas de 1960 e 1990.

Não se trata aqui de tentar construir uma história da psiquiatria no Brasil ou mesmo uma história da instituição, tarefa que, apesar de interessante e oportuna, consiste em uma pesquisa à parte, que não abarca as dimensões desta dissertação e que

³⁵ O nome da “Colônia Juliano Moreira” foi uma homenagem ao seu idealizador, Juliano Moreira. Este foi um médico psiquiatra brasileiro nascido em 1873, e que trouxe ao país várias ideias consideradas inovadoras na época. Ele é conhecido por muitos pesquisadores como o “fundador” da psiquiatria científica brasileira. Sobre ele, ler VENANCIO (2005)

³⁶ COLÔNIA JULIANO MOREIRA. Núcleo Teixeira Brandão. *Prontuário* nº 0694 – SP (Caixa 402) 1962.

já foi tema de pesquisa de trabalhos científicos importantes³⁷. Entretanto, é necessário que alguns aspectos históricos sejam salientados para uma compreensão maior do lugar em que Stela viveu e que serviu de cenário para as problematizações acerca de sua própria existência.

A Colônia Juliano Moreira, atual Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira (IMASJM), nasceu como uma instituição manicomial, concebida sob a ótica asilar de colônia agrícola. Contava com 786 hectares e localizava-se na Estrada Rodrigues Caldas, nº3.400, no bairro da Taquara, no Município do Rio de Janeiro, quando de sua inauguração. Atualmente, é circundada pelos bairros Camorim e Curicica (antigas fazendas da região) e apresenta vestígios de floresta de Mata Atlântica e de construções do período em que ainda era uma fazenda, além dos prédios que compunham a instituição, propriamente dita (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2001).

Conforme Venancio (2011), a Colônia Juliano Moreira foi inaugurada em 1924 após extensa campanha encabeçada por Juliano Moreira. Sua concepção era baseada nos preceitos psiquiátricos mais modernos da época e tinha dois alicerces básicos: a praxiterapia³⁸ e a assistência heterofamiliar³⁹. Inicialmente, era destinada ao atendimento de pacientes indigentes e crônicos que, anteriormente, viviam, em sua maioria, nas colônias da Ilha do Governador.

O modelo institucional de colônias foi adotado pelas políticas públicas para saúde mental, na primeira metade do século XX, baseado na ideia de que o isolamento dos “males da civilização” poderia levar à cura ou à remissão de algumas doenças mentais. Esta proposta vinha ao encontro, também, da perspectiva psiquiátrica que associava o afastamento dos doentes à vida rural e ao trabalho agrícola, como medida terapêutica. (VENANCIO, 2011)

De acordo com Venancio (2011), somente após 1935, a Colônia passou a ser chamada “Colônia Juliano Moreira” em homenagem ao seu grande incentivador,

³⁷ Para uma leitura mais aprofundada sobre a história da Colônia Juliano Moreira, ver Cassília e Venancio (2007), Cassília (2007), Lougon (2006) e Menezes (2012).

³⁸ A praxiterapia, segundo Guimarães *et al.* (2013) era uma prática terapêutica oficializada no Brasil em 1890, pelo Decreto n. 206-A, o qual aprovava instruções para a assistência médica aos alienados. Consistia no uso terapêutico do trabalho, em especial aquele ligado às atividades agropecuárias e artesanais.

³⁹ De acordo com Cassília e Venancio (2007) a assistência heterofamiliar, foi uma prática psiquiátrica originada na Europa, no século XIX, e proposta no Brasil por Juliano Moreira no início da década de 1910. Era baseada na convivência dos internos com as famílias dos empregados que fixavam residência na instituição para que os primeiros pudessem ter contato com um modelo familiar com pessoas consideradas normais e sadias e assim pudessem ter um convívio doméstico e uma vida social mínima.

marcando também a entrada de pacientes mulheres em suas dependências. Para esse público, foi destinada, no ano seguinte, a construção do “Núcleo Franco da Rocha”, no modelo pavilhonar⁴⁰. Politicamente, o Brasil vivia o governo de Getúlio Vargas que, após o golpe do Estado Novo, em 1937, foi marcado por uma maior concentração política e administrativa pelo governo federal. Isso representou para a saúde maior centralização normativa e descentralização executiva, e ações do Ministério da Educação e Saúde trouxeram uma nova fase de ampliação na assistência psiquiátrica em todo país.

Desde a criação da Colônia Juliano Moreira até o momento em que Stela do Patrocínio atravessou seus portões, na década de 1960, para lá viver como interna por trinta anos, muitas mudanças políticas, regimentais e estruturais aconteceram. (CASSÍLIA, 2011; VENANCIO e CASSILIA, 2011).

O governo de Juscelino Kubitschek iniciou-se de forma tumultuada, segundo Braga (2013), em função da crise política que culminou com a morte de Getúlio Vargas no ano de 1954. Ele priorizou propostas de desenvolvimento econômico que, por vezes, aceitavam o uso de capital estrangeiro como estratégia de desenvolvimento econômico, o que suscitou várias críticas de alguns grupos políticos. (BRAGA, 2013 *apud* Fausto, 2006)

Apesar dos embates travados entre os diferentes grupos políticos, para Braga (2013), havia um ponto em que todos concordavam: o de que a saúde pública estava associada aos problemas do desenvolvimento e da pobreza. Contudo, as discussões entre as distintas vertentes de pensamento sanitarista (uma via que as doenças deveriam ser combatidas de forma pontual, com a oferta maior de inseticidas e antibióticos e a outra considerava a relação entre pobreza e doença e propunha uma transformação social brasileira por meio da promoção de condições básicas de infraestrutura sanitária) proporcionaram um lento desenvolvimento em qualquer um dos lados.

⁴⁰ Sobre o sistema de construção pavilhonar, Costa (2011) explica que Ramos de Azevedo, o engenheiro e arquiteto formado na Bélgica foi um adepto do sistema Tallet de arquitetura hospitalar (criado em 1872), o qual consistia na construção de estruturas que ficassem longe das cidades e localizadas em locais ensolarados. Nesse sistema aproveitava-se toda a superfície do terreno, o que poderia aumentar o número de alojamentos coletivos. Além disso, eram construídos, no máximo dois pavimentos e dispostos paralelamente a outras edificações, por motivos de segurança. Popular na Europa, esse sistema tentava evitar o risco de contágio de germes, de acordo com as descobertas de Louis Pasteur, através do isolamento, onde os doentes eram separados de acordo com suas doenças em diferentes pavilhões.

Segundo Braga (2013), para se compreender a assistência psiquiátrica no governo de JK é necessário entender que ela foi uma continuidade da política iniciada por Getúlio Vargas, como a expansão da presença estatal nas políticas de saúde, a verticalização, centralização e setorialização de um modelo de ação, o que culminou, por exemplo, na criação do Serviço Nacional de Doenças Mentais, o SNDM.

Na Colônia Juliano Moreira, nesse período, foram realizadas diversas melhorias na instituição, porém, nem sempre relacionados ao bem-estar dos pacientes, mas com as condições de moradia dos funcionários que lá viviam e suas famílias, contribuindo para que a Colônia se fortalecesse como uma comunidade independente na zona rural carioca, Isso contribuiu para a condição de isolamento em que viviam os pacientes. (BRAGA, 2013)

Apesar da praxiterapia ser um norteador das práticas terapêuticas adotadas pela Colônia Juliano Moreira desde sua fundação, ao longo da década de 1950 ela caiu consideravelmente. O que poderia estar relacionado, de acordo com Braga (2013), com a falta de profissionais que atuassem nesse setor, falta de verbas e estrutura material e a precarização dos serviços já existentes.

Outro ponto importante está relacionado ao crescente número de pacientes atendidos pela instituição. Apesar de a Colônia Juliano Moreira não ser considerada porta de entrada para a internação de novos pacientes, o grande número de internos que não recebiam alta, aliado àqueles que eram transferidos de outros hospitais fazia com fosse observado um quadro de superlotação desta unidade psiquiátrica e, conseqüentemente, da queda na qualidade de atendimento. Essa condição precária vista também em outras instituições psiquiátricas, além da falta de recursos e a carência de pessoal qualificado é o que Braga (2013) chama de “mazelas assistenciais psiquiátricas na cidade do Rio de Janeiro”.

Segundo o autor:

A assistência psiquiátrica prestada pelo SNDM no Distrito Federal durante o período da administração Kubistcheck apresentou graves problemas estruturais, embora por outro lado, tenha sido um momento de expansão de seus serviços, em relação ao número de leitos e de atendimentos, tal como, ocorreu nos estados da federação por meio da celebração de convênios entre o SNDM e os governos estaduais. Os problemas não eram originários do referido período, mas sim arrastavam-se desde governos pretéritos.

Uma nova configuração do atendimento da saúde iniciou-se na década de 1960, após o golpe militar. De acordo com Paulin e Turato (2004), o governo instituído após o

golpe rompeu com o modelo desenvolvimentista-populista com forte influência dos setores sociais organizados (sindicatos, associações de classes), o que passou a caracterizar maior intervenção do Estado na regulação do capital. Isso trouxe uma grande mudança para o atendimento psiquiátrico, principalmente com a criação do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS) em 1966, através da unificação dos institutos de aposentadorias e pensões.

Para esses autores, o expressivo incentivo aos hospitais psiquiátricos privados, fez com que entre os anos 1961 e 1981, o número de leitos disponibilizados por esse setor chegasse a 70,6%, enquanto que nos hospitais públicos era de 29,4%. Essa drástica mudança na área previdenciária e de saúde mental trouxe consequências muito importantes para as instituições públicas como a Colônia Juliano Moreira.

Com o processo de unificação dos institutos previdenciários, a extensão da assistência médica atingiu setores mais amplos da população. Os hospitais psiquiátricos particulares ampliaram-se para estabelecer convênios com a Previdência Social, tornando assim os hospitais públicos cada vez menos significativos em termos de atendimento. Algum tempo depois, praticamente todos os hospitais psiquiátricos, públicos ou privados, estavam conveniados. (Paulin e Turato, 2004, pág. 247)

Foi exatamente nesse período que Stela foi internada. Segundo dados do seu prontuário, ela foi encaminhada em 15 de agosto de 1962 ao Centro Psiquiátrico Pedro II, onde recebeu o diagnóstico de “Personalidade psicopática – Esquizofrenia Hebefrênica.

2.1. A Internação de Stela do Patrocínio na Colônia Juliano Moreira

O prontuário de Stela do Patrocínio está no arquivo do Instituto de Saúde Mental Juliano Moreira, guardado em um envelope branco, tamanho A4, com o nome “Stela do Patrocínio/Pront 0694/CX 402”, escrito à mão. Sua importância para este trabalho decorre do fato de que esta é a única fonte documental, além das gravações do “falatório” de Stela do Patrocínio que são conhecidas.

Ele é composto por cerca de duzentas páginas, porém sem numeração. A ordenação denota uma preocupação inicial em documentar a entrada e a saída de Stela do Patrocínio na instituição psiquiátrica. As primeiras páginas são as fichas de ingresso nas duas instituições em que Stela viveu como interna, o Centro Psiquiátrico Pedro II,

em 15 de agosto de 1962, e a Colônia Juliano Moreira, em 03 de março de 1966, seguido de documentos que se referem à amputação de sua perna esquerda, em 19 de outubro de 1992, no Hospital Cardoso Fontes, em função do diagnóstico de Diabetes mellitus, o que ocasionou sua morte.

A primeira ficha de matrícula⁴¹ (Figura 3) de Stela do Patrocínio encontrada em seu prontuário é referente a sua entrada na Colônia Juliano Moreira, que, cronologicamente, se refere ao segundo hospital psiquiátrico em que Stela foi internada. Nela, identificada como “Ficha para localização de doentes (mulheres) D. M. S”, consta uma foto datada de 07 de maio de 1970, quando ela contava 29 anos. Esta ficha é toda datilografada, sendo que, apenas, a data do seu falecimento, 20 de outubro de 1992, e o número ordinal 2^a (que, provavelmente, corresponde à segunda seção de enfermarias do Núcleo Teixeira Brandão) estão escritos à mão. Nesta ficha consta também o encaminhamento nº 4340 para o Núcleo Teixeira Brandão e o número 00694 que corresponde à “Matrícula do Doente”. Ainda há o registro de sua idade no período da internação (21 anos) e que ela era de “cor preta”, solteira, trabalhava como doméstica, e a família residia à Rua Maria Eugenia, nº 50 apt. 401, em Botafogo, e que deu entrada no hospital em 15/08/62 e na Colônia em 03/03/66. Consta, também, que ela foi transferida em 04/01/80 para o Centro Psiquiátrico Pedro II, retornando em 23/01/80, e que apresentava o diagnóstico de Personalidade Psicopática com Esquizofrenia Hebefrênica (evoluindo sob reações psicopáticas).

Dr. Italo COLÔNIA JULIANO MOREIRA
NÚCLEO: TEIXEIRA BRANDÃO - n° 4340
00694 MATRÍCULA DO DOENTE
Nome STELA DO PATROCÍNIO
Filiação Faleceu B/M/A/R 29
Idade 21 Anos Côr Preta Classe
Nacionalidade Bras. - GB. Naturali
Estado civil Solteira Profissão Dom.
Entrada no Hospital 15/8/62 Entrada na Colônia 3-3-66
Internante Of. n° 70 de H.O. Galletti doente
Residência da família do responsável Rua Maria Eugenia
50 apt° 401 - Botafogo
Pavilhão 2a seção Diagnóstico P.P.c/Esq. Hebefr. S A
(evoluindo sob R. psic.)
NOTAS
Deu la ent. transf. de H. O. Galletti em: 3-3-66.
Transf. p/o C.P.P.II. em: 04/01/80. Reagr. em: 23/01/80.
FICHA PARA LOCALIZAÇÃO DE DOENTES (MULHERES) D. M. S.

Figura 3-Ficha de matrícula de Stela do Patrocínio
Fonte: COLÔNIA JULIANO MOREIRA, (1962)

⁴¹ “Ficha para localização de doentes (mulheres) D.M.S.” em: COLÔNIA JULIANO MOREIRA. Núcleo Teixeira Brandão. *Prontuário* nº 0694 – SP (Caixa 402) 1962.

Em seguida, há outra ficha de admissão hospitalar, denominada “Papeleta para Matrícula – DME 537”⁴², referente a sua entrada no Centro Psiquiátrico Pedro II. Nela, há uma foto de Stela datada de 15 agosto de 1962, mesma data de admissão naquele hospital. Neste documento, as informações são datilografadas e assinadas por um médico e pelo diretor do hospital. Somente as informações referentes à data de sua internação (15 de agosto de 1962), do seu diagnóstico⁴³ (31 de agosto de 1962), assim como as folhas da matrícula (1090), número do livro (26028) são escritos à mão.

Outras informações contidas nesta papeleta são o número de matrícula (26.028), a indicação de que ela foi lotada na seção Waldemar Schiller, e que sua entrada na vida institucional deu-se por meio de um registro no 4º Distrito Policial, que a encaminhou ao Pronto Socorro Psiquiátrico, como se pode ler na Figura 4.

SERVIÇO NACIONAL DE DOENÇAS MENTAIS
CENTRO PSQUIÁTRICO NACIONAL
HOSPITAL PEDRO II

A/7.

SEÇÃO WALDEMAR SCHILLER Matrícula n.º 26.028

Nome Stela do Patrocínio

Nacionalidade brasileira Naturalidade Guanabara

Côr preta Sexo feminino

Idade 21 anos Estado civil solteira

Profissão doméstica

Residência Rua Maria Eugênia, 50 aptº 401 - Botafogo

Procedência 4º Distrito Policial

Internante Pronto Socorro Psiquiátrico

Entrada 15/8/62

Diagnóstico Personalidade psicopática com
hebefrenia lóbulo-frontal
(concluído pela reação psicóticas)

Em 31 de agosto de 1962

O médico D. Schiller

MATICULE-SE.

O Diretor [assinatura]

Matriculado a fl. 1090 do livro 26028

Em 15 de ago de 1962

Faleceu em _____ de _____ de 19____ Causa mortis _____

O médico _____

VISTO

O Diretor _____

Depart. de Imprensa 25/10/62

IMPRESSO "PAPELETA PARA MATRÍCULA - DME - 537"

Figura 4- Papeleta para Matrícula – DME 537 de Stela do Patrocínio
Fonte: COLÔNIA JULIANO MOREIRA, (1962)

⁴² “Papeleta para Matrícula – DME 537”. COLÔNIA JULIANO MOREIRA. Núcleo Teixeira Brandão. *Prontuário* nº 0694 – SP (Caixa 402) 1962.

⁴³ Como já mencionado na primeira ficha apresentada: “Personalidade Psicopática e Esquizofrenia Hebefrênica”.

Em seguida, no prontuário de Stela do Patrocínio, está um questionário realizado pelo setor de enfermagem identificado como “Questionário I – Enfermagem” datilografado e o código “922 TB:7”⁴⁴, com a palavra “ressocialização” escrita à mão, Logo após, está o atestado de óbito, onde consta que Stela do Patrocínio solteira, sem filhos conhecidos, faleceu em 20 de outubro de 1992, devido à parada cardiorrespiratória, carcinoma mamário e Diabetes mellitus.

Após este documento há um questionário médico⁴⁵, sem data, onde está registrado que Stela passou por exames físicos e psiquiátricos. Neste documento, o médico de Stela informou que ela teve muitas internações desde criança, e que ficava passando de um lugar para outro (Escola de Artes e Ofício – Lar da Criança). Descreveu que Stela veio visitar a mãe e que permaneceu morando na Colônia Juliano Moreira. Após esta intervenção, o médico psiquiatra apresentou o diagnóstico de “Esquizofrenia Residual”.

Após este diagnóstico, as próximas 90 páginas do prontuário de Stela estão relacionadas ao problema com o seu pé esquerdo, desde os primeiros sintomas, até a intervenção cirúrgica, convalescença e morte no ano de 1992. É possível ver uma série de documentos com anotações de diferentes profissionais que lidaram com ela nesse período da sua vida e exames laboratoriais.

Em 04 de julho de 1991 foram anexadas ao prontuário dela seis páginas sem nenhum cabeçalho ou timbre, porém, datilografadas. Nelas estão as assinaturas da estagiária Mônica Ribeiro, que transcreveu as falas de Stela, posteriormente, utilizadas no livro “Reino dos bichos e dos animais é o meu nome”, com a data de março de 1991 e referem-se a alguns dados pessoais e médicos sobre Stela do Patrocínio, já descritos em suas fichas de internamento.

Em seguida, há encaminhamentos médicos, como o para oftalmologia em maio de 1991, e outras anotações da equipe de enfermagem.

As cinco folhas seguintes referem-se a um “Censo para pacientes crônicos da Colônia Juliano Moreira”, datado de 02 de setembro de 1988, que será posteriormente

⁴⁴ “Questionário I – Enfermagem”. COLÔNIA JULIANO MOREIRA. Núcleo Teixeira Brandão. *Prontuário* nº 0694 – SP (Caixa 402) 1962.

⁴⁵ Questionário médico. COLÔNIA JULIANO MOREIRA. Núcleo Teixeira Brandão. *Prontuário* nº 0694 – SP (Caixa 402) 1962.

discutido. E, após este censo, constam informações médicas e de enfermagem da década de 1980 e 1970.

O último documento encontrado no Prontuário de Stela do Patrocínio⁴⁶ é outro formulário padrão para ser preenchido à mão. Este, denominado “Ficha de Avaliação de Pacientes”, foi desenvolvido para o “Projeto de Ressocialização de Pacientes – Etapa I”, da Colônia Juliano Moreira, conforme cabeçalho presente nele. Não há data, mas consta que Stela do Patrocínio estava na segunda seção do Núcleo Teixeira Brandão.

No “diagnóstico psicossocial” foi anotado que Stela apresentava alienação mental, não tinha meios de subsistência familiar e que precisava de cuidados da enfermagem constantemente. O médico ainda afirmava que ela não tinha capacidade para o trabalho e que era necessária a hospitalização. Quanto à “Possibilidade de Alta”, o médico que preencheu o formulário anotou que ela teria condições clínicas e jurídicas para alta, mas não as teria nos quesitos “social” e “psiquiátrico”. Sugere, ainda, Hospital fechado para Stela e indicação “Pré-praxiterápica”.

Logo após a internação de Stela do Patrocínio na Colônia Juliano Moreira, passou a vigorar um modelo assistencial ditado pelos governos pós-golpe militar e que trouxeram uma nova configuração do atendimento à saúde mental. O Estado passou a ter uma maior intervenção nas instituições e foi criado o Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), em 1966, por meio da unificação dos institutos de aposentadorias e pensões. (PAULIN e TURATO, 2004)

Para Paulin e Turato (2004), o expressivo incentivo aos hospitais psiquiátricos privados fez com que, entre os anos 1961 e 1981, o número de leitos disponibilizados por esse setor chegasse a 70,6%, enquanto que nos hospitais públicos fosse de 29,4%. Esta drástica mudança na área previdenciária e na de saúde mental trouxe consequências muito importantes para as instituições públicas, como a Colônia Juliano Moreira, pois elas passaram a receber menos recursos, o que acarretou em uma queda na qualidade do atendimento à população atendida e na degradação dos hospitais.

A realidade com a qual Stela se deparou foi a de instituições públicas superlotadas e com investimentos sendo cortados. Em 1962, no mesmo ano em que ela foi internada no Centro Psiquiátrico Pedro II, a Previdência Social lançou a resolução de serviço CD/DNPS 942/62, que apresentava as “Normas Gerais para a Prestação de

⁴⁶ COLÔNIA JULIANO MOREIRA. Núcleo Teixeira Brandão. *Prontuário* nº 0694 – SP (Caixa 402) 1962.

Assistência Médica aos Doentes Mentais”, a qual preconizava o aspecto preventivo em saúde mental para seus assegurados, determinando que os atendimentos ocorressem preferencialmente em ambulatórios, locais de trabalho, domicílio do paciente ou em hospital geral (PAULIN; TURATO, 2004).

No entanto, apesar do atendimento ambulatorial e preventivo estar recomendado na normativa apresentada acima, aparentemente, Stela do Patrocínio não recebeu esse tipo tratamento, o que pode ter ocorrido em função das mudanças no cenário geral da assistência. Stela rememorou pela fala, anos depois, o momento da internação e, principalmente, seu sentimento de impotência, frente a uma ação que a retirou do convívio familiar e também do de seus amigos.

Abaixo há a transcrição da fala de Stela na íntegra, pois nela é possível perceber nuances de sua percepção sobre o seu próprio internamento e o tratamento que lhe foi dispensado logo no início de sua vida na instituição:

Eu vim pra Colônia porque eu estava andando na Rua Voluntários da Pátria ao lado do Luís, com um óculos, vestido azul, sapato preto, com uma bolsa branca com um dinheirinho dentro, porque eu ia pegar o ônibus e ia saltar na Central do Brasil, na Central do Brasil eu ia tomar uma refeição, ia tomar um ônibus na Central do Brasil que ia pra Copacabana, ia chegar em Copacabana, aí eu peguei o carro ainda na Rua Voluntários da Pátria com o Luís, ao lado do Luís, o Luís foi ao bar, eu estava ao lado do Luís, caminhando ao lado do Luís na rua Voluntários da Pátria, caminhando na Rua Voluntários da Pátria ao lado do Luís, o Luís entrou no bar, sentou na cadeira, tocou na mesa, falou com o dono do bar pra aprontar pra ele uma Coca-Cola e um pão de sal com salsicha, ele tomou a refeição sozinho, não pagou pra mim, nem eu pedi, nem eu disse nada, nem tomei dele, nem eu pedi a ele pra pagar pra mim, aí ele tomou, quando ele acabou nós saímos, eu perdi o óculos, perdi o óculos, perdi o óculos que estava comigo, um óculos escuro, parecia que ele tinha me dado um bofetão na cara pra mim perder o óculos, o óculos pulou no chão, na Rua Voluntários da Pátria, eu caí por cima do óculos e o óculos e eu ficamos no chão, aí veio, aí veio uma velhinha, na porta do apartamento dele, me levantou, disse que não tinha sido nada, pra mim pra mim parar de ficar chorando, aí veio uma dona me botou pra dentro do Posto do Pronto Socorro perto da Praia de Botafogo, e lá, eu dentro do Pronto Socorro, ela me aplicou uma injeção, me deu um remédio, me fez um eletrochoque, me mandou tomar um banho de chuveiro, mandou procurar mesa, cadeira, cadeira, mesa, me deu uma bandeja com arroz, chuchu, carne, feijão, e aí chamou uma ambulância, uma ambulância assistência e disse: “carreguem ela”, mas não disse pra onde, “carreguem ela”, ... ela achou que tinha o direito de me governar na hora, me viu sozinha, e Luís não tava mais na hora que o óculos caiu, eu não sei pra onde ele foi, porque eu fiquei, de repente, de repente, eu fiquei sozinha, ele sumiu de repente, desapareceu e não apareceu mais, mas aqui, depois que eu estou aqui, ele já veio aqui, já veio aqui, já foi embora, tornou a vir, tornou a ir embora, o Luís, o Luís é meu amigo, aí me trouxeram pra cá, mandou: “carreguem ela”, deu ordem, “carreguem ela”, na ambulância, “carreguem ela”, carregaram, me trouxeram pra cá como indigente, sem família, vim pra cá, estou aqui como indigente, sem ter família nenhuma, morando no hospital, estou aqui como indigente,

sem ter ninguém por mim, sem ter família e morando no hospital. (PATROCÍNIO, 2009, p. 40).

Através de seu “falatório”, pode-se perceber uma conduta médica voltada para o internamento compulsório e, isto pode ter influenciado a forma com que Stela descreveu seu primeiro contato com algumas pessoas que representavam o saber médico e o poder institucional, que ocorreu, segundo dados do seu prontuário⁴⁷, em 15 de agosto de 1962, no Centro Psiquiátrico Pedro II. Sua impossibilidade de resistir à internação e a submissão às regras da instituição foram logo sentidas e acompanharam sua vida a partir de então.

Entre os anos 1962 e 1965, quanto ainda estava internada no Centro Psiquiátrico Nacional, no verso da sua ficha de matrícula⁴⁸ existem anotações médicas que demonstram que Stela teve que obedecer a normas às quais não estava habituada, como a de ter que obter uma autorização para sair. No verso da sua ficha de matrícula no Centro Psiquiátrico Pedro II, há anotações médicas autorizando saídas controladas do referido hospital, em caráter experimental. As licenças para sair (13 no total) foram requeridas e assinadas pelo médico responsável e aprovadas pelo diretor da instituição. COLÔNIA JULIANO MOREIRA (1962).

Essa situação contrastava muito com sua vida pregressa, pois, segundo Stela, ela podia andar pelas ruas e, inclusive, ter encontros sexuais:

Tive na avenida Rio Branco
A rua inteira cheia de homens [...]
Tive na Avenida Rio Branco
Tive na avenida Presidente Vargas
Tive na avenida Nilo Peçanha
Tive na Avenida Nossa Senhora de Copacabana
Em Copacabana tive muitos homens mesmo
(PATROCÍNIO, 2009, p. 91)

Talvez, por ainda pensar e almejar sua liberdade perdida em função de sua internação, Stela tenha tentado se evadir do Centro Psiquiátrico Pedro II por quatro vezes, nos dias 05 e 06 de novembro de 1963 e 12 de março e 03 de novembro de 1965, segundo seu prontuário médico⁴⁹. Anos depois, Stela comentou durante seu “falatório”

⁴⁷ COLÔNIA JULIANO MOREIRA. Núcleo Teixeira Brandão. *Prontuário* n° 0694 – SP (Caixa 402) 1962.

⁴⁸ “Papeleta para Matrícula – DME 537”. COLÔNIA JULIANO MOREIRA. Núcleo Teixeira Brandão. *Prontuário* n° 0694 – SP (Caixa 402) 1962.

⁴⁹ Verso da “Papeleta para Matrícula – DME 537”. COLÔNIA JULIANO MOREIRA. Núcleo Teixeira Brandão. *Prontuário* n° 0694 – SP (Caixa 402) 1962.

gravado na década de 1980, o fato de que, em seu passado, ela chegou a “pular muro” e a “despular muro”, o que pode ser uma lembrança destas ocorrências:

A vida a gente tem que aceitar como a vida é
E não como a gente quer
Se fosse como eu queria
Eu não queria ver ninguém no mundo
Não queria ver ninguém na casa
Queria estar toda hora comendo bebendo fumando
Assim é que eu queria que fosse meu gosto

Mas como eu pulei muro despulei muro
Pulei portão despulei portão
Pulei lá de cima pro lado de fora
Do lado de fora pro lado de dentro
Quer dizer que eu...

Não é como eu gosto
Eu não esperava pular muro pular portão
Pular janela despular janela
(PATROCÍNIO, 2009, p. 101)

Aparentemente, neste trecho, Stela atribui, de forma um tanto quanto conformista, que sua condição de interna – algo que não queria para si – pode ter sido em consequência do fato de um dia ela ter tentado ultrapassar os muros que a cercavam. Como ela pulou os muros, acabou sendo punida por essa falta, e, conseqüentemente, vivia uma situação de que não gostava: a limitação de sua liberdade e a impossibilidade de fazer o que quisesse.

As informações sobre as saídas autorizadas para Stela, bem como os registros de suas evasões são as únicas informações contidas no prontuário durante sua permanência no Centro Psiquiátrico Pedro II. Não há registro de quaisquer outros procedimentos, sejam terapêuticos e/ou medicamentosos. Contudo, apesar da carência de informações, ela foi considerada, pelos médicos que a atendiam, como uma pessoa que teria as características necessárias para ser conduzida para outro hospital. Assim, em 20 de janeiro de 1966, o médico psiquiatra do Centro Psiquiátrico Pedro II solicitou a transferência dela para a Colônia Juliano Moreira “por se tratar de caso crônico”. Esta última informação foi aprovada pela diretora, sendo que, em 03 de março de 1966, Stela do Patrocínio foi matriculada na Colônia Juliano Moreira no livro nº 62, folha 120, segundo dados de seu prontuário.

No mesmo ano da transferência para a Colônia Juliano Moreira, de acordo com Menezes (2012), em documento assinado pelo antigo Diretor do Serviço Nacional de Doenças Mentais, Jurandyr Manfredini, a instituição foi referida como um local onde existia a superlotação de internos considerados “crônicos e irrecuperáveis”. A Colônia Juliano Moreira, naquele período, seria a única a atender esse grupo em toda a rede pública do Estado da Guanabara.

O perfil dos pacientes indica também que o modelo de recuperação não havia sido alcançado, e que aqueles que adentravam a Colônia continuavam a se constituir como o rebotinho à margem da Previdência Social, como doentes há tempo demais para estarem aptos ao sistema previdenciário, ligado às categorias de trabalho. Não estando vinculados aos IAPs, os pacientes tampouco contribuíam com sua internação, fazendo com que a colônia dependesse unicamente do dinheiro da União, o que acabava por resultar na falta de recursos (MENEZES, 2012, p. 103).

Apesar do impacto que uma internação na Colônia Juliano Moreira representava na época, como visto acima, quem lá entrava era considerado sem chance de recuperação, em apenas um trecho do “falatório” de Stela há menção a esta mudança:

Eu vim do Pronto Socorro do Rio de Janeiro
Onde a alimentação era eletrochoque, injeção e remédio
E era um banho de chuveiro, uma bandeja de alimentação
E viagem sem eu saber para onde ia
Vim parar aqui nessa obra, nessa construção nova
(PATROCÍNIO, 2009, pág. 45)

Neste trecho, aparentemente, ela permanecia alheia às deliberações tomadas em relação à sua própria vida, sendo que é possível inferir que sua ida até a Colônia Juliano Moreira foi uma ação decidida a sua revelia. Essa determinação sobre a vida de Stela pode estar relacionada às práticas psiquiátricas vigentes no período ditatorial no Brasil. Segundo Menezes (2012), neste período, para os sujeitos que viviam nessa colônia, qualquer atuação que considerasse o contexto familiar e sociocultural não estava sendo colocada em prática. De maneira inversa, a instituição estava voltada para a priorização do internamento, excluindo as possibilidades de programas que visassem ao retorno do indivíduo para sua vida cotidiana, ou mesmo para um diagnóstico ou tratamento precoce. A assistência pública para as pessoas consideradas loucas estava voltada para os “macro-hospitais”, onde se centralizavam todas as etapas de atendimento. Em dezembro de 1967, enquanto a Colônia Juliano Moreira estava sob a

gestão do Serviço Nacional de Doenças Mentais, viviam lá, como internos, 4.923 indivíduos.

Stela foi, portanto, uma dentre essas pessoas consideradas crônicas que, pelo saber médico vigente na década de 1960, necessitava de internamento. Ela viu o número de óbitos aumentar, proporcionalmente, devido ao grande aumento de internos e por não haver uma equipe técnica que pudesse reabilitá-los, ou mesmo, mantê-los minimamente saudáveis (MENEZES, 2012).

É possível que, diante do crescente número de internos na década de 1960 e 1970 e o diminuto grupo de funcionários e médicos disponíveis para atendê-los, conforme visto acima, os registros individuais não fossem tão ricos em detalhes. No caso de Stela do Patrocínio, existem poucos documentos referentes ao período de sua internação no Centro Psiquiátrico Pedro II, bem como sobre os primeiros anos após sua transferência para a Colônia Juliano Moreira, sendo assim, existem poucas informações que permitam reconstituir seu cotidiano institucional nesse período. Os únicos relatos de procedimentos relacionados com Stela, nos anos 1960, foram relativos à aplicação de vacinas, em 1967, 1969 e 1970.

2.2. “A parede ainda não era pintada de tinta azul”⁵⁰: a década de 1970

Embora a psiquiatria brasileira tenha sido marcada, na década de 1970, segundo Paulin e Turato (2004), pela influência de propostas vindas da Europa e dos Estados Unidos sobre a psiquiatria comunitária⁵¹, que visava à promoção da saúde mental por meio de medidas preventivas, na prática, a hospitalização dos doentes mentais continuava sendo hegemônica, como no caso de Stela do Patrocínio.

... a situação da assistência psiquiátrica no país, na época, apresentava níveis alarmantes: mais de sete mil doentes internados sem cama (leito-chão) e hospitais psiquiátricos sem especialistas. Chegava a sete meses o tempo médio de permanência de agudos em hospitais. O índice de mortalidade nas colônias de doentes crônicos era seis vezes e meia maior que nos hospitais para doenças crônicas de outras especialidades (PAULIN; TURATO, 2004, pág. 250).

⁵⁰ PATROCÍNIO (2009), p. 93.

⁵¹ De acordo com Tenório (2002), o movimento da psiquiatria comunitária consistia em uma alternativa ao asilo, sendo um programa mais amplo de atenção às pessoas consideradas loucas. Neste movimento, os médicos psiquiatras trabalhavam para detectar precocemente as situações tidas como críticas, evitando assim o internamento, preconizando mudanças no espaço social para prevenir o adoecimento mental.

Esta era a situação existente nesse período: hospitais públicos lotados e sem pessoal qualificado, que ofereciam majoritariamente tratamentos que não promoviam nenhum tipo de recuperação. Diante dessa situação, aliada ao fato de a Previdência Social estar com um grande déficit devido à contratação de hospitais privados, criou-se uma Comissão Permanente para Assuntos Psiquiátricos (GPAP-GBM) no então estado da Guanabara (PAULIN e TURATO, 2004). Esta Comissão emitiu um relatório, em 1970, com propostas de reformas pautadas no ideário da psiquiatria comunitária. Esse trabalho teve forte repercussão e a comissão foi convidada a estudar a situação dos hospitais em todo o país, o que culminou na escrita do *Manual de serviços para a assistência psiquiátrica*, em 1973, em nível nacional.

A política de incentivos e privilégios ao setor privado, na década de 1970, por meio da contratação de terceiros pela Previdência Social fez, segundo Paulin e Turato (2004), com que várias propostas, planos e decretos que visassem a práticas psiquiátricas comunitárias, preventistas e extra-hospitalares não fossem efetivamente implantadas no Brasil. O clima político também não era favorável, tendo em vista que a crise no governo do então presidente Ernesto Geisel fizera com que os gastos, antes destinados à saúde mental, fossem investidos em outras áreas.

No caso específico da Colônia Juliano Moreira, as modernas propostas de mudanças no relacionamento da instituição com as famílias dos usuários, a comunidade e o poder público no tratamento em saúde mental não chegaram a ser efetivadas. Segundo Menezes (2012, p. 117), tais propostas “parecem jamais terem chegado à Colônia, que não dispunha de uma estrutura organizacional que colocasse em prática a estrutura extra-hospitalar. Sua forma assistencial era preconizada por meio dos alicerces do asilo [...]”.

Os problemas relacionados com as doenças mentais não se configuravam como prioritários e isto fica claro ao analisarem-se os investimentos em assistência médica do INPS naquele momento, pois, em 1971, eram gastos 8,24% em saúde mental, ao passo que, em 1974, esse percentual diminuiu para 5,73% e, no início da década de 1980, chegou a 4,25%. (PAULIN; TURATO, 2004, p. 252)

A condição precária em que se encontravam as instituições psiquiátricas públicas no período, aliada aos questionamentos quanto à eficiência dos tratamentos, as denúncias de maus-tratos aos pacientes e à insatisfação com a configuração política do

Brasil fizeram que com o movimento chamado Reforma Psiquiátrica se iniciasse. (AMARANTE, 1995)

Embora não seja possível apresentar por completo a trajetória da Reforma Psiquiátrica, devido a sua amplitude conceitual e histórica, é necessário frisar que, em função dela, muitas mudanças foram sentidas na Colônia Juliano Moreira, as quais possibilitaram que Stela do Patrocínio pudesse ser assistida por uma diversidade de profissionais que perceberam sua forma peculiar de estar no mundo. Assim, alguns aspectos pontuais em relação a esse movimento são destacados, principalmente, em relação a sua configuração dentro da referida instituição.

De acordo com Menezes (2012), foi a partir do ano de 1970 que a administração dos serviços prestados na área psiquiátrica na Colônia Juliano Moreira passou, por meio do decreto 66.623, a ser gerida pela Divisão Nacional de Saúde Mental (DINSAM), que era um órgão do Ministério da Saúde responsável pela formulação das políticas de saúde mental. A partir daí, esse órgão passou a planejar, coordenar e fiscalizar os serviços de assistência aos internos, a reabilitação e também os serviços de higiene mental.

Segundo Amarante (1995), a Reforma Psiquiátrica teve início em 1978, no contexto da crise da DINSAM. A tensão iniciou-se quando os funcionários do Centro Psiquiátrico Pedro II, do Hospital Pinel, do Manicômio Judiciário e da Colônia Juliano Moreira, unidades localizadas no Rio de Janeiro, entraram em greve após a demissão de 260 estagiários e profissionais.

A DINSAM, que não fazia concurso público desde 1956/1957, segundo Amarante (1995), passou, em 1974, a contratar bolsistas para solucionar o problema na defasagem de pessoal. Estes eram profissionais formados e universitários de diversas áreas – psicologia, enfermagem, medicina, serviço social – que chegavam até a assumir cargos de chefia e trabalhavam em situações precárias ou mesmo perigosas. A referida crise foi deflagrada quando três médicos bolsistas do Centro Psiquiátrico Pedro II denunciaram essas irregularidades no livro de ocorrências de plantão, o que fez com que essas questões chegassem ao conhecimento da população extramuros.

Essa atitude suscitou uma série de discussões e reações de grupos de trabalhadores de outras instituições, o que também levou à criação do Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental (MTSM), um espaço de luta não institucional, onde surgiram as principais reflexões teóricas e as propostas de transformação nas práticas da assistência psiquiátrica.

Vários documentos reivindicatórios e de denúncia foram produzidos por esse movimento que, desde 1978 passou a exigir melhores condições salariais, regulamentação da contratação de trabalhadores em saúde mental (psicólogos, assistentes sociais e enfermeiros), formação de recursos humanos e a criticar a relação autoritária entre as instituições, clientela e profissionais e a forma do modelo médico vigente que priorizava as terapêuticas biológicas e impossibilitava a utilização de outros recursos da medicina moderna para o tratamento do louco (AMARANTE, 1995).

Para Amarante (1995), a qualidade no atendimento foi um ponto severamente criticado pelo MTSM, pois as instituições públicas, na época, disponibilizavam de um número de profissionais aquém da necessidade, e isto fazia com que as consultas passassem a ter um padrão não condizente com o que preconizava a Organização Mundial de Saúde. Além disso, existia falta de medicação, reduzido número de leitos, filas em ambulatórios e prontos-socorros, carência de conforto e péssimas condições de higiene aos pacientes.

Apesar das discussões sobre a desinstitucionalização suscitadas pela Reforma Psiquiátrica no Brasil estarem de acordo com as de outros países, houve uma demora significativa para que as pessoas consideradas loucas pudessem ver realmente algum tipo de melhora nas suas condições de vida. De acordo com Lúcia Abelha Lima, citada por Lougon (1993), nos anos 1974-1975 a população de internos na Colônia Juliano Moreira atingiu o seu ápice. Esse número foi reduzido em meados dos anos 1970, porém não significou a saída dos pacientes do sistema hospitalar, mas a sua transferência para instituições de cunho privado.

Lougon (2006) relatou que, embora tenha sido moroso o processo de mudança institucional na Colônia Juliano Moreira, em decorrência das discussões oriundas da reforma psiquiátrica, paulatinamente, alguns profissionais que acreditavam e militavam por essa causa, começaram a trabalhar nessa instituição. É possível perceber o reflexo dessa mudança pelo prontuário de Stela do Patrocínio, pois, a partir da década de 1970, os relatos sobre ela passaram a ser mais consistentes. Embora, ainda escassos, pode-se ver anotações de profissionais que tentaram buscar mais informações sobre sua vida pregressa e sobre como estava sua situação na instituição.

Talvez, em função das mudanças administrativas iniciadas desde que o DINSAM assumira a administração da Colônia, pôde-se perceber que houve maior preocupação em verificar a situação dos internos da Colônia Juliano Moreira para um possível trabalho de ressocialização. No caso de Stela do Patrocínio, dentre os registros

de sua vida institucional, na década de 1970, encontrados em seu prontuário destaca-se uma entrevista psiquiátrica. Um questionário designado com o código “922 T.B. 7”⁵², datado de 11 de dezembro de 1973, quando Stela contava com 35 anos. Este questionário também foi assinado por uma acadêmica, o que condiz com a indicação de Amarante (1995) de que trabalhavam na instituição, nesse período, tanto profissionais formados como estudantes que acabavam desempenhando funções semelhantes.

Segundo anotações dos entrevistadores, na ocasião da entrevista, Stela estaria com “vestes civis” adequadas, porém em condição de higiene precária. Apresentava nível de consciência “confuso”, com linguagem “anormal” (tipo desconexa e amaneirada), delírios do tipo alucinatório auditivo e visual, porém, orientada quanto ao espaço e tempo, com humor, alegre e nível de inteligência “normal”. Em relação ao quesito atenção, apresentou vigilância e tenacidade consideradas “normais” pela entrevistadora, embora seu nível de atividade motora fosse descrito como “deficitário”. Memória de fixação e evocação conservadas. O juízo da realidade quanto à consciência do eu e à consciência da realidade externa foram classificadas como ausentes. Quanto ao seu diagnóstico, de acordo com as impressões dos entrevistadores, Stela foi classificada como portadora de uma Síndrome Esquizofreniforme⁵³. Quanto ao seu prognóstico, não houve menção de uma possível alta, mas a indicação de que ela estava em condições de reabilitação e de entrar para o programa de ressocialização.

Na área destinada à descrição do próprio paciente quanto à rotina diária, existem anotações sobre alguns dizeres da própria Stela, aqui transcritos na íntegra:

A que horas acorda? *Não tem hora certa*
O que faz pela manhã? *Nada 'Só rezo'*
Almoça? *Sim. A que horas? 12:00h*
O que faz à tarde? *Nada*
Janta? *Sim. A que horas? 'Mais tarde'*
O que faz à noite? *Nada*

⁵² Questionário “922 T.B. 7. COLÔNIA JULIANO MOREIRA. Núcleo Teixeira Brandão. *Prontuário* n° 0694 – SP (Caixa 402) 1962.

⁵³ De acordo com Louzã Neto e Elkis (2007), o transtorno esquizofreniforme foi descrito em 1937, por Langfeldt, o qual o considerava semelhante à esquizofrenia, porém, de início súbito e precedido de estresse emocional, sendo que pessoas acometidas por essa doença nem sempre tinham antecedentes de doença psiquiátrica e o prognóstico seria a evolução para uma recuperação completa. Porém, em 1989, Procci percebeu que o termo continuava sendo usado como uma variante de um quadro esquizoafetivo desde que Vaillant, em 1964, classificou “esquizofrenia de bom prognóstico”, “esquizoafetiva” e “esquizofreniforme” na mesma categoria. Já para o DSM-IV-TR, esse transtorno é definido como tendo os mesmos sintomas de uma esquizofrenia típica, porém difere quanto ao tempo de duração do episódio (geralmente menor de seis meses).

A que horas dorme? *'Durmo quando o cemitério já está cheio'* (grifos meus)⁵⁴

As respostas que os pacientes dão durante uma entrevista médica para o exame psiquiátrico são muito importantes. Essas falas foram analisadas por Cristina Rivera Garza (*apud* RÍOS MOLINA, 2009). Segundo ela, a fala dos loucos, durante essas entrevistas, expõe como eles percebem a sociedade de seu tempo ou, ainda, eles narram sua experiência subjetiva pessoal e íntima sobre a loucura. Isso significa que, pelas suas falas, eles expressam as próprias expectativas sobre os médicos e também expressam suas próprias noções de loucura, sociedade, classe e gênero, em termos médicos.

... en tales entrevistas se pueden percibir que los criterios sociales en torno a clase y género, fueron determinantes a la hora de otorgarle un significado a la locura. Así, en las entrevistas clínicas podemos escuchar la voz del loco, de sus familias, de los médicos y, además, percibir los criterios culturales que en aquellos días regulaban las ideas de lo normal y lo anormal, lo logo y lo cuerdo con base en las diferencias de clase y género. (RIVERA GARZA *apud* RÍOS MOLINA, 2009, p. 75)

No caso da entrevista descrita acima, pode-se perceber que tanto o médico como a estagiária referem-se a estados “normais” ou “anormais” em relação aos sintomas apresentados por Stela. Porém, pode-se pensar: Quais seriam os critérios para esse tipo de classificação? Normais ou anormais para quem, senão para toda uma conjuntura social, institucional e relativa ao saber psiquiátrico vigente naquele momento histórico? No caso das respostas dadas por Stela, percebe-se também que esta responde segundo o que é esperado dela. Ela reza pela manhã, comportamento socialmente aceito e esperado pela maioria das pessoas na década de 1970 e ela almoça no horário pré-estabelecido pela instituição. Já sua fala sobre o dormir quando o cemitério está cheio, pode estar relacionada à impressão subjetiva frente ao dormitório em que dormia, já que os corpos deitados em fileira podem remeter a um cemitério⁵⁵.

Em 11 de dezembro de 1973, mesma data do questionário descrito acima, também consta no Prontuário de Stela do Patrocínio um “Levantamento Psico-Sócio-

⁵⁴ COLÔNIA JULIANO MOREIRA. Núcleo Teixeira Brandão. *Prontuário* n° 0694 – SP (Caixa 402) 1962.

⁵⁵ Lima Barreto (1956) foi outra pessoa que, da mesma forma que Stela, foi considerada louca e internada em instituição psiquiátrica e que também se referiu à instituição com o termo “cemitério”. Para uma leitura mais aprofundada, ver em: BARRETO, Lima. *O cemitério dos vivos*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 182-183.

Econômico”⁵⁶. Este é uma pesquisa sobre a vida pregressa dos pacientes, onde se vê, pela primeira vez, informações importantes sobre a vida familiar de Stela. Diferentemente dos documentos anteriores, neste, ela é descrita como tendo escolaridade secundária, o que contradiz sua ficha médica de 1960, que a colocava como sem escolaridade. Outro item que deve ser destacado neste levantamento é sobre o local em que Stela disse viver antes da sua internação. Neste ponto, de acordo com relato do entrevistador, Stela seria procedente da Rua Voluntários da Pátria, nº 75, mesma rua a que ela se refere anos depois em seu “falatório”, como sendo o local de onde ela teria sido “carregada” até o pronto socorro (PATROCÍNIO, 2009, p. 40).

Além disso, neste questionário e pela primeira vez em seu prontuário, existe a informação de que Stela recebia visitas. A cada três meses, amigos e suas irmãs Olívia do Patrocínio da Conceição (37 anos na época da entrevista) e Rute Aparecida do Patrocínio (por volta de 27 anos) vinham à Colônia Juliano Moreira para vê-la. Por meio desta informação, pode-se afirmar que, diferentemente do que acontecia com muitas pessoas internadas na instituição, Stela não foi abandonada pela sua família. A indicação em seu “falatório”, gravado na década de 1980, de que já não teria mais ninguém pode indicar que familiares e amigos deixaram de visitá-la com o passar do tempo, porque morreram, mudaram ou simplesmente porque, então, a abandonaram:

Você nasce sempre
Tem seus herdeiros e seus hereditários todinhos
Tem sua família
Eu não tenho mais família
Minha família toda já morreu
Tô na família do cientista
(PATROCÍNIO, 2009, p. 121)

Stela respondeu nesse questionário que antes do internamento vivia com a mãe e a irmã e que acreditava que elas poderiam ajudá-la levando-a para casa. No item “Situação Sócio-econômica”, Stela declarou que já trabalhou como babá, mas que no momento estava desempregada, não tinha renda, gostaria de mudar de profissão, não exercia nenhuma atividade na comunidade e gostaria de aprender a profissão de costura. O que impediria uma possível mudança de profissão seria a falta de documentos e de formação profissional.

⁵⁶“Levantamento Psico-Sócio-Econômico” COLÔNIA JULIANO MOREIRA. Núcleo Teixeira Brandão. *Prontuário* nº 0694 – SP (Caixa 402) 1962.

No item “Situação intramuros”⁵⁷, Stela aponta que estava entre 3 e 5 anos vivendo na Colônia Juliano Moreira e que, anteriormente, já tinha sido internada durante 10 dias na Delegacia da Gávea. Segundo anotações nessa folha do serviço social, Stela afirmava que não saía frequentemente de licença, que nunca tinha saído e que nunca fugiu do hospital. Disse que achava o tratamento do hospital “muito bom”, mas que poderia ser melhor através de atividades recreativas e oficinas profissionais. Como o questionário sócio econômico era composto de perguntas previamente estabelecidas, com um “x”, o entrevistador anotou que Stela teria respondido que sente o tratamento terapêutico como “muito bom”, que se sentia “bem” frente aos funcionários, que teria vontade de ter alta e que trabalharia quando saísse da instituição. Ao final desse questionário foram feitas duas anotações, de dois profissionais diferentes, cujos cargos não foram explicitados claramente. Uma conclusão, assinada por “Miguel”, em 10 de dezembro de 1973, refere que ela ainda teria dito que não recebe visitas porque as pessoas têm medo dela. Além disso, esse funcionário da Colônia Juliano Moreira, comentou que, embora Stela falasse com clareza, ela não demonstrava ter “boas condições” para transpor os muros institucionais e adaptar-se à comunidade. Outro funcionário também assina a avaliação, porém, devido à grafia, não é possível sua identificação. No entanto, ele (ou ela) escreve que Stela teria condições de alta a longo prazo, que ela desejava aprender uma profissão e que seria encaminhada para a “reabilitação”.

As respostas de Stela durante esse “Levantamento Psico-Sócio-Econômico” também podem denotar a sua percepção sobre o que se esperava dela, conforme discutido por Rivera Garza (*apud* RÍOS MOLINA, 2009) e comentado acima. Aparentemente, ela explanava o que acreditava que os entrevistadores quisessem ouvir como o fato de gostar do tratamento que lhe estava sendo dispensado, que se sentia bem diante dos funcionários e que nunca havia fugido do hospital, declaração que contraria sua ficha de matrícula do Centro Psiquiátrico Pedro II.

Outra declaração interessante dada por Stela nesse questionário é sobre sua vontade de aprender uma profissão, embora não fizesse nenhuma atividade na comunidade do hospital. Primeiramente, vale ressaltar que, segundo Menezes (2012), existem documentos que comprovam que, em 1972, um ano antes dessa entrevista, a

⁵⁷ “Levantamento Psico-Sócio-Econômico” COLÔNIA JULIANO MOREIRA. Núcleo Teixeira Brandão. *Prontuário* nº 0694 – SP (Caixa 402) 1962.

direção da Colônia Juliano Moreira planejava aprimorar o setor de produção de produtos manufaturados para suprir as necessidades básicas da instituição. Uma dessas atividades seria a fabricação de colchões, o que demandaria a necessidade da profissionalização de mão de obra no setor de costura, atividade sobre a qual Stela demonstrou interesse.

Contudo, essa determinação em aprender uma nova profissão foi algo que Stela negou anos depois. Em outra entrevista, aquela concedida a uma estagiária nos anos 80, e que se tornaria parte do livro “Reino dos bichos e dos animais é o meu nome”, ela afirma que não gostaria de fazer nada, de produzir nada:

Você trabalhava com o quê no Rio de Janeiro?

Eu trabalhava em casa de família
Fazia todos os serviços
Qualquer um serviço

E você gostava desse trabalho?

Gostava porque era lavar passar encerar engomar cozinhar

E aqui você não tem vontade de lavar, cozinhar?

Não

Por quê?

Porque eu não suporto mais
Não gosto mais

Você não tem vontade de produzir alguma coisa de ganhar dinheiro?

Eu tenho vontade de ganhar dinheiro, mas não tenho vontade de produzir nunca [...]
(PATROCÍNIO, 2009, p. 140)

É possível que essa indisponibilidade ao trabalho, apresentada por Stela, possa referir-se às condições em que eram desempenhadas as atividades na Colônia Juliano Moreira, pois não existe nenhuma referência à participação dela em atividades, consideradas de ressocialização, quer sejam atividades laborativas ou comunitárias, além das do ateliê de artes plásticas, na década de 1980, descrito por Mosé (2009).

Após esse questionário, durante cerca de 5 anos, as únicas informações⁵⁸ sobre Stela são referentes às vacinas ministradas e ao uso de medicamentos psiquiátricos. Entre 1972 e 1977 não há registro de intercorrências entre ela e outros pacientes, ou mesmo entre ela e funcionários, nenhuma descrição de atividades sócio recreativas, de

⁵⁸ “Levantamento Psico-Sócio-Econômico” COLÔNIA JULIANO MOREIRA. Núcleo Teixeira Brandão. *Prontuário* nº 0694 – SP (Caixa 402) 1962.

visitas de familiares, ou de uso de medicamentos, enfim, não há nada sobre ela que fosse considerado digno de registro por aqueles responsáveis por sua tutela.

Esse período coincide com vários problemas estruturais e de pessoal enfrentados pela Colônia Juliano Moreira, de acordo com documentos institucionais de 1973, analisados por Menezes (2012). Segundo esses documentos, havia um número diminuto de profissionais, como clínicos, cirurgiões, radiologistas, oftalmologistas e laboratoristas –, frente a grande quantidade de internos. Essa condição pode explicar a falta de informações sobre Stela nesses anos, já que, de acordo com uma diretora, em relatório entregue ao Dinsam e comentado por Menezes (2012), “... não era possível conhecer a real situação dos internos pela falta de prontuários e pela ausência de um serviço de estatística médica” (MENEZES, 2012, p. 115).

Segundo esta autora, outro problema vivido pela Colônia nesta época, dizia respeito às condições da estrutura física dos prédios que refletiam diretamente no dia-a-dia dos internos, os quais tinham que conviver com mau cheiro e despensas com comida propensas a infestações de ratos e baratas e à falta de utensílios como canecas e talheres para todos os pacientes. A situação da Colônia neste período, mas não só nele, pode estar relacionada a alguns dizeres de Stela do Patrocínio, na década de 1980:

[...] Eu sei que estou passando mal de boca
Passando muita fome comendo mal
E passando mal de boca
Me alimentando mal comendo mal
Passando muita fome
Sofrendo da cabeça
Sofrendo como doente mental
E no presídio de mulheres
Cumprindo a prisão perpétua
Correndo um processo
Sendo processada
(PATROCÍNIO, 2009, p. 89)

As últimas frases deste trecho da fala de Stela são muito significativas, pois refletem os seus sentimentos em relação ao tratamento ao qual ela era submetida, uma vez que se sentia como uma prisioneira sob pena de prisão perpétua. Isto condiz com afirmações de Lougon (1993) que relatou que a Colônia Juliano Moreira foi considerada o lugar de tratamento e de custódia de pessoas que, por sua enfermidade mental e por não terem suporte familiar não poderiam viver longe dos muros institucionais.

Durante cerca de seis décadas a CJM funcionou segundo um pensamento psiquiátrico “clássico”, que a considerava como um espaço necessário para

tratar ou custodiar pessoas que, em consequência de sua enfermidade mental, não poderiam viver fora dele. Recebia então pacientes “selecionados” de outros hospitais psiquiátricos, enviados por serem considerados “incuráveis”, “crônicos” ou por necessitarem de “hospitalização de longa duração” – um eufemismo que significava, na realidade, “pelo resto da vida”. Esse funcionamento correspondia a uma certa matriz teórica, a uma atitude dos técnicos que geriam o hospital e que o consideravam como o lugar mais adequado para abrigar pessoas que não lograram encontrar outro espaço na sociedade, ou por deficiência psíquica e/ou por falta de suporte sócio-familiar. Em resumo, essa atitude significava legitimar o asilo como o lugar inevitável dos pacientes “crônicos”. (LOUGON, 1993, pág. 153)

Em 2006, esse mesmo autor escreveu que a impressão para alguns funcionários da Colônia Juliano Moreira, nos anos 1980, era que ser transferido para lá era uma espécie de pena, tanto para os pacientes, como para quem trabalhava com eles. A colônia era considerada um lugar de morte para muitos pacientes crônicos que não tinham mais esperança de melhora ou era uma punição para os indisciplinados. A precariedade de recursos físicos, materiais e de pessoal era reflexo disso e o trabalho com os pacientes crônicos poderia ser muito pouco gratificante para os técnicos, como psiquiatras e psicólogos que esperavam algum resultado efetivo de sua prática profissional.

2.3. *“Eu estou aqui há vinte e cinco anos ou mais”⁵⁹: a década de 1980*

A década de 1980 iniciou de maneira conturbada para os hospitais colônia, pois eram necessárias transformações, tanto na parte administrativa como no tratamento dos internos.

Segundo Lougon (1993 e 2006), a Colônia Juliano Moreira sentiu o processo de mudança ocorrido nos hospitais psiquiátricos públicos, entre os anos 1982 e 1985, no Rio de Janeiro, cujos questionamentos eram sobre o tratamento dispensado aos internos. A partir destes surgiram, em decorrência, críticas em relação ao modelo asilar, os quais tendiam ou a transformar ou a modernizar as instituições. O autor afirma que, em 1982, houve uma tentativa de desinstitucionalização no atendimento à população psiquiátrica, por meio do Plano de Reorientação da Assistência Psiquiátrica ao Nível Previdenciário, elaborado pelo Conselho Nacional de Administração da Saúde

⁵⁹ Patrocínio, 2009, p. 47.

Previdenciária (CONASP), após denúncias sobre as más condições de vida e à falta de assistência dispensada aos internos veiculados nos jornais e na televisão. Isto fez com que o Ministério da Saúde investisse nessa transformação. As mudanças foram encabeçadas na Colônia Juliano Moreira pelo diretor e por um grupo de médicos que o assessoravam. (LOUGON, 1993)

Para esse autor, além dos pressupostos teóricos⁶⁰ e ideológicos que embasaram as transformações no atendimento psiquiátrico na década de 1980, houve atitudes técnicas e administrativas que marcaram o processo de mudança, como a extinção da eletroconvulsoterapia, a desativação dos quartos-fortes, que trouxeram à tona conflitos entre os funcionários da colônia e a equipe técnica. Segundo o autor, enquanto os primeiros resistiam às transformações, pois acreditavam que elas poderiam trazer consequências perigosas, já que essas medidas eram consideradas um meio de controle dos internos, os segundos acreditavam que eram medidas que já deveriam ter sido tomadas há tempos.

Para Lougon (1993), outras mudanças perceptíveis, na década de 1980, foram o fim das novas internações e o surgimento de uma abordagem comunitária, em que todos participavam do processo de mudanças na instituição de forma igualitária, tomando decisões de forma participativa, o que se transformou numa postura oficial adotada em todas as esferas internas e externas.

Esse movimento de transformação era urgente e necessário e, com essa nova visão sobre o louco, a instituição ganhou força com a contratação de novos funcionários técnicos em 1981. De acordo com Lougon (2006), naquele ano chegaram à Colônia Juliano Moreira 140 novos profissionais, em sua maioria da área de saúde mental, como psiquiatras, psicólogos, terapeutas ocupacionais, assistentes sociais e enfermeiros, além de clínicos gerais, odontólogos e nutricionistas. Eram pessoas que já participavam dos grupos favoráveis à reforma psiquiátrica, como o Movimento dos Trabalhadores de

⁶⁰ Lougon (1993) identificou grande influência de Franco Basaglia, um dos pensadores da antipsiquiatria, que enfatizava a desinstitucionalização dos pacientes psiquiátricos, nos textos dos projetos elaborados pelos profissionais que atuaram na Colônia Juliano Moreira. Para Amarante (1995), o projeto de Basaglia consistia na mudança da estratégia da assistência ao louco, em que era imprescindível ultrapassar o modelo de humanização institucional e reinventar uma prática por meio da comunidade, e nas relações que ela estabelecia com o louco, desconstruindo o dispositivo psiquiátrico de tutela, exclusão e periculosidade e questionando conceitos de racionalidade e irracionalidade que restringem o louco a um lugar de desvalorização e desautorização do falar de si. Enfim, era um projeto de desconstrução de saberes, práticas e discursos que reduziam a loucura unicamente à dimensão de doença.

Saúde Mental, e que possuíam maior afinidade político-ideológica e formação teórica voltada para a medicina social e à saúde pública.

Esse processo de mudança e a entrada dos novos profissionais na Colônia Juliano Moreira possibilitou que o “falatório” de Stela fosse ouvido de forma diferenciada, gravado e apresentado como obra literária, conforme visto no capítulo anterior. Em 1986, de acordo com Mosé (2009), uma dessas novas profissionais, a psicóloga Denise Correa, convidou a artista plástica Neli Gutmacher para ministrar aulas em um ateliê de artes no Núcleo Teixeira Brandão, onde vivia Stela.

Stela, que até então era apenas mais uma das inúmeras pacientes que viviam na instituição, começou a frequentar as aulas, embora produzisse poucas obras visuais, segundo Mosé (2009). Para ela, o que mais lhe aprazia era:

Eu gosto mesmo é de escrever
De fazer número
Em papelão
Continuar repetindo o que eu acabei de fazer no dia
Quando eu tô com vontade de falar
Tenho muito assunto muito “falatório”
Não encontro ninguém pra quem eu possa conversar
Quando não tenho uma voz mais
Não tenho um “falatório”
Uma voz mais
Vocês me aparecem
E querem conversar conversar conversar
(PATROCÍNIO, 2009, pág. 131).

A configuração física da Colônia Juliano Moreira, dois anos antes das primeiras gravações do “falatório” de Stela, segundo Lougon (2006), era: núcleos masculinos Ulysses Viana e Rodrigues Caldas; núcleos femininos Franco da Rocha e Teixeira Brandão (núcleo onde ela viveu durante todo o seu período de internamento); Pavilhão Agrícola; Centro de Reabilitação e Integração Social (Cris) – para pacientes de ambos os sexos inscritos no Programa de Ressocialização; Projeto Agropecuário Socioeconômico Terapêutico (Paset); prédio da Sede Administrativa da colônia Heitor Peres; unidade de atendimento aos pacientes psiquiátricos agudos Hospital Jurandyr Manfredini; e, o Bloco Médico-Cirúrgico Álvaro Ramos, para atendimento clínico de doenças não psiquiátricas que acometiam os pacientes da colônia. Este último bloco é importante para a história de Stela, pois foi lá que, anos depois, em 20 de outubro de 1992, ela faleceu, conforme seu prontuário médico.

Além dos prédios utilizados pela instituição no ano de 1984, algumas edificações eram ocupadas por moradores diversos, os quais ocuparam, ao longo do tempo, terrenos da colônia, enquanto outras já estavam em ruínas, como o Pavilhão Egas Muniz, também conhecido como Bloco Neurocirúrgico, destinado à realização de operações no cérebro dos internos (lobotomias); o pavilhão Nossa Senhora dos Remédios ou Tisiologia Masculina; o Sampaio Correia ou Geriatria Feminina; e, Ulysses Pernambucano ou Faixa Azul para meninas adolescentes. Existia, ainda, nesse ano uma creche, um pavilhão para doenças de pele e o Pavilhão Zaqueu Esmeraldo ou “Gaiola de Ouro”, para pacientes de maior poder aquisitivo (LOUGON, 2006).

Casassola (2008) comenta que, além dos pavilhões onde permaneciam internados os pacientes, essa instituição recebeu a construção de várias casas para funcionários nas décadas de 1940 e 1950. Anos mais tarde, entre as décadas de 1980 e 1990, houve um processo de ocupação habitacional por famílias que não tinham nenhum tipo de vínculo com a instituição. Essa particular configuração do espaço permitiu que alguns pacientes, que gozavam de certa liberdade, pudessem ter acesso à cidade e à população local, embora, na maioria das vezes, fossem vistos andando sozinhos. Seus principais trajetos teriam como objetivo o namoro (principalmente os pacientes masculinos, que aparentavam ser os mais ociosos) e a compra de doces e salgados.

Stela nunca comentou sobre a possibilidade de sair do hospital, de circular pela comunidade, porém, durante seu “falatório”, remete ao fato de que não dispunha de recursos financeiros para comprar comida ou qualquer outro objeto, como foi comentado por Casassola (2008), no parágrafo acima.

Nessa família que eu estou não ganho pagamento
Não ganho ordenado
Não posso comprar um guaraná uma coca-cola um maço de cigarros
Uma caixa de fósforos
Porque eu não ganho pagamento
Não ganho ordenado de quinhentos milhões e quinhentos mil cruzeiros
(PATROCÍNIO, 2009, p. 64).

Através destas informações, pode-se pensar que existia a possibilidade de interação na comunidade externa, tanto com os funcionários que viviam na colônia desde sua criação, seus descendentes, e os moradores que não tinham nenhum vínculo institucional, mas que passaram a residir naquele mesmo ambiente ao invadir prédios e construir casas. Contudo, diante da fala de Stela, é possível perceber que ela não via a

possibilidade de viver como as outras pessoas que ali estavam por não ter condições financeiras de possuir o mesmo que ou outros, o que pode demonstrar que, de certa forma, ela sentia ser diferente dos outros moradores, apesar de dividir o mesmo espaço.

Assim, mesmo sendo um hospital, nesse espaço estava sendo formada uma comunidade residencial. Segundo Lougon (2006), em 1984, a Colônia Juliano Moreira ainda poderia ser definida como um órgão público federal, um macro-hospital público que atendia doentes mentais considerados crônicos, vinculado à Divisão Nacional de Saúde Mental (Dinsam), órgão da Secretaria Nacional de Programas Especiais de Saúde (SNPES) do Ministério da Saúde. Por outro lado, a colônia nessa época foi descrita em um documento institucional como sendo um “asilo típico, fruto do modelo de exclusão social”. Essa leitura está relacionada ao entendimento de que os indivíduos que lá viviam eram isolados em função de sua conduta desviante ou porque eram considerados indesejáveis para a comunidade extramuros.

Ocupando extensa área física, a CJM pode ser classificada como um conjunto hospitalar formado por várias unidades, cada uma delas constituindo um hospital nuclear ou um núcleo, como são denominados. Numa época em que o modelo assistencial do hospital-colônia era mais enfatizado e aceito, o conjunto chegou a possuir cerca de 15 núcleos em funcionamento, chegando a abrigar 5.200 pacientes em 1973, momento de apogeu da curva populacional da CJM. Nos últimos quinze anos, ocorreu uma desativação gradual dos núcleos e redução do número de internos, devido a óbitos, evasões, altas, mas, principalmente, devido a uma drástica diminuição no número de novas internações (LOUGON, 2006, pág. 26).

Viviam na colônia, no intervalo de tempo estudado por Lougon (2006), cerca de 5000 moradores, sendo que desses, 2600 eram pacientes. Sobre eles, o autor tece alguns comentários, cuja descrição mostra claramente as principais características da população que vivia na colônia na época em que viveu Stela do Patrocínio por meio do discurso de um profissional que lá trabalhava:

Os doentes – cerca de 2.600 em 1982, distribuem-se desigualmente entre os dois sexos, com predomínio de mulheres, na proporção de aproximadamente 50% a mais do que homens. Constituem uma clientela bastante envelhecida, muito em função das precárias condições de vida a que se submeteram durante o tempo de internação. A idade média situa-se em torno de 53 anos, e o período médio de internação, em torno de 23 anos, é compatível com sua situação de ‘crônicos’ Egressos das camadas socioeconômicas mais baixas, na época de sua admissão, não possuíam, em sua quase totalidade, nenhuma especialização profissional nem vínculo previdenciário, tendo sido, então, internados como indigentes. Podem ser identificados por algumas características, como o uniforme de brim azul, a cabeça raspada, ou a sacola que geralmente portam a tiracolo, contendo pertences que consideram mais valiosos. Existem adultos jovens, encaminhados quando menores por escolas

correcionais – como o antigo SAM, atual Febem –, ou filhos naturais de internas, nascidos na própria CJM, anciãos, deficientes físicos, mudos, cegos, surdos, outros internados por ordem do juiz como criminosos considerados insanos, e outros mais. Formam, no conjunto, um mosaico de feições grotescamente diversificadas, estampando em comum a miserabilidade. (LOUGON, 2006, p. 30)

De acordo com essa descrição pode-se, aqui, fazer alguns comentários baseados em dados obtidos no prontuário médico sobre Stela e em seu “falatório”, explicitando algumas considerações dela sobre o período contemplado pelos estudos de Lougon (2006), como, por exemplo, a superlotação, as regras institucionais, como a padronização da vestimenta dos internos e a condição de miserabilidade em que vivia a maioria dos internos na instituição na década de 1980.

Primeiramente, a superlotação, de que Lougon (2006) se referiu em seu texto, foi problematizada por Stela que também denunciou a rotina de seu dia-a-dia no Núcleo Teixeira Brandão, na Colônia Juliano Moreira, ao dizer:

Mais de quinhentos milhões e quinhentos mil moradores
morando no Teixeira Brandão, Jacarepaguá
Núcleo Teixeira Brandão, Jacarepaguá
E todo dia da segunda terça quarta quinta... (PATROCÍNIO, 2009, p. 48).

Rotina e padronização, situações que, aparentemente, incomodavam Stela e também os outros internos da Colônia Juliano Moreira, isto fazia com que alguns deles procurassem formas de destacarem-se dos demais. Um exemplo, a vestimenta azul, referida por Lougon (2006), fez com que Arthur Bispo do Rosário, ao retirar as linhas azuis desse uniforme, tecesse muitas de suas criações sobre as quais ele falou:

No início, eu arrancava a linha da minha roupa para fazer meu bordado. A cada dia meus trabalhos ficavam mais bonitos e a cada dia minhas roupas ficavam menores. Por isso costuro principalmente em azul. Azul não é a cor de minha expressão. Azul é a cor das calças e roupas de cama dadas aos pacientes, internos, malucos, prisioneiros na Colônia Juliano Moreira, e era a única linha que eu tinha antes que eles comessem a chamar minha organização do mundo de "arte" e as pessoas comessem a me trazer sucata e outros itens de utilidade. (BISPO apud MASON, 2008, s.p.)⁶¹

Da mesma forma, a respeito desse uniforme, que separava e unia, que limitava e também criava possibilidades, Stela do Patrocínio se expressou da seguinte forma:

⁶¹ MASON, Daniel. Um registro de minha passagem pela terra. In: Revista Piauí. Ed 17, fev. 2008. Disponível em <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-17/ficcao/um-registro-de-minha-passagem-pela-terra>. Acessado em 07.03.14

[...] A família toda com as mesmas roupas
Com as roupas iguais
E aí mudou as roupas
Pra poder ficar mais difícil a diferença entre nós
(PATROCÍNIO, 2009, p. 122)

Casassola (2008) entrevistou funcionários, moradores e pacientes e verificou que as vestes azuis dos pacientes aumentavam ainda mais a distância entre eles e os moradores. Isto e o estigma que cerca a loucura, o medo do que ela pode provocar, fazia com que as relações de amizade ou de namoro dos internos da Colônia Juliano Moreira fossem entre eles mesmos, dentro dos pavilhões institucionais. Muitos deles, inclusive, viam a instituição como uma casa, o que denota um conflito entre o conceito de lar e de hospital.

Neste sentido, Lougon (1993) comentou que a internação, por si, não explicaria essa falta de vínculos familiares ou afetivos com o mundo externo. Isso porque, em muitas situações, a perda do contato com os entes queridos já havia ocorrido em momentos antes da entrada deles na instituição:

Alguns internos já haviam perdido o contato com suas famílias mesmo à época da sua internação, tendo sido trazidos ao hospital pela polícia que os recolheu na via pública como indigentes. Em outros casos, o longo período de internação ocasionou o rompimento dos laços familiares. De qualquer modo, os internos da CJM provêm de segmentos socioeconômicos muito baixos e suas famílias não dispõem de recursos para abrigar um membro economicamente improdutivo, sobretudo se este requer atenções especiais como estar sempre acompanhado e precisar de assistência médica periódica. (LOUGON, 1993, pág. 151)

Stela poderia ser considerada privilegiada, pois ainda recebia visita de seu sobrinho e irmãs, de acordo com dados de seu prontuário, ao contrário de muitas pessoas institucionalizadas. Apesar disso, contrariando os registros de visitas, em seu falatório ela afirma que não tinha nenhum familiar; que, assim como as outras, também fora abandonada, como evidencia um trecho da entrevista publicada no livro “Reino dos bichos e dos animais é o meu nome”:

E sua família, pais e irmãos, você não tem?
Eu sou indigente
Não tenho ninguém por mim não
(PATROCÍNIO, 2009, p. 143)

A partir da década de 1980, o prontuário de Stela de Patrocínio apresenta maiores informações, principalmente no que tange à sua saúde física. Os relatos dos profissionais que trabalharam diretamente com ela passam a ser mais detalhados e há extensos comentários sobre o estado geral da sua saúde, como, por exemplo, sua temperatura corporal, a pressão arterial, dentre outros comentários sobre sua condição física. Além destes, há uma descrição de sintomas psiquiátricos (em alguns casos, com transcrições de suas falas durante os atendimentos) e, sobretudo, relatos da equipe de enfermagem, a qual se atinha a relatar a rotina de medicação. Essa mudança na configuração do prontuário pode denotar as mudanças profissionais relatadas por Lougon (2006) e discutidas no tópico anterior.

Além desses relatos clínicos, chama a atenção uma nova avaliação psicossocial de Stela do Patrocínio, de 1981, que foi o último documento arquivado em seu prontuário e onde consta uma informação importante, a de que seu prontuário havia sido extraviado. Contudo, essa é a única referência sobre isso, sendo que não é possível dizer se Stela, em algum momento de sua vida institucional, teve outro arquivo na Colônia Juliano Moreira.

Essa avaliação, assim como outras apresentadas em anos anteriores, é composta por um formulário padrão, preenchido à mão, desenvolvido para o “Projeto de Ressocialização de Pacientes – Etapa I”. Este documento foi dividido em duas partes, a saber: “Avaliação Social” e “Avaliação Médico – Psiquiatra”. Nesta avaliação, Stela estava com 40 anos e ainda tinha como parente responsável o sobrinho Reinaldo do Patrocínio. Segundo essa avaliação, ela recebia visitas da família, não desenvolvia nenhuma atividade e não possuía vínculo empregatício.

Na “Avaliação Médico – Psiquiatra” lê-se que Stela, no momento da entrevista, estava em bom estado de nutrição, corada, sem edemas ou lesões traumáticas, não apresentava deficiência física ou doença orgânica e que não estava utilizando nenhum tipo de medicamento. Porém, o médico que assina essa avaliação, informa que Stela tinha uma “má” apresentação, pensamento desorientado, delírios, alucinação e baixa atividade motora e não demonstrava afetividade. Quanto ao diagnóstico, houve nova alteração, sendo que, naquele ano, ela recebeu a classificação 295.6 que, de acordo com o DSM-III (1980), representa “Esquizofrenia do tipo residual”⁶². Em função deste

⁶² De acordo com o DSM III, em sua versão de 1980, vigente na época do Projeto de Ressocialização de Pacientes, o termo “Esquizofrenia do tipo residual”, refere-se a uma categoria diagnóstica a ser utilizada

diagnóstico, o médico que realizou a avaliação de Stela do Patrocínio, em 1981, declarou que ela possuía alienação mental, não apta ao trabalho e que, aliado aos poucos meios de subsistência familiar, ela precisaria de cuidados de enfermagem constantemente e de hospitalização.

Esta última avaliação do quadro psiquiátrico e social de Stela do Patrocínio denota que, além de sua doença, sua condição social de pobreza também era levada em conta para a decisão de sua permanência em uma instituição psiquiátrica. A situação denunciada por Foucault (2012a) de que o hospital psiquiátrico na idade clássica era depositário, não só daqueles considerados loucos, mas por todos vistos à margem da sociedade, era uma situação que continuava a acontecer, mesmo passados os anos e mesmo depois de todas as discussões acerca da Reforma Psiquiátrica.

Aparentemente, Stela sentiu que a Colônia Juliano Moreira não era mais apenas um local de tratamento da loucura, o que ficou expresso em seu “falatório”, quando ela remete-se a uma visão do local onde viveu por tanto tempo:

Eu estou num asilo de velhos
Num hospital de tudo que é doença
Num hospício, lugar de maluco louco doido
Patrocínio, 2009, p. 39

Embora o diagnóstico de Stela não tenha sido mudado nos anos que precederam a avaliação acima descrita, nos anos oitenta, pode-se perceber que as consultas psiquiátricas à Stela do Patrocínio foram intensificadas e que, em quase todas, foram receitadas drogas psicotrópicas, como Clorprazina e Haldol. Seu comportamento fora descrito por médicos psiquiatras como delirante e, em 26 de junho de 1982 um profissional de odontologia descreveu-a como “agitada”, “agressiva” e “não cooperante”.

Sobre o uso de medicamentos, neste período, Stela deu duas declarações contundentes, segundo ela:

O remédio que eu tomo me faz passar mal
E eu não gosto de tomar remédio pra ficar passando mal
Eu ando um pouquinho, cambaleio, fico cambaleando

quando houvesse ao menos um episódio de esquizofrenia, mas sem a permanência dos sintomas clínicos que ocasionaram a avaliação ou admissão aos cuidados médicos, embora alguns sinais da doença persistam. Dentre esses sinais, podem estar presentes: embotamento emocional, retraimento social, comportamento excêntrico, pensamento ilógico e afrouxamento das associações são comuns. Se delírios ou alucinações estão presentes, não são proeminentes e não são acompanhados por forte afeto.

Quase leve um tombo
E se eu levo um tombo eu levanto
Ando mais um pouquinho, torno a cair
(PATROCÍNIO, 2009, p. 46)

E também:

Fico completamente curada se eu não tomar remédio
Não tomar injeção não tomar eletrochoque
Eu não fico carregada de veneno
Envenenada
(PATROCÍNIO, 2009, p. 142)

Ambas as afirmações de Stela demonstram que ela não aceitava o tratamento que lhe era oferecido, contudo, houve momentos em que ela chegou a demonstrar consentimento aos procedimentos que lhe eram dispensados. Em 11 de dezembro de 1973, durante entrevista com uma assistente social, Stela afirmou que achava que o tratamento do hospital era “muito bom”, mas que poderia ser melhor através de atividades recreativas e oficinas profissionais. O entrevistador anotou que Stela teria respondido que sente o tratamento terapêutico como “muito bom”, que se sentia “bem” frente aos funcionários, que teria vontade de ter alta e que trabalharia quando saísse de alta. (COLÔNIA JULIANO MOREIRA, 1962).

Essa aparente contradição em seu discurso demonstra que ela não se sentia como uma pessoa que era o tempo todo submetida ao saber médico contrariando a sua vontade. Stela, por vezes, acreditava que os remédios somente lhe traziam mal estar, contudo, em outros momentos acreditava que os cuidados médicos eram benéficos a ela e necessários para que ela passasse a ter uma vida fora da instituição, trabalhando, conforme visto em seu prontuário.

Neste documento, pode-se perceber que grande parte da conduta médica era baseada na ingestão de medicação composta por antipsicóticos e sedativos. No entanto, há vários relatos de uma médica psiquiatra que atendeu Stela, dando atenção ao conteúdo dos seus delírios, algo que, até a década de 1980, não havia sido feito ainda. Alguns dos relatos da fala dela durante a internação são feitos por essa profissional:

23/01/88 Paciente comparece à entrevista dizendo que tem cabeça porém não queria ter cabeça que tem corpo porém não queria ter matéria, que tem olhos porém não queria tê-los. Ao ser indagada porque não queria tê-los, respondeu que não queria nascer, não queria crescer, porque tudo que sempre fez até

hoje foi sofrer, sofrer, sofrer... diz que é idiota, imbecil, burra, tonta. Pergunto-lhe porque [...] Diz que o mundo sempre a maltratou, que todo sempre a perseguiu, diz que era viajada demais, estudante → viajante → estudante. Paciente diz estar dormindo bem e que as vezes que ouvia não tem ouvido mais e que [...] só ouve vozes de criança que a chama para tomar remédio, tomar café, jantar, diz que são vozes boas. [...] ⁶³

Interessante notar que as anotações da médica foram feitas em período próximo àquele no qual o “falatório” de Stela foi gravado. Assim, nota-se certa semelhança nos “delírios” descritos pela médica e alguns dizeres que, posteriormente, foram publicados no livro “Reino dos bichos e dos animais é o meu nome”:

Eu não queria me formar
Não queria nascer
Não queria tomar forma humana
Carne humana e matéria humana
Não queria saber de viver
Não queria saber da vida

Eu não tive querer
Nem vontade pra essas coisas
E até hoje eu não tenho querer
Nem vontade pra essas coisas
(PATROCÍNIO, 2009, pág. 69).

Conteúdos semelhantes vistos por pessoas diferentes, sob a ótica de uma médica e a de uma artista, com distintas conotações, mas igualmente valorizados e registrados. Por um lado, sintomas de uma doença mental, por outro, discurso poético. Independentemente das formas de recepção de sua fala, esse pensamento apresentado por Stela, provavelmente era significativo para ela e para seu processo de subjetivação, haja vista que foi repetido em vários momentos. Pode-se perceber, por exemplo, um possível cansaço frente às imposições de outras pessoas sobre sua própria vida. Ela mesma não queria nascer, não queria viver a vida que lhe fora imposta, como também é possível ler em outro trecho:

Não sou eu que gosto de nascer
Eles é que me botam pra nascer todo dia
E sempre que eu morro me ressuscitam
Me encarnam me desencarnam me reencarnam
Me formam em menos de um segundo
Se eu sumir desaparecer eles me procuram onde eu estiver
Pra estar olhando pro gás pras paredes pro teto
Ou pra cabeça deles e pro corpo deles
(PATROCÍNIO, 2009, p. 71).

⁶³ COLÔNIA JULIANO MOREIRA. Núcleo Teixeira Brandão. *Prontuário* n° 0694 – SP (Caixa 402) 1962.

Stela demonstrava lutar contra as normas institucionais e contra a padronização institucional que lhe era imposta, como visto no decorrer deste capítulo. Neste último trecho de seu “falatório”, pode-se, inclusive, ter a noção de que as imposições para acordar, para manter-se viva em um lugar onde a vida era olhar para o teto, era algo que era sentido com muito pesar.

Essa rotina maçante e sem propósito pode ter gerado, além de sentimentos de menos valia, discutidos no próximo capítulo, alguns conflitos entre as internas do Núcleo Teixeira Brandão. Stela chegou a agredir constantemente as colegas de dormitório, fato descrito em 25 de junho de 1987 em seu prontuário.

25/06/87 – Paciente tem agredido constantemente as colegas do dormitório. Delirante, desorientada. Revista prescrição. (COLÔNIA JULIANO MOREIRA, 1962)

Em seu “falatório”, Stela não demonstrava grande afinidade com as colegas de instituição, o que fica visível em um trecho:

Aqui no hospital ninguém pensa
Não tem nenhum que pense
Eles vivem sem pensar
Comem bebem fumam
No dia seguinte querem saber
De recontinar o dia que passou
Mas não tem ninguém que pense
E trabalhe pela inteligência
(PATROCÍNIO, 2009, p. 53)

Anos depois desse acontecimento, em setembro de 1988, quando Stela do Patrocínio estava com 47 anos, foi realizada uma entrevista a fim de compor o “Censo para pacientes crônicos da Colônia Juliano Moreira”. Nesta avaliação, aplicada por funcionários da instituição transparece uma visão mais condizente com os ideários da Reforma Psiquiátrica, pois há a indicação para que Stela participasse mais ativamente das atividades propostas pela Colônia Juliano Moreira e, principalmente, o incentivo para que ela transpusesse os muros institucionais por meio de passeios ou licenças para se ausentar da instituição, embora ela não participasse do programa de ressocialização.

Segundo dados desse censo, constante em seu prontuário, Stela continuava vivendo no Núcleo Teixeira Brandão, no Pavilhão 02. Naquele ano, Stela recebia visitas, embora raramente (anual, datas festivas) e costumava sair da Colônia Juliano

Moreira informalmente e, quando tinha licença oficial, elas eram de curta duração (diária, período de festas, até 15 dias). Não costumava dormir fora da unidade e nem evadir-se. Consta também que Stela não tinha animais de estimação e não houve informações sobre qualquer atividade sexual.

De acordo com o prontuário, durante o ano de 1988, dentre as atividades que ela desempenhava, predominantemente, estava a colaboração com funcionários em atividades informais e as atividades do clube (dança, música, pintura, recreação). No entanto, não participava dos projetos de ressocialização e raramente comparecia aos grupos de escuta. Também não fazia parte das atividades de praxiterapia e do programa de educação para saúde (grupo de alcoolismo ou alfabetização). À época do censo, fazia uso dos medicamentos para controle de sintomas de doença mental.

2.4. “Primeiro veio o mundo dos vivos /Depois no entre a vida e a morte”⁶⁴: Os últimos dias de Stela na Colônia Juliano Moreira

No início da década de 1990, iniciou-se um processo de desativação das atividades na Colônia Juliano Moreira. De acordo com o relatório do Ministério da Saúde (2001), o processo de municipalização do atendimento baseado na Lei Orgânica da Saúde nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, resultou na transferência da gestão para a Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, a partir de 1996.

A municipalização da Colônia ocorreu por meio do Convênio nº 031/96-01, firmado entre o Ministério da Saúde e a Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. Diante da peculiar conjuntura da instituição, o convênio previa a implementação progressiva de ações para que a Colônia viesse a ser administrada pela Prefeitura. Para isso, formaram-se grupos técnicos, com a participação de diversas secretarias municipais que criaram projetos nos âmbitos da saúde, cultura, meio ambiente e urbanismo, esporte e lazer. O resultado foi o plano operacional “Projetos de Reestruturação da Colônia Juliano Moreira” apresentado ao Conselho Técnico Administrativo, que era a instância responsável pela administração do convênio, instituído em 19 de julho de 1996. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2001)

⁶⁴ PATROCÍNIO (2009), p. 107.

De acordo com o Ministério da Saúde (2001), na saúde, foram feitos projetos que consideravam a realidade asilar da Colônia visando à ressocialização dos pacientes com a criação de lares alternativos (assistidos), de acolhimento e de abrigos para os internos crônicos que ainda viviam na instituição. Em 1997, após mudança na gestão municipal, a implementação gradativa dos projetos foi substituída por iniciativas isoladas e diversas da proposta original, como a implantação do projeto social “Fazenda Modelo” destinado à população de rua e embargado pelo Instituto Estadual de Florestas.

Os últimos dias que Stela passou na Colônia Juliano Moreira – que, também foram os últimos dias de sua vida – foram marcados por estes ares da mudança que viria em breve. Uma maior atenção a sua saúde física e mental podem ser percebidos por meio dos relatos dos profissionais que a atenderam nos seus derradeiros anos.

Importante notar que, no ano de 1990, Stela continuava fazendo uso de medicamentos para o controle de sintomas psicóticos, conforme fazia há alguns anos. Contudo, chama atenção a descrição de alguns sintomas descritos pelo médico psiquiatra, conforme o trecho a seguir, extraído de seu prontuário na data de 16 de janeiro de 1990:

Paciente sempre inquieta, criativa e delirante, curso de pensamento acelerado. Higiene, apesar de ainda precário, está melhor que antes. Sem queixa clínica. Pele [...] sem alterações visíveis. Estado geral bom (COLÔNIA JULIANO MOREIRA, 1962)

Comparando com outro trecho do mesmo prontuário, de 11 de junho de 1974, pode-se ver o seguinte:

Paciente agitada, agressiva, logorréica, não acatando quaisquer ordens, subvertendo a disciplina, excitada, inquieta, não tendo sido possível um exame (...) (COLÔNIA JULIANO MOREIRA, 1962)

Nestes dois extratos apresentados acima, nota-se que o termo “inquieta”, por vezes, é tratado como algo positivo, como uma forma dela expressar a sua criatividade. Por outro lado, este termo fora anos antes utilizado para descrever um sintoma psiquiátrico passível de medicalização. No contexto da década de 1990, diante das mudanças em relação ao conteúdo intelectual apresentado pelos loucos, a possível agitação de Stela é inserida em um contexto artístico que valoriza tal característica.

Uma tentativa de suicídio foi descrita em 21 de janeiro de 1991, em seu prontuário. Porém, não houve o prosseguimento dado nas anotações dos anos anteriores,

como a outra tentativa de suicídio ocorrida em 1988. Há apenas a anotação de que ela permaneceu sentada na sacada da varanda do segundo andar do pavilhão 2, no Núcleo Teixeira Brandão e que ameaçou se jogar dias antes.

Há uma lacuna de informações nesse ponto do prontuário, pois apenas meses depois são descritos novos procedimentos realizados com Stela. O próximo relato é feito por uma assistente social que tenta explorar alguns aspectos da vida pessoal dela. Nesse relato, Stela declara abertamente que sua mãe também fora paciente do Núcleo Teixeira Brandão.

Em 03/04/91

Stela prontamente atende ao chamado para entrevista. Assim que se acomoda fala de sua condição de empregada doméstica aposentada, das viagens que realizou até sua internação na Colônia Juliano Moreira e de sua vida em família.

Observamos que Stela através de ‘delírios’ encaminha a entrevista trazendo dados que facilitam a compreensão de parte de sua história de vida.

Seus pais Manoel e Zilda Xavier. Sobre o pai, diz eu soube o seu nome através de outra pessoa. Parece que esteve pouco presente em sua infância. Sua genitora foi interna na CJM-NTB, fazia-lhe visitas, trazendo guloseimas. Quando foi internada na CJM, soube que sua mãe estava evadida, até o momento não sabe de seu paradeiro.

Possui 2 irmãs, falecidas, Rute e Olívia. Seu sobrinho esporadicamente a visita, relata a última vez em que esteve na Unidade; trazendo queijos, doces, dividindo com suas companheiras de pavilhão. Fala com entusiasmo da importância da divisão com colegas menos favorecidas (não tem família).

O convívio com a família baseia-se na relação de trabalho de seus membros. Estes trabalham para sustento da família. Sua tarefa é executada na cozinha, sua mãe lhe ensinou a cozinhar.

Entendemos que também trabalhou junto à genitora em tarefas relacionadas a costuras (a esclarecer).

Com relação ao endereço Rua Maria Eugênia 50/401 Botafogo. Fala de seus sobrinhos, quando pequenos, do cunhado e Olívia (sua irmã).

Quando nos interessamos em saber da convivência de Stela com estas pessoas, Stela paralisa, com expressão pensativa, continua muda.

Retomamos tentando ajudá-la, esta demonstra que nos entendeu. Caracterizamos um bloqueio em seu pensamento, que é sinalizado através de 2 poemas que cita, e em seguida põe-se de pé e sai. Apesar de nosso chamado, não retorna (COLÔNIA JULIANO MOREIRA, 1962)

Apesar das informações pessoais colhidas nesse depoimento serem basicamente as mesmas de documentos escritos anos antes pelos profissionais da Colônia Juliano Moreira, neste ponto, pode-se perceber que a funcionária claramente se refere a um trecho da entrevista como “poemas”. Este pode ser um indício do que as gravações feitas de seu “falatório”, assim como a apresentação de suas falas na exposição “Ar Subterrâneo”, no Paço Imperial, em 1988 (AQUINO, 2009), tenham feito com que, institucionalmente, Stela tenha passado a ser vista com uma artista.

Além, disso, neste trecho, pode-se verificar que Stela fazia uso deste recurso linguístico como forma de expressão, fazendo uso das palavras na forma lírica quando os sentimentos em relação à família tomavam conta da entrevista.

Por outro lado, embora sejam reconhecidos seus poemas, em 15 de abril de 1991, relatos dos médicos atentam apenas para a manifestação de sintomas de uma dada doença mental, como fala desconexa e, principalmente, precárias condições de higiene, como unhas grandes e sujas, roupas com mau cheiro e pés descalços.

Nesta época, Stela era vista de forma ambígua pelos profissionais que a atendiam. Por um lado, como uma poetisa cuja obra deveria ser de alguma forma conservada em material escrito, por outro, como uma paciente que precisava de forte medicação psiquiátrica. Ao mesmo tempo, seu comportamento foi registrado, graças ao trabalho de uma estagiária de psicologia que teve o cuidado de datilografar suas falas e de guardá-las em seu prontuário. Além disso, esta estagiária ainda teria tentado encontrar a família de Stela, porém sem sucesso, de acordo com o relato de uma enfermeira encontrado no prontuário. Em algumas folhas de papel sem timbre institucional existem alguns trechos escritos das falas de Stela, alguns dos quais foram, posteriormente transformados em livro por Viviane Mosé.

De forma, sistemática, em 04 de julho de 1991, aspectos da vida pregressa de Stela são novamente descritos por essa estagiária, seguidos por suas falas. Sua situação familiar é novamente abordada, relatando-se que ela, em alguns momentos de sua fala, nega receber visitas. Além disso, Stela não participava do projeto de ressocialização realizado pela Colônia Juliano Moreira. Uma possível alta hospitalar não era pensada pelos profissionais que a atendiam e que descreviam seu diagnóstico naquele período como o de “Estado Paranoide Simples”⁶⁵.

Como já discutido no capítulo anterior, o “falatório” de Stela teve repercussão e já teria reconhecimento extramuros, segundo Aquino (2009). Essa valorização externa pode ter feito com que ela tenha se considerado mais importante que suas companheiras, o que pode ter sido visto por aqueles que a tratavam como característica de um estado paranoide, de acordo com o pensamento médico vigente da época.

⁶⁵ De acordo com o DMS-III (1980), manual psiquiátrico utilizado neste período, o termo “paranoide” refere-se a um conjunto de sintomas em que o indivíduo apresenta ideias de que está sendo perseguido, acompanhado da apresentação de pensamento claro e organizado. Frequentemente, considera-se a si mesmo dotado de habilidades únicas e superiores.

No decorrer de 1991, alguns profissionais demonstram certa preocupação com o estado geral de saúde de Stela, que passa a apresentar uma diminuição perceptível de seu peso corporal, aliada a mudanças comportamentais importantes, como grande excitação motora e comportamento negativista, pois se recusava a fazer higiene, a comer ou a usar calçados.

De acordo com dados constantes do prontuário de Stela do Patrocínio, em 30 de julho de 1992, segundo os médicos, ela passou a apresentar um quadro de prostração e falta de apetite. Isto a levou a um desmaio, a alterações na pressão arterial e ao aparecimento de secreção purulenta em sua perna esquerda. Esta última condição tornou-se o ponto central de atenção por toda a equipe médica e de enfermagem da Colônia. Em seu prontuário médico, cerca de noventa páginas, estão relacionados os problemas de saúde que a acometeram e que acabaram por lhe causar a morte: diabetes mellitus, gangrena em seu pé esquerdo, cirurgia, infecção pós-cirúrgica e morte no ano de 1992. Nessas páginas, é possível ver uma série de anotações e visões de diferentes profissionais que lidaram com ela nesse período de sua vida, assim como os exames laboratoriais a que ela se submeteu. Contudo, apesar de todos os cuidados descritos – informações medicamentosas e prescrição de cuidados especiais com o ferimento –, o quadro clínico de Stela não apresenta melhora, o que motivou a decisão médica de fazer a amputação de sua perna esquerda no dia 19 de agosto de 1992. Informações sobre sua convalescença foram extensamente relatadas em seu prontuário médico, assim como todos os procedimentos da equipe de enfermagem e das visitas de assistentes sociais e psicólogos.

Inicialmente, a equipe técnica (assistente social e enfermeiros) que acompanhou Stela em seu pós-operatório demonstrou certo otimismo quanto ao andamento do tratamento. Relatam, em páginas do prontuário, que Stela estaria consciente de sua situação, alimentando-se bem, solicitando muletas e a presença da terapeuta ocupacional. Contudo, em poucos dias, pontos de infecção começam a aparecer na região onde foi feita a cirurgia e a situação começa a mudar.

Em vários trechos do prontuário, os enfermeiros relatam as dificuldades em obter a cooperação de Stela. Há queixas de que ela não estaria fornecendo o material necessário para os exames ou mesmo que ela não deixava que a equipe de enfermagem realizasse os procedimentos pós-cirúrgicos necessários.

A recusa de Stela em submeter-se ao tratamento também foi abordada pela psicóloga do hospital que relatou o seguinte:

29/09/92 – Encontramos a paciente extremamente assustada e ansiosa devido à crise hipoglicêmica que apresentou bem como devido aos procedimentos a que foi submetida após a crise. Trabalhamos as fantasias inerentes ao que foi sentido como ‘excesso de manipulação’ pela paciente, bem como prestamos esclarecimentos objetivos sobre o motivo de ter sido colocados sonda e soro para ela. Pareceu-nos que a paciente mostrou-se menos ansiosa após esses esclarecimentos. Solicitamos à equipe que no caso de haver necessidade de recolocar a sonda conversar com a paciente antes de proceder tal manipulação.⁶⁶

Embora o uso do termo “paciente” ainda seja uma prática apresentada pela psicóloga, esse termo denota uma expectativa de sujeito do qual se espera que aceite sem questionar os procedimentos médicos aos quais está sendo submetido. Neste extrato do prontuário, pode-se perceber que, ao menos, tenta-se uma nova postura frente aos sentimentos do sujeito que se encontra em internação na década de 1990, pois é frisado que se deve conversar com Stela antes de qualquer manipulação em seu corpo. Contudo, em vários relatos, a equipe de enfermagem escreve que Stela não cooperava para os procedimentos necessários de troca de curativos, fornecimento de material para análise, alimentação, chegando a apresentar comportamentos considerados agressivos.

Por outro lado, a equipe de enfermagem, que foi a que mais descreveu a rotina de Stela do Patrocínio durante seus últimos dias, também se referira aos momentos em que Stela demonstrava-se mais cooperativa, apesar da grande dor, que provavelmente sentia, em decorrência de uma necrose que surgiu na região da sua cirurgia. Conforme dados de seu prontuário, que contêm relatos da enfermagem, na data de 15 de setembro de 1992, Stela apresentava “grande quantidade de secreção purulenta” o que fez com que fosse necessário, três dias depois, que ela fosse encaminhada para atendimento de emergência. Em 18 de setembro, Stela, em função do agravamento da infecção em sua perna esquerda, passou pelo processo de desbridamento⁶⁷ e perda sanguínea, necessitando de nova internação. Segundo o médico que a atendeu neste dia, Stela somente não retornou ao hospital onde foi realizada sua cirurgia por falta de vagas e, em função do ocorrido, seria necessário avisar a psicóloga que a atendia.

Após a piora em seu quadro de saúde, alguns profissionais – terapeutas ocupacionais, assistentes sociais e psicólogos – voltaram sua atenção ao que foi

⁶⁶ COLÔNIA JULIANO MOREIRA. Núcleo Teixeira Brandão. *Prontuário* n° 0694 – SP (Caixa 402) 1962.

⁶⁷ Segundo Pitta (2003), esse procedimento é realizado no tratamento de feridas infectadas e consiste na remoção de tecidos sem vitalidade ou necrosados.

considerada uma reação depressiva ao tratamento e à perspectiva de vida após a cirurgia. Segundo anotações da assistente social, poucos dias depois da intervenção descrita acima, Stela permanecia grande parte do tempo calada, negando-se a falar. Também a recusa em alimentar-se foi acompanhada e descrita em vários momentos pela equipe de enfermagem, que chegou a relatar o comportamento agressivo de Stela, em 21 de setembro de 1992, quando forçada a falar.

Contudo, de acordo com relatos da assistente social e da psicóloga, no prontuário de Stela, em seus últimos dias, ela alternava sentimentos de otimismo diante da sua situação de saúde, como uma tentativa de reagir ao desconforto e à dor. Segundo a psicóloga, em 22 de setembro, Stela recebeu-a “de forma amável” e referiu-se a sua vida após a alta hospitalar, de forma análoga, três dias depois, a assistente social também comentou que Stela acreditava que “iria sarar”.

Seu quadro foi ficando cada vez mais complexo e ela passou a não reagir mais com o otimismo citado pela assistente social e pela psicóloga. De acordo com dados de seu prontuário médico, em 29 de setembro de 1992, ela passou para um estado de torpor e perda gradual de consciência, não respondendo mais às perguntas dos profissionais de enfermagem que a atendiam. Após essa piora em seu quadro de saúde, percebe-se o número de profissionais de diferentes áreas que a atenderam, como dito anteriormente, tanto enfermeiros, assistentes sociais, psicóloga e médicos. Todos apresentaram, em suas anotações, suas preocupações com a evolução de seu estado de saúde.

Stela, de acordo com relatos da psicóloga, em 30 de setembro de 1992, perdeu a consciência em alguns momentos, porém, quando acordada, foi alertada sobre o que lhe ocorreu. Além disso, em 06 outubro do mesmo ano, ela conversou com a psicóloga sobre suas angústias em relação ao seu tratamento, sobre as causas da cirurgia e demonstrou interesse sobre sua cura e satisfação em saber que duas amigas do Núcleo Teixeira Brandão iriam visitá-la. Essa atenção aos sentimentos de Stela demonstram a mudança na forma de tratamento que lhe foi dispensado, em relação aos anos anteriores, uma vez que em outros tempos não lhe eram informadas as decisões médicas, ou, ao menos, não foi relatado esse tipo de conduta em seu prontuário. Stela, aparentemente, em anos anteriores, mantinha certa ignorância quanto aos procedimentos aos quais era submetida e que causavam pensamentos ilusórios, conforme seu “falatório”, colhido na década de 1980:

Eu já fui operada várias vezes
Fiz várias operações

Sou toda operada
Operei o cérebro, principalmente

Eu pensei que ia acusar
Se eu tenho alguma coisa no cérebro
Não, acusou que eu tenho cérebro
Um aparelho que pensa bem pensado
Que pensa positivo
E que é ligado a outro que não pensa
Que não é capaz de pensar nada e nem trabalhar

Eles arrancaram o que está pensando
E o que está sem pensar
E foram examinar esse aparelho de pensar e não pensar
Ligados um ao outro na minha cabeça, no meu cérebro

Estudar fora da cabeça
Funcionar em cima da mesa
Eles estudando fora da minha cabeça
Eu já estou nesse ponto de estudo, de categoria
(PATROCÍNIO, 2009, p. 61)

O sofrimento de Stela estava chegando ao fim, poucos dias após os relatos da psicóloga, ela passou a não reagir mais, recebendo banho em leito e alimentação por sonda nasogástrica. Passou a receber hemotransfusão e monitoramento constante até que, na madrugada do dia 20 de outubro de 1992, entrou em óbito. Segundo seu atestado de óbito⁶⁸, constante no prontuário médico, Stela do Patrocínio faleceu devido à parada cardiorrespiratória, carcinoma mamário e diabetes melitus.

Stela do Patrocínio viveu durante trinta anos em um hospital colônia o qual, como todas as instituições, são criadas a partir de práticas discursivas de sua época. Inicialmente, a Colônia Juliano Moreira foi concebida como o que havia de mais moderno e humano em relação ao tratamento em saúde mental. Nível mais alto de uma tecnologia da loucura e de seu tratamento. Anos mais tarde, graças às mudanças políticas nacionais e à valorização da modernização da sociedade por meio do fomento econômico, os grandes hospitais colônia, antes vistos como modernos passaram a ser encarados como obsoletos, custosos e ineficientes. Emergia, então, a ideia de que é mais eficaz o financiamento de tratamentos via setor privado, e isto fez com que a colônia perdesse investimentos, apesar de sua superlotação.

⁶⁸ Atestado de óbito de Stela do Patrocínio. COLÔNIA JULIANO MOREIRA. Núcleo Teixeira Brandão. *Prontuário* nº 0694 – SP (Caixa 402) 1962.

Stela não conheceu os tempos áureos da Colônia Juliano Moreira, mas sentiu as consequências das políticas públicas de assistência psiquiátrica e das práticas discursivas do saber psiquiátrico. Como visto anteriormente, ela teve quatro diagnósticos diferentes: Personalidade Psicopática com Esquizofrenia Hebefrênica, em 1962; Síndrome Esquizofreniforme, em 1973; Esquizofrenia do tipo residual; e, Estado Paranoide Simples, em 1991. Todas essas denominações expressaram as transformações nas classificações médicas durante o longo período em que ela passou dentro da instituição.

Ela sofreu as consequências de ter sido uma interna e essa vivência permeou toda sua vida e contribuiu para que sua subjetividade fosse expressa e capturada tal como foi. Este é o tema do próximo capítulo.

CAPITULO 3 – “A louca, a preta, a mulher...: o processo de subjetivação no 'falatório' de Stela

*Me transformei com esse “falatório” todinho
Num homem tão feio
Mas tão feio
Que não me aguento mais de tanta feiura
Porque quem vence o belo é o belo
Quem vence a saúde é outra saúde
Quem vence o normal é outro normal
Quem vence um cientista é outro cientista
(Stela do Patrocínio)*

Nos capítulos anteriores, foram ressaltadas as percepções de pessoas que tiveram contato com o “falatório” de Stela do Patrocínio, as batalhas discursivas que se travaram a partir da sua transcrição e publicação como obra poética e, também, o contexto histórico e político em que este “falatório”, depois transformado em livro, foi produzido. Foram vistos, portanto, os lugares onde outras pessoas colocaram Stela: sua classificação intelectual como artista marginal e o espaço em que ela deveria ficar por ser doente mental.

Até aqui houve a preocupação em expor as considerações de outras pessoas sobre Stela do Patrocínio através da leitura de estudos nas diversas áreas, das atividades cinematográficas e cênicas desenvolvidas a respeito dela e de seu “falatório” e a forma como ela problematizou a instituição em que viveu por quase 30 anos e sua relação com as pessoas com quem conviveu durante toda sua vida.

Já neste capítulo será discutido seu processo de subjetivação constituído por meio de sua história de vida e da experiência da loucura. Como visto no texto introdutório, segundo Foucault, a subjetivação se dá através da dobra do sujeito da linha de fora de si mesmo, sobre seu desdobramento nas relações de poder e de saber.

Segundo Deleuze (2005):

... a relação consigo não permanecerá como zona reservada e guardada do homem livre, independente de todo “sistema institucional e social”. A relação consigo entrará nas relações de poder, nas relações de saber. Ela se reintegrará nesses sistemas dos quais começara por derivar. O indivíduo interior acha-se codificado, recodificado num saber “moral” e, acima de tudo, torna-se o que está em jogo no poder – é diagramatizado. A dobra parece então ser desdobrada, a subjetivação do homem livre se transforma em

sujeição por um lado é “a submissão ao outro pelo controle e pela dependência”, com todos os procedimentos de individualização e de modulação que o poder instaura, atingindo a vida cotidiana e a interioridade daqueles que ele chamara seus sujeitos; por outro lado, é o “apego (de cada um) a sua própria identidade mediante consciência e o conhecimento de si”, com todas as técnicas das ciências morais e das ciências do homem que vão formar um saber do sujeito. (DELEUZE, 2005, p. 110)

A necessidade de Stela do Patrocínio se expressar por meio de sua fala foi sua tentativa para se colocar no mundo, assim, como qualquer pessoa. Foi sua tentativa de dobrar-se sobre a linha do fora, lidando com as questões relacionadas ao poder ao qual ela era submetida, assim como as relações entre os saberes.

Suas narrativas, portanto, são importantes, pois, apesar de suas falas terem sido intermediadas por outrem, seu “falatório” publicado é o único vestígio de como ela problematizava a própria existência. Ele pode ser considerado de grande importância, pois se trata da leitura diferenciada sobre uma questão que reflete na vida de muitas pessoas: a da internação psiquiátrica. Suas palavras são um tipo de registro que vem sendo valorizado ultimamente por muitos historiadores e estudiosos das ciências humanas, pois, durante muito tempo, valorizava-se apenas a visão de pessoas que detinham o saber científico quando se tratava de falar da loucura, dos loucos ou das instituições psiquiátricas. A valorização dos registros dos loucos para compreender os próprios acontecimentos que os envolvem, bem como contextos mais amplos, funciona no mesmo sentido evidenciado por Scott (1998), em relação à história das mulheres:

Há muito tempo esse tipo de comunicação tem sido a missão de historiadores que documentam as vidas das pessoas omitidas ou negligenciadas em relatos do passado. Ela produziu uma riqueza de novas evidências anteriormente ignoradas sobre essas pessoas, chamou a atenção para dimensões da atividade e da vida humanas normalmente consideradas indignas de menção para serem citadas nas histórias convencionais. Essa abordagem também provocou uma crise na história ortodoxa ao multiplicar não apenas histórias mas também temas, e ao insistir que histórias são escritas de perspectivas ou pontos de vista fundamentalmente diferentes – na verdade inconciliáveis – nenhum dos quais completo ou totalmente *verdadeiro*. (SCOTT, 1998, p. 300)

Contudo, Scott (1998) faz um alerta a esse tipo de estudo: a de que, ao trabalhar com relatos de pessoas que vivenciaram determinada situação, pode-se cair no erro de tratar esse material como sendo uma verdade incontestável. Tomar como autoevidente as premissas apresentadas por essas pessoas, sem a devida crítica, pode neutralizar as diferenças entre elas, descontextualizando seus discursos.

Precisa-se, portanto, tomar cuidado ao tratar do “falatório” de Stela, pois ele refere-se a sua visão sobre a internação. Considerá-la como a verdadeira versão da realidade seria aceitar a diferença tantas vezes promulgada entre a razão e a desrazão, aceitando suas premissas, sem pensar sobre o que essas categorias significam e como operam entre si. De acordo com Scott (1998), esse cuidado é importante, pois, quando se tornam visíveis as vivências de um determinado grupo, pode-se, também, até expor os mecanismos repressivos, porém, nem sempre se entenderá sua lógica ou funcionamento interno. Pode-se expor as diferenças entre os grupos, mas não o processo de construção das relações entre eles.

O “falatório” de Stela do Patrocínio é visto como expressão do que ela viu e sentiu durante os anos em que seu corpo foi limitado a transitar entre os muros institucionais e uma possibilidade de tentar compreender, mesmo que precariamente, os meandros intersubjetivos que a constituíram como sujeito. Neste sentido, este capítulo assemelha-se ao de outras autoras, como Wadi (2006a), Hidalgo (2008) e Borges (2009) que trabalharam o processo de construção de subjetividades, através da análise de vestígios deixados por pessoas que, em algum momento de suas vidas, foram vistas por outrem como sendo loucas ou por não utilizarem da razão da mesma forma que a maioria das pessoas de sua época.

3.1. A vida de Stela do Patrocínio antes e depois do diagnóstico

O fato de Stela ter pensado sobre si mesma, por si só, não demonstra nenhum sinal de genialidade, como pensam alguns, mas uma necessidade de refletir sobre questões inerentes à própria natureza humana e até sobre outras reflexões mais místicas.

As pessoas nos caminhos normais da vida, sem qualquer ameaça diária a seu controle mental, sem medo de que ninguém jamais as ouvirá, experimentaram uma profunda necessidade de criar versões de seus eus que se “ajustem à realidade” para o público ou para a posteridade. Não deveria ser surpresa, portanto, o fato de que aqueles que se sentem profundamente ameaçados pelos demônios ou médicos de loucos tenham desejado deixar o próprio testamento, como forma de alcançar justiça temporal ou eterna, ou simplesmente como meio de responder, apenas (PORTER, 1991, p. 43).

Apesar de Stela ter sido considerada louca, não é de admirar o fato de ter apresentado tais reflexões. Pensar, sentir e expressar-se fazem parte da natureza de

todos os seres humanos. Contudo, o que ela pensou, sentiu e anunciou através do seu “falatório” é único, pois se refere a uma vivência particular em um lugar e tempo especiais. Suas narrativas demonstram as idas e vindas de uma pessoa que assumiu vários papéis durante sua vida, dentre eles: mulher, negra, pobre, pessoa considerada louca e paciente de uma instituição psiquiátrica. Seu discurso é, portanto, instrumento valioso para se conhecer um pouco da experiência da loucura institucionalizada. A experiência de uma pessoa não linear, contraditória e, por isso, extremamente humana, que ora demonstrava tristeza, mas que também sentiu momentos de alegria; uma pessoa que sofreu pelo isolamento de uma internação psiquiátrica, mas que demonstrou também concordar com o tratamento que recebia..

Infelizmente, pouco se sabe sobre como seria a sua vida antes que o diagnóstico de esquizofrenia a fizesse ser internada e isolada do convívio de seus amigos e de sua família. Os escassos dados sobre sua vida pregressa são descritos brevemente em seu prontuário, como comentado no capítulo anterior. De forma esquemática, informações adquiridas em uma ficha de admissão hospitalar, mostram que Stela nasceu no dia 09 de janeiro de 1941, filha de Manoel do Patrocínio e Zilda Xavier do Patrocínio. O local de seu nascimento não é bem claro, pois a ausência de documentos comprobatórios e divergências em diferentes partes do prontuário, ora colocam que ela nasceu em Guanabara, no Rio de Janeiro, ora em Belo Horizonte, estado de Minas Gerais. Dentre as folhas amareladas que compõem esse arquivo, existe a informação de que Stela se autodeclarava solteira, e que, antes de ser uma paciente da Colônia Juliano Moreira, trabalhava como doméstica e babá e que vivia com sua mãe e irmã na Rua Maria Eugênia, nº 50, apartamento 401, no Botafogo – Rio de Janeiro. (COLÔNIA JULIANO MOREIRA, 1962)

Em seu “falatório”, Stela do Patrocínio apresentou poucas referências a sua vida pregressa, no período em que ela ainda não tinha sido vista como uma pessoa que precisasse de intervenção do saber psiquiátrico. Uma das poucas informações que ela apresentou durante a gravação, que deu origem ao livro “Reino dos bichos e dos animais é o meu nome”, é que ela não tinha filhos e também não manteve nenhum relacionamento afetivo importante. No entanto, ela deu indícios de que apreciava sua liberdade e a possibilidade de transitar pelo mundo, algo que contrastava com a sua realidade, o isolamento em que vivia enquanto interna:

Meu passado foi um passado de areia
Em mar de Copacabana
Cachoeira de Paulo Afonso
Bem dentro da Lagoa Rodrigues de Freitas
No Rio de Janeiro (PATROCÍNIO, 2009, p. 65)

Ao que tudo indica, antes de seu diagnóstico, Stela tinha a possibilidade de ir e vir, o que está exposto através de seu "falatório". Apesar de não haver relatos sistematizados sobre sua vida antes do internamento, em seu prontuário existe uma certa discrepância de informações que podem indicar que realmente Stela viajava muito, conforme ela expôs no trecho a seguir:

Fui viajante, sou muito viajada
Viajei muito, gostava muito de viajar
Gostava muito de viagem
Viajei São Paulo Rio de Janeiro Petrópolis Belo Horizonte
Minas Gerais São Paulo
Fui na Praça Mauá até São Paulo à pé
(PATROCÍNIO, 2009, p. 139).

Entre os diversos documentos que compõem seu prontuário existe a indicação de dois lugares de nascimento diferentes. Em alguns documentos, há a indicação de que ela teria nascido na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, em outros, de que teria nascido na Guanabara, atual estado do Rio de Janeiro. Estes são os únicos vestígios documentais, que podem sugerir que Stela conhecia tais lugares, ou que, ao menos durante as entrevistas, ela teria relatado essas procedências divergentes. (COLÔNIA JULIANO MOREIRA, 1962)

Provavelmente, essas lembranças permaneciam em sua mente e acompanharam-na durante todos os anos em que viveu na Colônia: o gosto pela sua independência anteriormente vivida com plenitude contrariava com a maçante rotina de reclusão que ela e suas companheiras viviam.

Todo dia dá segunda terça quarta quinta sexta sábado domingo
Janeiro fevereiro março abril maio junho julho agosto setembro outubro
novembro dezembro
Estamos no mês de junho e hoje é quarta feira
(PATROCÍNIO, 2009, p. 102).

Outra pista de como poderia ser a vida de Stela antes de sua internação foi descrita por um médico residente em um documento denominado “Serviço de Arquivo Médico Estatístico”, sem data, onde há o registro do prontuário nº 00694 (número que

passou a referir-se a Stela após sua entrada na vida institucional). Neste documento, o médico, cuja grafia não permite que sua identidade seja revelada, escreveu:

A paciente informa que sempre viveu internada, desde criança ficava passando de um lugar para outro – Escola de Artes e Ofício – Lar da Criança, etc. [...] (COLÔNIA JULIANO MOREIRA, 1962)

Em outros documentos institucionais, a informação de que Stela do Patrocínio teria frequentado a escola até o ensino secundário se repete, comprovando que ela realmente teria tido acesso ao mínimo de conhecimento das letras antes de seu diagnóstico. (COLÔNIA JULIANO MOREIRA, 1962)

Além disso, ela própria refere-se a seu passado de estudante:

O que você estudou Stela?
Estudei em livro
Linguagens
Comment allez vous?
Como você está? thank you very much
O tanque da Vera tá cheio de mate
Ça va bien, a Sra. Vai bem?

Quem te ensinou inglês e francês?
Eu estava na escola aprendendo a ler e escrever

Você foi até que ano na escola?
Fiz o curso primário admissão ginásial normal

Você é professora?
Não sou professora mas tive o trabalho de estudar letra por letra
Frase por frase folha por folha (PATROCÍNIO, 2009, p. 143)

Assim, a partir de dados de seu prontuário e pelo seu “falatório” sabe-se apenas que Stela do Patrocínio foi uma mulher que vivia com a mãe e uma de suas irmãs, gostava de viajar e que estudou letra por letra. Não se sabe realmente quem foi a mulher que entrou na Colônia Juliano Moreira, mas os vestígios que ela deixou, os relatos de outras pessoas sobre ela, dão uma noção do que se tornou após os anos de internação. Suas relações com o saber psiquiátrico e as interações com outras pessoas que também faziam parte da instituição, como as outras pacientes, funcionários, visitantes e médicos são parte de seu processo de subjetivação.

3.2. A louca

O que hoje pode ser considerado algo usual, como a importância dada à fala do louco para a compreensão de determinadas relações institucionais, anos atrás era algo inimaginável. Diante disso, pode-se compreender que o “falatório” de Stela nem sempre foi ouvido, pois, acreditava-se, segundo Porter (1991), que algumas formas de comunicação e autoexpressão eram contraindicadas e até mesmo proibidas para aqueles considerados insanos. No fim do século XIX, até o ato de escrever era-lhes desaconselhado já que poderia deixá-los excitados e a fala sobre si mesmo era vista como um sinal de personalidade do tipo histérica.

Além disso, de acordo com Porter (1991), a fala do louco era vista como:

Aquelas palavras, se entendidas literalmente, eram perigosas, até mesmo abomináveis. De modo que se tornou padrão referir-se ao que diziam os loucos – seus xingamentos, obscenidades, insultos e indecências – com termos como “tagarelar”, “balbuciar” e “ruídos”, sugerindo que a linguagem deles era subumana, não comunicando sentido algum como os sons dos animais selvagens – Com os quais é, claro, eram frequentemente comparados (PORTER, 1991, p. 46).

Stela captou essa percepção em relação à fala do louco, tanto que minorava seu próprio discurso ao chamá-lo simplesmente de “falatório”. Ela, da mesma forma que o pensamento psiquiátrico vigente durante praticamente todo o período em que esteve internada, não creditava muito valor a sua fala. Isto é perceptível, por exemplo, quando responde à afirmação de uma estagiária em entrevista publicada no livro “Reino dos bichos e dos animais é o meu nome”, que diz “Tudo o que você fala é poesia Stela”, dizendo “É só história que eu tô contando, anedota” (PATROCÍNIO, 2009, p. 146).

Mesmo explorando as possibilidades de seu “falatório” durante o período em que esteve internada, Stela demonstrava até mesmo certo cansaço pelo fato de que sua fala não lhe trazia oportunidades de mudanças:

Eu já não tenho mais voz
Porque já falei tudo o que tinha que falar
Falo, falo, falo, falo o tempo todo
E é como se eu não tivesse falado nada...
(PATROCÍNIO, 2009, p. 134).

Além disso, ela percebia que seu “falatório” não a ajudava a mudar sua situação institucional e que, diante do saber psiquiátrico, seus argumentos pouco tinham

impacto, sendo que, inclusive, diante disso, sua imagem se tornava ainda mais desacreditada, como se pode ler a seguir:

Me transformei com esse “falatório” todinho
Num homem tão feio
Mas tão feio
Que não me aguento mais de tanta feiura
Porque quem vence o belo é o belo
Quem vence a saúde é outra saúde
Quem vence o normal é outro normal
Quem vence um cientista é outro cientista
(PATROCÍNIO, 2009, p. 135).

Pode-se destacar as duas últimas frases deste pequeno extrato para mostrar como Stela assumia o pensamento vigente da época, o de que o saber científico, o qual explicava quem era o normal e quem era o louco, tinha peso maior que outros tipos de saberes. Sendo “anormal” e “feia” ela não teria tanto poder de argumentação sobre o “normal” e “belo” representado pelo ideal de pessoa daquele período.

Neste sentido, García Díaz e Jiménez Lucena (2010), ao estudar como a ideologia de gênero influi na construção de subjetividade de mulheres internadas em instituições psiquiátricas, comentam como a fala dos especialistas em psiquiatria, durante muitos anos, sobressaía-se diante da fala das pacientes e como isso influía, sobremaneira, na forma como essas mulheres se viam e problematizavam a sua própria existência:

La autoridad psiquiátrica hegemónica (kraepeliniana) sólo autoriza la palabra del experto psiquiatra, la del enfermo no es considerada. La relación entre el médico y el paciente se realiza a través de intermediarios, a los que se les reconoce una cierta autoridad para hablar del sujeto enfermo. En la concepción kraepeliniana la no consideración del discurso del enfermo es una condición apropiada para el conocimiento (...). Esto se refleja en las historias clínicas por la ausencia prácticamente generalizada del discurso de las pacientes, por la ausencia del sujeto enfermo; siendo sustituido por el discurso del experto o de la familia y, por tanto, por las subjetividades de éstos (GARCÍA DÍAZ e JIMÉNEZ LUCENA, 2010, p. 129).

O fato de ter sido diagnosticada como louca e colocada em uma instituição especializada no tratamento deste tipo de problemática repercutiu muito na vida de Stela, o que pode ser demonstrado em vários trechos de seu “falatório”. É visível a forma como a vivência de internação marcou sua existência de tal forma que ela se atribui uma identidade de louca mesmo antes de seu diagnóstico:

Nasci louca
Meus pais queriam que eu fosse louca
Os normais tinha inveja de mim
Que era louca
(PATROCÍNIO, 2009, p. 60).

Em outro trecho do seu “falatório”, Stela chega a dizer que sequer existia antes da internação. Sendo este o marco de sua própria origem no mundo:

Eu sobrevivi do nada, do nada
Eu não existia
Não tinha uma existência
Não tinha uma matéria
Comecei a existir com quinhentos milhões e quinhentos mil anos
Logo de uma vez, já velha
Eu não nasci criança, nasci já velha
Depois é que eu virei criança
E agora continuei velha
Me transformei novamente numa velha
Voltei ao que eu era, uma velha
(PATROCÍNIO, 2009, p. 72).

O trecho “Eu não existia”, citado acima, pode denotar, inclusive, uma possível referência a sua própria internação, pois antes deste acontecimento, sua vida ainda não havia sido documentada. Sua história somente passou a ter um registro mais sistemático, embora modesto, a partir do momento em que ela foi considerada louca e internada em uma instituição. Ela se referiu a isso ao dizer que “já nasceu velha”, isto é, o registro de sua identidade somente aconteceu quando ela era adulta. Antes disso, ela “Não tinha uma existência”.

Ser considerada louca, uma pessoa cuja voz não era ouvida, por não representar o pensamento vigente pode ter provocado em Stela, sentimentos de desvalorização e extrema baixa autoestima:

Eu sou mundial podre
Tudo pra mim é merda durinha à vontade
Até ser contaminada e contaminada até ser merda pura
E é merda fezes excremento bosta cocô
Bicha lombriga verme pus ferida vômito escarro porra
Diarreia disenteria água de bosta e caganeira (PATROCÍNIO, 2009, p. 115).

Stela chega a estabelecer relações entre o hospital em que vivia e o mundo animal, dando uma conotação negativa a sua condição de doente mental. No “poema” que dá nome ao livro organizado por Viviane Mosé, ela se reconhece em meio a esse “mundo animal”, também visto como o hospital psiquiátrico:

Meu nome verdadeiro é caixão enterro
Cemitério defunto cadáver
Esqueleto humano asilo de velhos
Hospital de tudo quanto é doença
Hospício
Mundo dos bichos e dos animais
Os animais: dinossauro camelo onça
Tigre leão dinossauro
Macacos girafas tartarugas
Reino dos bichos e dos animais é o meu nome
Jardim Zoológico Quinta da Boa Vista
Um verdadeiro jardim zoológico
Quinta da Boa Vista
(PATROCÍNIO, 2009, p. 110).

No entanto, em outros trechos de seu “falatório”, é possível perceber que ela nem sempre sustentava uma visão tão depreciativa de si mesma. Por vezes, defendia que, assim como os técnicos e os psiquiatras, nela também era possível ver traços da “razão”, como no já citado trecho: “Não trabalho com a inteligência/Nem com o pensamento/Mas também não uso a ignorância” (PATROCÍNIO, 2009, p. 54).

Suas palavras denotam a visão que ela tinha de si mesma diante das colegas de instituição, pois, apesar de seu dia-a-dia como paciente, vagando na instituição entre pessoas doentes, destacava-se por sua condição intelectual, considerada por ela como mais elevada, como se pode perceber também em:

Aqui no hospital ninguém pensa
Não tem nenhum que pense
Eles vivem sem pensar
Comem bebem fumam
No dia seguinte querem saber
De recontinar o dia que passou
Mas não tem ninguém que pense
E trabalhe pela inteligência (PATROCÍNIO, 2009, p. 53)

Assim, pode-se ver que, embora Stela aceite, em alguns momentos, o fato de ser vista como um ser inferior, ela tenta lutar contra este estigma, atribuindo a si mesma uma aura mais transcendental e mística:

[...] Não sou da família, não sou dos bichos
Não sou dos animais. Sou de Deus
Um anjo bom que Deus fez
Pra sua glória e seu serviço (PATROCÍNIO, 2009, p. 83).

Esta forma de ver-se, mais positiva, pode estar relacionada ao processo de resistência ao poder institucional a que ela foi submetida durante seus anos na Colônia

Juliano Moreira. Sobre esse processo, Foucault (2012b) entendia como sendo uma forma de as pessoas encontrarem para criar espaços de transformação e luta contra as relações de poder. São estratégias criadas a partir do próprio poder e que vão contra certos efeitos do estado de dominação.

O fato de Stela ter continuado expressando seu “falatório” mesmo diante do rechaço médico, que dava pouco valor à fala do louco, como já discutido anteriormente, pode ser entendido como uma estratégia dela para opor-se ao domínio institucional. Stela tentava explicar para si e para os outros sua própria vivência, utilizando-se, para isso, de elementos linguísticos, históricos e culturais de seu tempo.

Ela tentava fazer com que sua fala reverberasse entre os muros institucionais, o que pode ser visto em uma foto (Figura5) exposta na biblioteca, que leva o seu nome, no atual Instituto de Saúde Mental Juliano Moreira, em Jacarepaguá. Nesta foto, Stela fala dentro de uma lata de alumínio, recurso improvisado com um material cedido pela própria instituição que a calava, para que sua voz soasse mais alto, tal como um microfone.



Figura 5 - Stela fala dentro de uma lata de alumínio
Fonte: Mosé (2009)

Seu “falatório” é um discurso que tenta tornar inteligível seu mundo e suas relações com as pessoas com as quais convivia, em seu tempo e lugar, entremeado de outros discursos dotados de maior valorização por serem pronunciados por aqueles que

detinham o direito/poder de falar. Ele deve ser, portanto, compreendido como objeto repleto de sentido, mesmo que, à primeira vista, pareça não ter.

Sem pretender fazer uma analogia simplista ou mesmo anacrônica com o material autobiográfico apresentado por Lima Barreto, o conteúdo do “falatório” de Stela parece carregar o mesmo propósito de reação frente às práticas discursivas existentes na instituição psiquiátrica. Seu “falatório”:

... representou a reação ao micropoder, ao controle, à padronização de gestos e, sobretudo, de discursos, ou seja a situações normalizadoras obviamente agravadas no domínio do hospício. [...] criou um espaço para o discurso de si em uma situação de vida regulada por horários, hábitos coletivos, pessoas não escolhidas por ele para o convívio, sob a repressão de uma medicina que muitas vezes abusou da crença em sua onisciência e onipotência. Construiu uma narrativa em meio a uma sociedade onde a disciplina era o grande instrumento do poder, composta, segundo Foucault, por “métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que asseguram a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade” (HIDALGO, 2008, p. 234).

Outra estratégia de Stela do Patrocínio que pode ser considerado como parte de sua luta contra a padronização hospitalar e ao estigma de paciente é a sua tentativa de diferenciar-se dos demais, utilizando ornamentos e peças de vestuário distintos. Em um trecho do seu prontuário, as suas vestes são analisadas por um médico que a atendeu, em que ele demonstra certa estranheza com a sua forma de se vestir, como por exemplo:

18/07/89 Sempre alternando em seu discurso a coerência com delírios residuais, ilusões e atos bizarros, a paciente mostra [...] falante e simpática. Sua higiene é satisfatória, apesar das roupas em [...] que continua a usar: óculos escuros, casaco envelhecido e sujo e retalhos de pano sobre o corpo. [...] (COLÔNIA JULIANO MOREIRA, 1962).

Em uma entrevista a Guimarães (2009), Carla Guagliardi, uma das pessoas que conheceu Stela pessoalmente, pois participou como estagiária nas oficinas artísticas que ocorriam no Núcleo Teixeira Brandão na época, bem como do projeto de gravação do “falatório”, disse que ela se destacava entre as pacientes, pois estava:

Sempre soberba, trajando ornamento como uma capa feita de cobertor ou maquiada com traços brancos desenhados na face, ela se apresentou e demonstrou por nós uma curiosidade peculiar, séria e distinta. Grande parte das pacientes tendem a ter um comportamento infantilizado, catatônico e/ou extremamente carente... com a Stela era diferente... seu olhar enxergava algo além, sua atitude em relação à instituição hospitalar e a condição com que o paciente psiquiátrico é visto e tratado era mais crítica e reflexiva, ao mesmo tempo muito poética, até mesmo trágica. Sua fala tantas vezes confirmava o

que tantos filósofos, poetas e pensadores dissertaram a respeito da loucura. Era realmente impressionante (GUIMARÃES, 2009, p. 63).

A partir do relato dessas duas pessoas, do médico e de Carla Guagliardi, que conviveram minimamente com Stela, pode-se perceber que sua tentativa de destacar-se dos demais dera resultado. Ela realmente era lembrada por sua peculiaridade ao falar e, como se pode ver também pela sua forma de portar-se fisicamente. Aparentemente, ela lutava contra uma tentativa de fiscalização e padronização institucional, o que também é visto em outro trecho de seu “falatório”:

Eu sou seguida acompanhada imitada assemelhada
Tomada conta fiscalizada examinada revistada
Tem esses que são iguaizinhos a mim
Tem esses que se vestem e se calçam igual a mim
Mas que são diferentes da diferença entre nós
É tudo bom e nada presta (PATROCÍNIO, 2009, p. 55).

Seu “falatório” revela as limitações que lhe eram impostas, tanto fisicamente, como aquelas que tentavam imputar-lhe certa forma de pensar, o que deixa implícito o que representava o hospital psiquiátrico em sua época, lugar onde era exercido o poder através do conhecimento científico. Em vários momentos ela expõe sua visão sobre as restrições que lhe eram infligidas e como isso a fazia sofrer:

Estar internada é ficar todo dia presa
Eu não posso sair, não deixam eu passar pelo portão
Maria do Socorro não deixa eu passar pelo portão
Seu Nelson também não deixa eu passar lá no portão
Eu estou aqui há vinte e cinco anos ou mais (PATROCÍNIO, 2009, p. 47)

Contudo, por vezes, Stela apresenta certo conformismo com sua situação, demonstrando, em sua fala, o sentimento de resignação e a ideia de que ela tem que aceitar a vida da forma como ela se apresenta, como é possível perceber no seguinte trecho de seu “falatório”:

A vida a gente tem que aceitar como a vida é
E não como a gente quer
Se fosse como eu queria
Eu não queria ver ninguém no mundo
Não queria ver ninguém na casa
Queria estar toda hora comendo bebendo fumando
Assim é que eu queria que fosse meu gosto
(PATROCÍNIO, 2009, p. 101)

Sua vida, envolta por imposições, as quais não podia transpor, transformava-se em um conjunto de atividades sem sentido, que a deprimiam e minoravam suas ações.

Minha vida é só comer beber e fumar
Só presto pra beber comer e fumar
Eu aprendi comer beber e fumar
Eu não sabia... (PATROCÍNIO, 2009, p. 95).

Sentimentos de cunho depressivo gerados por essa situação podem ter desencadeado, em 1988, uma tentativa de suicídio, conforme relatos de seu prontuário. Esta tentativa de suicídio coincidiu com o ano em que foram feitas as gravações que deram origem ao livro de onde o seguinte trecho foi extraído:

Eu não sei o que fazer da minha vida
Por isso eu estou triste
E fico vendo tudo em cima da minha cabeça
Em cima do meu corpo
Toda hora me procurando me procurando
E eu já carregada de relação sexual
Já fodida
Botando o mundo inteiro pra gozar e sem gozo nenhum
(PATROCÍNIO, 2009, p. 117)

De acordo com relatos de profissionais que a atenderam nesse período crucial de sua vida, Stela citava que ouvia vozes que sugeriam que ela não estava sendo produtiva e não era benquista no núcleo em que morava e, que, por esse motivo, ela deveria morrer jogando-se do parapeito de um dos prédios. Tanto os médicos que a atenderam como os enfermeiros descreveram os cuidados que lhe foram dispensados e também suas impressões pessoais.

A médica psiquiatra que a atendeu nesse momento, apresentou mais detalhes sobre os motivos que levaram Stela a ser removida para o Hospital Jurandyr Manfredini⁶⁹:

Paciente desorientada quanto à data. Informa corretamente o nome, logorreica, delirante. Refere ouvir vozes que dizem que não a querem aqui no Núcleo “você não é de lugar nenhum, você come e não produz, é bom você se atirar de dentro para fora para você gozar da tua natureza”. “Respondo que você me acusa e se acusa”. “Agora resolvi escutar a voz da Assistente Social,

⁶⁹ Segundo Lougon (2006), na década de 1980, o Hospital Jurandyr Manfredini era uma unidade de atendimento aos pacientes psiquiátricos agudos e fazia parte da configuração física e administrativa da Colônia Juliano Moreira.

a chefe e a senhora”. “quando escuto as vozes fico vagando no tempo e no vazio”. Hoje escutei “abandona a Teixeira Brandão que você não mora aqui; quando vou fugir pelo portão não deixam”. “É suficiente eu vir aqui em cima para obedecer as vozes”. “eu tenho que fugir, as pessoas ficam sabendo de tudo que eu faço”. Informa da Chefia que ontem a paciente apresentava-se balançando no parapeito, abordada referiu que as vozes mandavam ela se suicidar. Informação importante. Paciente com risco de vida, necessitando acompanhamento e cuidados permanentes [...] (COLÔNIA JULIANO MOREIRA, 1962)

Essas vozes, que Stela dizia ouvir, eram descritas pelo saber psiquiátrico, em 1985, três anos antes dos acontecimentos relatados acima, como originadas de "delírios", um dos sintomas mais comuns entre os transtornos psiquiátricos, e refere-se a uma perturbação onde a pessoa tem a falsa percepção de sons, em sua maioria, vozes, mas também de outros tipos de ruídos como música, por exemplo (KAPLAN; SADOCK, 1985).

Contudo, apesar de estar imersa no discurso oriundo do saber psiquiátrico, hegemônico no local em que estava inserida, por vezes, Stela demonstrava não compreender o que acontecia consigo mesma. E em alguns momentos esta incompreensão era demonstrada claramente em sua fala, como no trecho a seguir:

Eu tenho muito mal pensamento
Mas não sou eu que faço mal pensamento
Eu não sei quem é
Mas não sou eu que faço mal pensamento
(PATROCÍNIO, 2009, p. 124).

Stela do Patrocínio foi diagnosticada como louca, viveu durante muitos anos em instituição dedicada ao tratamento de doentes e recebeu os tratamentos considerados, na sua época, como os ideais para a melhora dos sintomas verificados pelos médicos psiquiatras. Essa situação, inegavelmente, ajudou a constituí-la como sujeito. Contudo, ela pouco falou sobre seu próprio diagnóstico, mas sim sobre os tratamentos pelos quais passou.

O remédio que eu tomo me faz passar mal
E eu não gosto de tomar remédio pra ficar passando mal
Eu ando um pouquinho, cambaleio, fico cambaleando
Quase leve um tombo
E se eu levo um tombo eu levanto
Ando mais um pouquinho, torno a cair
(PATROCÍNIO, 2009, p. 46)

O único procedimento cirúrgico que tem registro no prontuário de Stela refere-se à amputação de sua perna esquerda, fato que ocorreu anos após o seu “falatório” ter sido gravado (COLÔNIA JULIANO MOREIRA, 1962). O que Stela fala a seguir sobre suas cirurgias pode se referir àqueles a que suas colegas foram sujeitas e testemunhadas por ela:

Eu já fui operada várias vezes
Fiz várias operações
Sou toda operada
Operei o cérebro, principalmente

Eu pensei que ia acusar
Se eu tenho alguma coisa no cérebro
Não, acusou que eu tenho cérebro
Um aparelho que pensa bem pensado
Que pensa positivo
E que é ligado a outro que não pensa
Que não é capaz de pensar nada e nem trabalhar

Eles arrancaram o que está pensando
E o que está sem pensar
E foram examinar esse aparelho de pensar e não pensar
Ligados um ao outro na minha cabeça, no meu cérebro

Estudar fora da cabeça
Funcionar em cima da mesa
Eles estudando fora da minha cabeça
Eu já estou nesse ponto de estudo, de categoria
(PATROCÍNIO, 2009, p. 61).

Essa fala referente às cirurgias neurológicas foi recolhida em 1984, período em que ainda existiam algumas edificações onde era realizado esse tipo de procedimento, como o Pavilhão Egas Muniz, ou o Bloco Neurocirúrgico na Colônia Juliano Moreira. (LOUGON, 2006). Apesar dessas edificações estarem em ruínas na década de 1980, período em que as falas de Stela foram gravadas, não admira o fato de as ideias sobre o que acontecia nesses prédios ainda estarem presentes no imaginário das pessoas que viviam nas dependências do Núcleo Teixeira Brandão.

Essa e outras intervenções do saber médico sobre a vida de Stela do Patrocínio foram cruciais para seu processo de subjetivação. Intervenções, nem sempre medicamentosas ou terapêuticas, mas presentes em todos os momentos, o que podia gerar sentimentos de estar o tempo todo sendo observada:

Eu sou seguida acompanhada imitada assemelhada
Tomada conta fiscalizada examinada revistada [...].
(PATROCÍNIO, 2009, p. 55)

Não sou eu que gosto de nascer
Eles é que me botam pra nascer todo dia
E sempre que eu morro me ressuscitam
Me encarnam me desencarnam me reencarnam
Me formam em menos de um segundo
Se eu sumir desaparecer eles me procuram onde eu estiver
Pra estar olhando pro gás pras paredes pro teto
Ou pra cabeça deles e pro corpo deles
(PATROCÍNIO, 2009, p. 71).

Sua forma de pensar o seu mundo pode ter sido constituída a partir da convivência com os profissionais que cuidaram dela durante todos esses anos, o que pode, ainda, ter feito surgir um outro tipo de vida que ela não teria se não tivesse sido internada. Stela reconheceu a importância do internamento no processo de subjetivação, e fala:

Me ensinaram a viver
Me ensinaram a fazer o bem e o mal
Escolher entre o bem e o mal
Estou começando a passar mal
Mal do cérebro?
Tô sim, tô começando a passar mal do cérebro
Da cabeça, tô me sentindo fodida
(PATROCÍNIO, 2009, p. 70).

Neste extrato de seu “falatório”, pode-se pensar que ela se referia aos médicos e à equipe que a atendeu durante os anos de internação. Alguém teria tentado explicar à Stela o que era o bem e o mal (razão e desrazão), o que pode denotar um indício de que ela poderia ter sido submetida a outras terapias que não as medicamentosas, como a psicológica. Segundo Lougon (2006), na década de 1980, período em que foram gravados os “falatórios” de Stela, alguns profissionais foram contratados na Colônia Juliano Moreira, como psicólogos, terapeutas ocupacionais, assistentes sociais e enfermeiros.

3.3. Uma mulher

Segundo Ordorika Sacristán (2009), o gênero tem um peso fundamental para a saúde mental dos sujeitos e, embora, durante muitos anos, estudos biológicos e psicológicos tenham sugerido que certos padecimentos mentais fossem oriundos de características físicas ou psíquicas específicas das mulheres, atualmente, há estudos que

demonstram que as situações vividas pelas mulheres, bem como os papéis que elas assumem socialmente, são fundamentais para o surgimento de transtornos mentais.

Sem ter a pretensão de reafirmar ou não o diagnóstico de Stela, o que está longe de ser o objetivo deste trabalho, é necessário, entretanto, refletir sobre o peso dos papéis de gênero para a inclusão dela na lista de pacientes da Colônia Juliano Moreira. Stela do Patrocínio era solteira e não tinha filhos, de acordo com dados de seu prontuário. Porém, é muito provável que, assim como todas as mulheres de sua época, ela tenha sentido na pele as exigências para que se casasse, tivesse família, filhos, uma casa, enfim, uma vida “normal” para uma mulher.

Esta questão foi abordada por Stela em vários momentos de seu “falatório”, ou seja, a necessidade de ter uma família e filhos:

Eles disseram pra mim
Você não pode passar sem um homem
Sem mulher sem criança sem os bichos sem os animais
Mas alimentação e superalimentação você também não pode ter
(PATROCÍNIO, 2009, p. 90)

Falando da realidade do Rio Grande do Sul, entre o fim do século XIX e início do século XX, Wadi (2009) contou a história de Pierina Cechini, mulher, branca, que foi presa após matar sua filha, de quase dois anos, por afogamento e depois internada em uma instituição destinada a abrigar aqueles cuja razão foi um dia questionada pelo saber médico de uma época. A similaridade entre a história de Pierina e a de Stela do Patrocínio não se dá por uma dimensão temporal, regional, ou mesmo por pela cor de suas peles, porque isso efetivamente as afastam, contudo outros três motivos as aproximam: o fato de tratarem-se de duas mulheres que, ainda jovens, foram consideradas loucas; seus sentimentos ambivalentes em relação ao papel feminino marcado pela exigência da maternidade; e, finalmente, pela sua condição social e econômica, pois, assim como Stela, Pierina também era pobre.

Pierina, segundo Wadi (2009) questionava seu papel de mãe, sendo que, após a primeira filha - que acabou matando - tentou, de várias formas possíveis evitar uma nova gravidez.

Stela, por sua vez, indica claramente o que ela compreende como sendo um dos papéis femininos, ou seja, uma mulher deve ser a nutriz de sua prole. Porém, ao mesmo tempo, indica como isso reverbera em sua própria vida deixando claro que ser uma mãe que cuida de seus filhos não era, necessariamente, algo que ela desejasse para si:

Pra poder ter uma alimentação
É preciso depender sempre de uma fêmea
Dos filhos todinhos da fêmea
Da fêmea dos filhos todinhos da fêmea
Dos bichos dos animais todinhos da fêmea
Recolher tudo botar tudo pra dentro pra fora pra cima pra baixo
De um lado de outro pela frente pelo fundo
Pela boca pelos olhos pela cabeça
Pela pele pela carne pelos ossos
Pela larguez pela altura
Pelo corpo todo

Quem sofre sou eu
Quem passa mal sou eu
(PATROCÍNIO, 2009, p. 98).

O ultimo trecho “Quem sofre sou eu /Quem passa mal sou eu”, pode conduzir a uma dupla interpretação, pois pode, por um lado ser expressão do seu sentimento de pesar por não ter exercido o seu papel de “fêmea” ou, ao contrário, pode ser uma expressão de um certo alívio por não ter carregado fardo tão grande.

Quanto a esse sentimento ambíguo, o desejo de ter uma família, ela demonstra certo conforto em não tê-la, e isto pode ser visto também na fala em que Stela responde à Carla Guagliardi:

Você se casou?
Me casei como?

Você já foi casada?
Casada como?

Já morou com homem?
Morou com homem como?

Viveu junto com homem, com parceiro, não sabe o que é casar?
Casar é ter um filho durante muitos dias semanas mês o ano inteiro
Ficar com a casa cheia e cheia de preocupação em si
Com o companheiro e com os filhos?
(PATROCÍNIO, 2009, p. p. 143)

Em outros momentos, respondendo diretamente a Carla Guagliardi, que lhe faz perguntas, Stela novamente demonstra suas problematizações frente ao que ela considerava família e feminino, como por exemplo, o que ela poderia considerar uma função importante como a procriação ou a continuidade de uma família:

Você nasce sempre
Tem seus herdeiros e seus hereditários todinhos
Tem sua família

Eu não tenho mais família
Minha família toda já morreu
Tô na família do cientista (PATROCÍNIO, 2009, p. 121).

Novamente, Stela aparenta demonstrar certo descontentamento por não ter uma família, por não ter filhos. Embora, na leitura de seu prontuário médico esse dado não apareça com tanta clareza. Nos relatos dos funcionários que atenderam Stela durante seu período de internamento, como os enfermeiros e assistentes sociais, são encontrados apenas anotações como "sem informações sobre a existência de filhos" (COLÔNIA JULIANO MOREIRA, 1962).

Contudo, durante seu "falatório", Stela expressou que teria sido mãe, conforme se pode ver abaixo:

Quando eu produzi, que eu pari
Eu estava subindo a escada com uma criança
Eu ainda era clara, branca
Da noite pro dia eu fiquei branca
Ou se foi do dia pra noite que eu fiquei branca
Eu fiquei preta
Eu sei que eu tomei cor
Nos gases eu me formei
Eu tomei cor
Aí eu já produzi uma criança no colo
Outra no corpo
Sem eu saber que estava produzindo uma criança pequena
De tamanho grande e de saúde
Eu também estava com saúde
Eu ia subir sempre a escada com as duas crianças
E deixar no apartamento e ir embora
Ou então tornar a descer as escadas com duas crianças
[...]
(PATROCÍNIO, 2009, p. 73)

A despeito deste trecho, ao referir-se a uma criança nascida de seu corpo, não existe substancialmente nenhum indício de que ela tenha sido mãe. Talvez essa sua fala seja reflexo de um desejo de colocar-se de acordo com os padrões estabelecidos ao ser feminino.

Eu queria brilhar ser limpinha gostar de limpeza
Gostar do que é bom gostar da vida
Saber ser mulher da vida
Dar a vida por alguém que tivesse morrendo
Que tivesse doente
Fazer meu papel de doutora
(PATROCÍNIO, 2009, p. 145).

Pelo exposto acima, Stela do Patrocínio alternava, em sua fala, sentimentos de desejo e repulsa em assumir características e papéis tidos como femininos. Ser mulher poderia ser considerado algo complicado em algumas situações. De acordo com Ruiz Somavilla e Jiménez Lucena (2003), um processo de feminilização da loucura começou a ocorrer de forma mais visível no final do século XIX. A partir de então, alguns comportamentos considerados “típicos de mulheres” - como, por exemplo, o "sentimentalismo" -, passaram a ser tratados como indícios de possíveis transtornos psiquiátricos. Essa postura condicionou as respostas terapêuticas dadas pela medicina da época e fez com que as mulheres apresentassem uma maior possibilidade de receberem o diagnóstico de doentes mentais.

Las mujeres tenían más probabilidad de ser etiquetadas de enfermas mentales, debido a lo que Chesler llama “doble estándar” de la enfermedad mental, y a que la salud mental no se valoraba de la misma forma, con los mismos parámetros, en hombres y mujeres, pues los parámetros de una personalidad sana: independencia, autonomía y objetividad no eran los parámetros de una mujer mentalmente sana: dependencia, sumisión y sentimentalismo (RUIZ SOMAVILLA e JIMÉNES LUCENA, 2003, p. 10).

Stela, assim como todas as mulheres de seu tempo, foi submetida a parâmetros de normalidade e anormalidade orientados a partir de uma idealização do que seriam os papéis sexuais conferidos ao gênero feminino. Ao feminino, eram esperados comportamentos que condizessem com a vida familiar, com o cuidado com os filhos e a discrição no contato com o sexo oposto.

Eles disseram pra mim
Você não pode passar sem um homem
Sem mulher sem criança sem os bichos sem os animais
Mas alimentação e superalimentação você também não pode ter
(PATROCÍNIO, 2009, p. 90)

Em um estudo em que analisa os prontuários de pacientes masculinos e femininos internados nas últimas três décadas, Zanello e Silva (2012) perceberam que existiam diferenças na forma com que os sintomas em mulheres eram descritos em relação aos dos homens. De acordo com os autores, a prevalência de sintomas, como o choro, por exemplo, era substancialmente maior entre mulheres do que em homens, porém um aspecto importante notado por eles foi que:

Chamou também atenção a presença de certos “sintomas” apontados nos prontuários femininos, alguns dos quais igualmente apareceram nos

masculinos, mas com frequência irrelevante como “problemas nos relacionamentos”, sobretudo com o marido e a família. Os sintomas específicos deste grupo foram “climatério”, “frustração de não ser amada”, “sensibilidade histérica”, “frustração com a carga familiar”, “manipuladora”, “rebelde”, “ciúmes”, “falta de apoio emocional”, “gosta de chamar atenção”, “culpa”, “personalidade narcisista”, “mãe solteira”, “desapego das tarefas domésticas”, “falta de confiança no marido”, “fragilidade emocional”, “sobrepeso”, “falta ou diminuição da libido”, “controladora nos relacionamentos afetivos”, “amargura”, entre outros (ZANELLO e SILVA, 2012, p. 271)

Esses padrões ideais de feminilidade, inscritos e constituídos culturalmente, podem ter interferido para o seu diagnóstico e para a permanência de Stela em uma instituição psiquiátrica, uma vez que pode haver maior tolerância para um determinado sintoma se o paciente for mulher ou homem, de forma que existem critérios diferentes para o mesmo diagnóstico. Quanto a essa questão, Zanello e Silva (2012) comentam que existem estudos que comprovam que essas cobranças sociais em relação ao gênero podem interferir na forma com que os pacientes (tanto homens como mulheres) vêm a si mesmos o que chega a ser expresso verbalmente por eles.

... tais valores estão presentes no sofrimento psíquico e na fala dos pacientes “psiquiatrizados”. Estes valores e papéis são tomados como balizas no julgamento de si mesmo e afetam diretamente o narcisismo e a autoestima do sujeito, passando a ser constitutivo. (ZANELLO e SILVA, 2012, p. 268)

Enfim, o “falatório” de Stela delineia um esboço de existência feminina. Sua forma de expressão é de uma mulher que, assim como outras, mostra-se impura, fragmentada e múltipla, ou seja, é a representação de algo que ainda não está totalmente construído. Uma obra inacabada (IONTA, 2013).

3.4. Negra e pobre

O fato de ser mulher repercutiu nas problematizações sobre si mesma, na mesma medida que ser negra também foi algo que marcou substancialmente seu processo de subjetivação. A sua condição de mulher negra foi por ela explicitada da seguinte forma:

Eu sou Stela do Patrocínio
Bem patrocinada

Estou sentada numa cadeira
Pegada numa mesa preta e crioula
Eu sou uma nega preta e crioula
Que a Ana me disse (PATROCÍNIO, 2009, p. 58)

Interessante notar que quando Stela fala “eu sou uma nega preta e crioula que a Ana me disse”, pode-se perceber que a condição de ser negra, apesar de óbvia, lhe era lembrada por alguém, o que pode sugerir a importância dada à raça/etnia no contexto institucional. Em seu prontuário, pode-se ler, ao menos em oito documentos, que em suas fichas de admissão e questionários institucionais, os profissionais que a atendiam classificavam-na por meio da cor de sua pele. (COLÔNIA JULIANO MOREIRA, 1962)

Ser negra, aparentemente, era algo que ela deveria sempre lembrar, porque as pessoas se referiam a ela assim. Tanto que Stela chega a tentar explicar como foi se tornar negra:

Eu fiquei preta
Eu sei que eu tomei cor
Nos gases eu me formei
Eu tomei cor (PATROCÍNIO, 2009, p. 73)

Seria possível que, em algum momento de sua vida, Stela do Patrocínio tenha se tornado negra? Logicamente que não, mas é possível que, a partir de determinado momento, essa condição lhe tenha sido referida como uma “marca”, que ela não deveria esquecer.

Outra marca que Stela carregava era o de ser uma mulher pobre. Condição compartilhada por muitas outras internas em instituições psiquiátricas, como o caso de Pierina descrito por Wadi (2009) e comentado no início deste capítulo.

Lougon (1993), além de médico psiquiatra dessa instituição também realizou uma pesquisa sobre ela, apresentando em um artigo sua visão sobre quem eram os pacientes da Colônia Juliano Moreira na década de 1980, período em que Stela do Patrocínio permaneceu como interna naquela instituição:

Efetivamente, a clientela que busca os serviços da CJM e estabelecimentos congêneres tem sua extração social básica no lumpem, e sua demanda primeira é por abrigo, alimentação, vestes e custódia, mais do que por tratamento psiquiátrico propriamente dito. (LOUGON, 1993, p. 161)

Quando Lougon (2006) escreveu seu livro, em 1982, Stela do Patrocínio contava 41 anos de vida, sendo que, desses, 20 anos foram vividos dentro de instituições psiquiátricas. Da mesma forma que muitas pacientes, Stela também não tinha formação profissional, sendo descrita como “doméstica”, uma designação comum para a maioria das mulheres que viveram na colônia em décadas anteriores. Segundo Cassília (2011), entre os anos de 1942 e 1943 estavam internadas na Colônia Juliano Moreira 1750 pacientes do sexo feminino. Deste total, quase todas foram classificadas como “doméstica”, independentemente do tipo de atividade que exerciam realmente, o que pode denotar o discurso vigente da época quanto ao papel feminino.

A condição social em que vivia Stela antes de sua entrada na instituição foi explicitada em seu “falatório” e condizia com o que Lougon (1993) apresentou em seu trabalho⁷⁰. Ela fazia parte do grupo menos favorecido socialmente e financeiramente, sendo trabalhadora doméstica, fato demonstrado claramente nos seguintes trechos de seu “falatório”:

Nessa família que eu estou não ganho pagamento
Não ganho ordenado
Não posso comprar um guaraná uma coca-cola um maço de cigarros
Uma caixa de fósforos
Porque eu não ganho pagamento
Não ganho ordenado de quinhentos milhões e quinhentos mil cruzeiros
(PATROCÍNIO, 2009, p. 64).

Em seu prontuário médico, não existe nenhuma menção de que Stela, apesar de trabalhadora doméstica, tenha tido alguma garantia social adquirida como um trabalhador formal. Segundo dados de seu prontuário, em um “Censo para pacientes crônicos da Colônia Juliano Moreira”, Stela do Patrocínio fora descrita como uma interna que, aos 47 anos, não possuía vínculos com INPS ou instituição previdenciária ou mesmo algum vínculo empregatício anterior que pudesse reverter em benefício (COLÔNIA JULIANO MOREIRA, 1962). Também pelo trecho do “falatório” descrito acima, Stela não receberia dinheiro suficiente para comprar o que lhe convinha, o que pode se remeter às condições de trabalho escravo, situação da maioria das empregadas domésticas na década de 1960, período em que ela foi internada.

⁷⁰ Um estudo estatístico aponta a prevalência de mulheres negras e pobres como Stela como a maioria das diagnosticadas como portadoras de algum transtorno de ordem psiquiátrica foi apresentado por Zanella e Silva (2012). Neste trabalho, os autores analisam prontuários médicos entre as décadas de 1990 (período em que Stela faleceu) até 2010, no Distrito Federal.

Sua condição social era por ela vista como precária, tanto que, em um trecho de seu “falatório” comenta que se sentia como uma indigente, embora, em nenhum documento institucional essa situação tenha sido explicitada desta forma.

... me trouxeram pra cá como indigente, sem família, vim pra cá, estou aqui como indigente, sem ter família nenhuma, morando no hospital, estou aqui como indigente, sem ter ninguém por mim, sem ter família e morando no hospital. (PATROCÍNIO, 2009, p. 40)

Segundo Farmer (2002), apesar de algumas pessoas terem vivido, sofrido e morrido em circunstâncias semelhantes, no passado e no presente, elas não compartilham de questões pessoais ou atributos psicológicos semelhantes. Elas não compartilham necessariamente da mesma cultura, mas sim da experiência de ocupar o degrau mais baixo da escala social em uma sociedade não igualitária. A condição de pobreza é que as levam a serem as principais vítimas de uma violência estrutural, que faz com que, além de serem mais vulneráveis ao sofrimento, também sejam mais propensas a ter seu sofrimento silenciado.

Contudo, apesar desta discussão ter apresentado uma visão de Stela como uma mulher que poderia se ver em uma situação social precária e, até um tanto quanto negativa, vale deixar claro que ela tinha esperanças e acreditava em um futuro melhor para si. Sua condição, durante as gravações de seu “falatório”, poderia não ser tão satisfatória, mas ela acreditava que era possível ser melhor:

O futuro eu queria
Ser feliz
E encontrar a felicidade sempre
E não perder nunca o gosto de estar gostando

O que eu penso em fazer da minha vida
É encontrar a felicidade, ser feliz
Ficar gostando e não perder o gosto
Ser feliz
Encontrar a felicidade
E não perder o gosto de estar gostando
(Patrocínio, 2009, p. 65)

Como exposto nesse capítulo, Stela tinha vários motivos para se calar: por ser vista como doente mental, cuja fala foi, durante muitos anos, silenciada, pois seu

conteúdo, por vezes, era permeado por delírios, portanto vista como incompatível com a fala da razão, promulgada pelo pensamento científico; por ser mulher – voz silenciada e desvalorizada por ser considerada sentimental em demasia e, igualmente, alheia ao pensamento verdadeiro defendido pelo discurso patriarcal; e, por fim, por ser negra e pobre, predicados historicamente pouco estimados em um país cuja origem colonial não permitia que pessoas com origem na senzala obtivessem o mesmo padrão de vida e poder de expressão de outros grupos sociais.

Contudo, Stela não se calou. Mesmo quando ninguém prestava atenção em suas palavras, ela falou. Seu “falatório”, mais do que simples expressão do que via e sofria, era sua forma de resistir ao mundo de limitações e fronteiras físicas e sociais em que vivia. Era sua forma de estar no mundo, seu processo de criação de si mesma. Ela era a sua própria fala.

Ao longo da escrita deste trabalho, pode-se perguntar quem realmente era Stela do Patrocínio. Era uma louca? Era uma artista? Uma vítima? Uma mulher genial? Mesmo, após meses de trabalho não é fácil definir claramente quem foi ela. Pode-se dizer o que ela representou para esta pesquisadora, para a ciência psiquiátrica, para a arte e cultura, para uma historiografia do marginal ou, mais especificamente, para a história da loucura e da psiquiatria, porém, todas essas tentativas de definição seriam apenas mais discursos sobre ela.

O mais digno nesse ponto é deixar que ela fale, embora sua definição de si mesma também tenha sido permeada por tantos outros discursos. Como se pôde ver no decorrer desta dissertação, quando Stela falava dela mesma, falava um pouco de todo o mundo que a cercava.

Eu não nasci criança, nasci já velha
Depois é que eu virei criança
E agora continuei velha
Me transformei novamente numa velha
Voltei ao que eu era, uma velha [...] (PATROCÍNIO, 2009, p. 72)

Eu cresci engordei tô forte
Tô mais forte que um casal [...] (PATROCÍNIO, 2009, p. 133)

[...] Eu não sou da casa, não sou da família
Sou de Deus
Um anjo bom que Deus fez (PATROCÍNIO, 2009, p. 83)

Eu era gases puro, ar, espaço vazio, tempo
Eu era ar, espaço vazio, tempo (PATROCÍNIO, 2009, p. 74)

Eu era viajante (PATROCÍNIO, 2009, p. 62)

Eu sou indigente (PATROCÍNIO, 2009, p. 143)

Eu não tenho cabeça boa não
Não sei o que tem aqui dentro
Não sei o que tem aqui dentro
Não sei o que tem aqui dentro (PATROCÍNIO, 2009, p. 81)

Eu sou mundial podre
Tudo pra mim é merda durinha à vontade (PATROCÍNIO, 2009, p. 115)

Um homem chamado cavalo
É o meu nome (PATROCÍNIO, 2009, p. 139)

[...] O futuro eu queria
Ser feliz
E encontrar a felicidade sempre
E não perder nunca o gosto de estar gostando

O que eu penso em fazer da minha vida
É encontrar a felicidade, ser feliz
Ficar gostando e não perder o gosto
Ser feliz
Encontrar a felicidade
E não perder o gosto de estar gostando
(PATROCÍNIO, 2009, p. 65)

Considerações Finais

Graças ao auxílio financeiro concedido pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), em função da minha participação como pesquisadora do Projeto “*Gênero, Instituições e Saber Psiquiátrico em Narrativas da Loucura*”, – coordenado pela Prof. Dra. Yonissa Marmitt Wadi –, em maio de 2014 tive a oportunidade de ir pessoalmente até o Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira – IMASJM – antiga Colônia Juliano Moreira, em Jacarepaguá, Rio de Janeiro.

Neste lugar, onde fui muito bem recebida pela equipe que compõe o Centro de Estudos, entrei em contato com alguns documentos institucionais do período em que lá vivia Stela do Patrocínio, mas, principalmente, tive a oportunidade de percorrer os limitados caminhos por onde ela passou e a felicidade de conversar com algumas pessoas que a conheceram em vida.

Após quase dois anos lendo o que os diferentes profissionais falaram sobre essa mulher, cuja existência singular não passou despercebida por aqueles dispostos a ouvi-la com mais atenção, e estudando as questões referentes à história da loucura e da psiquiatria, essa visita ao local onde Stela viveu foi, para mim, como uma oportunidade ímpar. Uma ocasião que só fez aumentar ainda mais minha vontade de saber mais sobre ela e penetrar cada vez mais nos meandros de seu “falatório”.

Porém, como Levi (2000) questionou muito bem: “Pode-se escrever a vida de um indivíduo?”. Durante todo o processo da escrita desta dissertação, pude perceber o quão difícil é falar sobre alguém, pois, Stela, assim como qualquer pessoa, não seguiu uma trajetória linear e facilmente compreensível. Foram vários os problemas que marcaram sua vida e inúmeras as situações em que sua condição de mulher, pobre, louca e negra a fizeram enxergar o mundo da forma com que ela o fez.

Seguir a perspectiva de Foucault e tentar fazer apenas uma “antologia da existência” de Stela me pareceu, assim, a forma mais adequada para falar dela e de sua obra. Longe de ser uma biografia que abarca toda a sua vida, esta dissertação foi uma tentativa de apresentar ao leitor aspectos que julguei significativos de sua vida e de sua obra, destacando seu notável processo de subjetivação.

Saber exatamente se o que ela falou foram sintomas de loucura, desabafos de uma alma atormentada, testemunhos de uma vivência de reclusão, literatura ou arte,

enfim, meras classificações, não foi o foco principal do trabalho, embora isso tenha sido abordado no primeiro capítulo. O ponto mais importante era mostrar o conteúdo do “falatório” de Stela do Patrocínio, o que ela disse efetivamente, sobre sua vivência de loucura e internação e suas problematizações sobre questões importantes em sua vida, no período em que viveu na Colônia Juliano Moreira, num período que abarca o antes e o logo após o que se chama Reforma Psiquiátrica brasileira.

Esse movimento passou a questionar o tratamento destinado aos doentes mentais, proporcionando uma visão mais humanizada à questão. Foi a partir de reflexões ocorridas, principalmente, no final da década de 1970, no Brasil, que trabalhadores ligados à saúde mental, familiares e pacientes, passaram a reivindicar mudanças políticas e sociais que provocaram rupturas epistemológicas e permitiram o surgimento de novas estratégias de cuidados aos loucos. (Yasui, 2006)

Os meandros intelectuais e políticos que possibilitaram mudanças, tanto institucionais, como nos tratamentos destinados ao loucos, bem como a valorização artística e literária de textos, imagens, falas obras produzidas por e sobre eles são tão amplos e complexos que podem facilmente se transformar em estudos à parte. Mas, infelizmente, não é possível abarcar de forma tão rigorosa o conjunto de questões suscitadas no espaço desta dissertação. Porém, é importante frisar que, essas transformações podem ter sido o estopim necessário para que o “falatório” de Stela do Patrocínio fosse, finalmente, conhecido por outras pessoas. Se hoje Stela tem notoriedade é porque houve condições de possibilidade que permitiu aos loucos, as mulheres, à população negra e aos pobres, enfim aos “infames”, terem suas vozes ouvidas.

Enquanto outras pessoas não creditavam importância ao falatório de Stela, ele era apenas um apanhado de palavras sem sentido, desconexo e estranho. A mudança do pensamento sobre o marginal e o interesse pelo “outro lado da moeda” em relação à doença mental foram primordiais para o lançamento do livro “Reino dos bichos e dos animais é o meu nome” e tantos outros trabalhos surgidos a partir dele.

Conhecer a história de Stela foi, portanto, instigante. Assim, como foi conhecer as discussões sobre a história da loucura e da psiquiatria. Até então, minha visão sobre o louco e as instituições a ele destinadas era outra. Sendo minha formação inicial em psicologia, acreditei, durante anos, que detinha uma visão “humanizada” sobre a loucura e que meu conhecimento sobre sintomas e formas de tratamento me dava certa “autoridade” sobre o assunto. Porém, logo no início do meu trabalho sobre Stela, pude

perceber que a minha forma de pensar sobre essas questões é apenas uma face de algo muito mais complexo e rico.

Deparei-me com um referencial teórico que, apesar de tratar de um assunto que antes me era tão próximo, me trouxe uma nova perspectiva, o que ampliou a minha forma de ver e pensar a questão da loucura. Ler e conhecer a obra de autores que discorrem de forma crítica sobre a história da loucura e da psiquiatria como os que já podem ser chamados de pioneiros, como Michel Foucault e Roy Porter, assim como autoras e autores contemporâneos, como Rafael Huertas, Teresa Odorika Sacristán, Juan Carlos Stagnaro, Cristina Sacristán, Ana Teresa Acatauassú Venancio, Cristiana Fachinetti e Yonissa Marmitt Wadi, entre outros, foi um desafio que, embora difícil, me instigou a querer conhecer mais e a ser uma pesquisadora nessa área.

Nesse contexto, Stela do Patrocínio surgiu como uma proposta de trabalho disfarçada de presente. Cada dia em que tive a oportunidade de me debruçar sobre seu “falatório” e os vestígios de sua passagem neste mundo considero como um privilégio. Através deste trabalho, revi muitos conceitos que antes tinha como certos e iniciei uma nova fase de desenvolvimento intelectual.

Fontes

ALMEIDA, T.V. Corporeidad y experiencia del límite en la performance vocal de Stela do Patrocínio. **Primeras Jornadas de Estudios de la Performance**. Facultad de Filosofía y Humanidades y Facultad de Artes de la Universidad Nacional de Córdoba. Córdoba, p. 1-10, mayo 2012.

ANDRADE, M.R.T. Loucura e Literatura: O Discurso Poético de Stela do Patrocínio. **Revista Gatilho**. Juiz de Fora, v. 5, Ano III, p. 1-23, jul. 2007.

BALÉ de Rio Preto. São José do Rio Preto. Espetáculo Alma Aprisionada. Disponível em: <http://www.balederipreto.com.br/#!espetáculos/vstc2=alma-aprisionada>. Acesso em: 03 de maio de 2013.

BORGES, S.M.R. **Revisitando a loucura: um olhar de dentro**. 2003. 44p. Monografia (Graduação em Psicologia) – Centro Universitário de Brasília (UnICEUB), Brasília,

BORGES, V.T. "Estar internada é ficar o dia todo presa": o cotidiano no “falatório” autobiográfico de Stela do Patrocínio. **Revista Esboços**. Florianópolis, v. 16, n. 22, p. 139-151, 2009.

CD Entrevista com Stela do Patrocínio. Georgette Fadel (Stela do Patrocínio) – voz. Juliana Amaral (Entrevistadora) – voz. Lincoln Antonio – piano. Gravado e mixado por Carlos Akamine. Assistentes: Silvio e Lila. Masterizado por André Magalhães no Estúdio Zabumba. Projeto gráfico: Daniel Trench e Edu Marin / Estúdio Mola. Fotos: Mi Chan Tchung. Produzido por Lincoln Antonio. Selo Cooperativa – Cooperativa de Música Gravado. Estúdio Sala Viva da Associação Cultural Cachuera, São Paulo. São Paulo: 2007. 1 CD. Disponível em: <http://entrevistacomstela.wordpress.com/ouca-o-cd/>.

COLÔNIA JULIANO MOREIRA. Núcleo Teixeira Brandão. Prontuário nº 0694 – SP (Caixa 402) 1962.

DALCASTAGNÈ, R. Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. Brasília, n. 20. p. 33-87, jul-ago. 2002.

ENTREVISTA com Stela do Patrocínio. Espetáculo teatral. Música de Lincoln Antonio e falas de Stela do Patrocínio. Disponível em: <http://entrevistacomstela.wordpress.com/>, Acesso em 25 de jan. de 2013.

ENTREVISTA com Stela do Patrocínio. Espetáculo teatral. Música de Lincoln Antonio e falas de Stela do Patrocínio. Disponível em: <http://entrevistacomstela.files.wordpress.com/2010/07/stela-23.jpg?w=950&h=484>. 2001. Acesso em: 15 mai. 2013.

GUIMARÃES, M. L. M. **Falas de Stela do Patrocínio: linhas de fuga para a vida**. 2009. 73 p. Dissertação (Mestrado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

LUNA, I. A maravilhosa expedição do “falatório” de Stela. **Moringa Teatro e Dança**. João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 45-53, jan. 2010.

LUNA, I.N. Música e cena - o canto em busca de ação. **VI Congresso de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas 2010**. Disponível em: <http://portalabrace.org/vicongresso/historia/Ive%20Luna.pdf>, Acesso em: 14 de mai. 2013.

MASAGÃO, A.M. A gramática do corpo e a escrita do nome. **Psicologia USP**. São Paulo, v. 15, n. 1-2, p. 263-277, 2004.

MOREIRA, R. Entre palavras, cores e brinquedos - pensando a arte a partir de Arthur Bispo do Rosário e Stela do Patrocínio. *In*: COUTINHO, F. (org). **A vida ao rés-do-chão: artes de Bispo do rosário**. Rio de Janeiro: 7 letras, p. 11-25, 2008

PAES, V. Stela do Patrocínio - O tempo é o gás, o ar, o espaço vazio. **Confraria – Arte e Literatura**. Rio de Janeiro, n. 11, nov-dez. 2006.

PATROCÍNIO, S. **Reino dos bichos e dos animais é o meu nome**. 2. ed. Rio de Janeiro: Beco Azogue Editorial, 2009.

PENELOPE cia de teatro. Disponível em: <http://penelopeciadeteatro.blogspot.com.br/> Acesso em 03 de maio de 2013.

PROCURANDO “falatório”. Direção e roteiro: Luciana Tanure. Produção: Aleques Eiterer. Fotografia e câmera: Miceli. Som: Giselle Lewicki. Edição de som e edição: Alethea Silvestre. Arte: Stella Garcia. Composição da trilha sonora original: Abraham Raher. Brasil: ECA-USP, UNB, UFF, FAAP, UNESA, Festival Brasileiro de Cinema Universitário, 2003. 1 DVD (14 min); col.: NTSC

RADOMSKI, A. M. **Leituras da desrazão: entre a poesia e a loucura**. 2009. 89p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal Fluminense. Niterói.

SILVA, G. M. B. L. F. Loucura, mulher e representação: fronteiras da linguagem em Maura Lopes Cançado e Stela do Patrocínio. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. Brasília, n. 22, p. 95-111, jan-jun. 2003.

SILVA, G. M. B. L. F. O “falatório” de Stela do Patrocínio: a palavra como resistência ou a linguagem marginal da loucura. **Revista Cerrados**. Palavra e poder: representações na literatura de autoria feminina. Brasília, v. 20, n. 31, p. 241-258, 2011.

SILVA, G. M. B. L. F. **Olhando sobre o muro: representação de loucos na literatura brasileira contemporânea**. 2008. 223 p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de Brasília, Brasília.

STELA do Patrocínio. Poesia/Filme/Documentário/Pesquisas/Debates. Disponível em: <http://steladopatrocinio.blogspot.com.br/>. Acesso em 02 de fev. de 2013.

STELA do Patrocínio: A mulher que falava coisas. Direção: Marcio de Andrade. Roteiro: Marcio de Andrade. Elenco: Stela do Patrocínio, Carla Guagliardi, Julius Teixeira, Pedro Silva. Empresa Produtora: Filmes do Serro. Empresa(s) Coprodutora(s): Cinema Tique, 21 Filmes. Rio de Janeiro, 2007. 1 DVD (14 min e 37 seg.), Colorido/PB.

TATTO, S.O.; MEDEIROS, M.P. A escrita na loucura: uma questão de inscrição. **Psicanálise & Barroco em revista**. Juiz de Fora, v. 10, n. 1, p. 85-96, jul. 2012.

WADI, Y.M. Entre muros: os loucos contam o hospício. **Topoi**. Rio de Janeiro, v. 12, p. 250-269, 2011.

WADI, Y.M. Um lugar (im)possível: narrativas sobre o viver em espaços de internamento. In: WADI, Y. M.; SANTOS, N. W. (org.) **História e Loucura: saberes, práticas e narrativas**. Uberlândia: Editora da UFU, p. 331-362, 2010.

Referências

AMARANTE, P. (coord). **Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995. 136p.

AQUINO, R. E. *In*: PATROCÍNIO, S. **Reino dos bichos e dos animais é o meu nome**. 2. ed. Rio de Janeiro: Beco Azogue Editorial, 2009. p. 9-12.

ARFUCH, L. Narrativas del yo y memorias traumáticas. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 4, n.1, p. 45-60, jan. /jun. 2012.

ARTIÈRES, P. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos: Arquivos Pessoais**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p.9-34, 1998.

BARRETO, L. **O cemitério dos vivos**. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 182-183.

BORGES, V.T. **Do esquecimento ao tombamento: a invenção de Arthur Bispo do Rosário**. 2010. 232p. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRAGA, A. L. C. **O serviço nacional de doenças mentais no governo JK: a assistência psiquiátrica para o distrito federal**. 2013. 185f. Dissertação (mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz: Rio de Janeiro.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. **Colônia Juliano Moreira: ações conclusivas do processo de municipalização. Relatório Final**. 1. ed., 6ª reimpr. – Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

CASASSOLA, A. P. Relatos sobre a Colônia Juliano Moreira: análise sobre memórias e histórias de sujeitos estigmatizados como loucos sobre o espaço urbano. **Os urbanitas - Revista de Antropologia Urbana**. Ano V, vol. V, n. VII, julho de 2008.

CASSÍLIA, J. A. P. **Doença mental e Estado Novo: a loucura de um tempo**. 2011. 199 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro.

CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault**: Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CONHEÇA mais indicados ao prêmio Jabuti. **Folha de São Paulo on-line**. São Paulo, 22 fev. 2002, Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u21587.shtml>. Acesso em: 14 mai. 2013.

CRM - Conselho Regional de Medicina do Estado de Santa Catarina. **Manual de orientação ética e disciplinar**. 2. Ed. Revista e atualizada Comissão de Divulgação de Assuntos Médicos. Florianópolis, v.1, Março, 2000. Disponível em

<http://www.portalmedico.org.br/Regional/crm-sc/manual/parte3b.htm> acessado em: 14 mai. 2013.

DELEUZE, G. Um retrato de Foucault. In: **Conversações (1972 – 1990)**. São Paulo: Ed. 34, 1992, p.127-147.

DELEUZE, G. **Foucault**. Trad. Claudia Sant' Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DICIONÁRIO Cravo Albin da música popular Brasileira. **Instituto cultural Cravo Albin**. Disponível em: <http://www.dicionariompb.com.br/boato/dados-artisticos>. Acesso em: 25 jun 2014.

DSM-I. Diagnostic and statistical manual mental disorders. Prepared by The Committee on Nomenclature and Statistics of the American Psychiatric Association. **American Psychiatric Association Mental Hospital Service**. Whashington, 1952.

DSM-II. Diagnostic and statistical manual mental disorders. (Second Edition). Prepared by The Committee on Nomenclature and Statistics of the American Psychiatric Association. **American Psychiatric Association**. Whashington, 1968.

DSM-III. Diagnostic and statistical manual mental disorders. (Third Edition). Prepared by The Committee on Nomenclature and Statistics of the American Psychiatric Association. **American Psychiatric Association**. Whashington, 1980.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France**, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. In: **Ditos e escritos IV: Estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p.203-222, 2003.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

FOUCAULT, M. **Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão... um caso de parricídio do século XIX**. Trad. Denize Lezan de Almeida. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977.

FOUCAULT, M. **História da loucura na idade clássica**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012a.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal; 1988.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal; 1984.

FOUCAULT, M. **Historia m la sexualidad 3: la inquietud de si**. Madrid: Closas-Orcoyen, S. L. Polígono Igarza Paracuellos de Jarama; 1987.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 25. ed. São Paulo: Graal; 2012b.

FOUCAULT, M. **Os anormais: Curso do Collège de France**. (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GARCÍA DÍAZ, C.; JIMÉNEZ LUCENA, I. "Género, regulación social y subjetividades. Asimilaciones, complicidades y resistencias en torno a la loca (El manicomio de provincial de Málaga, 1920-1950)". **Frenia**. Revista de Historia de la Psiquiatría, v 10, p.123-144, 2010

GUIMARÃES A. N. *et al*. Tratamento em saúde mental no modelo manicomial (1960 a 2000): histórias narradas por profissionais de enfermagem. In: **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 22, n.2, p. 361-9, abr-Jun. 2013

HIDALGO, L. A loucura e a urgência da escrita. **ALEA**, v 10, n. 2, jul.-dez. 2008, p. 227-242.

HUERTAS, R. **Historia cultural de la psiquiatría. Repensar la locura**. Madrid: Catarata, 2012.

HUERTAS, R. Historia de la Psiquiatría, ¿Por qué?, ¿Para qué? Tradiciones Historiográficas y Nuevas Tendencias. **Frenia**. Revista de Historia de la Psiquiatría, Madrid, v.1, n.1, p. 9-36, 2001.

IONTA, M. Escritas de si em cartas e *blogs*: figurações da subjetividade feminina. In: RAGO, M.; MURGEL, A. C. A. de. T. (org). **Paisagens e tramas: o gênero entre a história e a arte**. São Paulo: Intermeios, 2013.

KAPLAN, H. I.; SADOCK, B. J.. **Modern synopsis of comprehensive textbook of psychiatry**. 4th edition. Baltimore: Williams & Wilkins, 1985.

LEVI, G. Usos da biografia. IN: FERREIRA, M. de M. e AMADO, J. (org). **Usos e abusos da história oral**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. 304p.

LOUGON, M. **Psiquiatria institucional: do hospício à reforma psiquiátrica**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. 226p.

LOUGON, M.. Desinstitucionalização da assistência psiquiátrica: uma perspectiva crítica. **PHYSIS – Revista de Saúde Coletiva**, v. 3, n. 2, 1993.

LOUZÃ NETO, M. R. ELKIS, **Psiquiatria básica**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MASON, D. Um registro de minha passagem pela terra. **Revista piauí**. Ed 17, fev 2008. Disponível em <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-17/ficcao/um-registro-de-minha-passagem-pela-terra>. Acessado em: 07 mar. 2014.

MENEZES, C. S. “Um vasto asilo seria assim a Guanabara”: políticas e assistência psiquiátrica, entre 1966 e 1978. 2012. 151f. Dissertação de Mestrado em História das Ciências e da Saúde. Fiocruz. Rio de Janeiro.

MOSÉ, V. Stela do Patrocínio – uma trajetória poética em uma instituição psiquiátrica. *In: PATROCÍNIO, S. Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. 2. ed. Rio de Janeiro: Beco Azogue Editorial, 2009. p. 13-35.

ORDORIKA SACRISTÁN, T. Aportaciones sociológicas al estudio de la salud mental de las mujeres. **Revista Mexicana de Sociología**, México, v. 71, n. 4, dez. 2009 .

PAULIN, L. F.; TURATO, E. R. Antecedentes da reforma psiquiátrica no Brasil: as contradições dos anos 1970. **História, ciência e saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro: Fiocruz, v.11, n. 2, p.241-58, 2004.

PITTA G.B.B, CASTRO A. A, Burihan E. (Ed). **Angiologia e cirurgia vascular: guia ilustrado**. Maceió: UNCISAL/ECMAL & LAVA, 2003.

PORTER, R. **História Social da Loucura**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

PROVIDELLO, G. G. D.; YASUI, S. A loucura em Foucault: arte e loucura, loucura e desrazão. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 20, n.4, p.1515-1529, out.-dez. 2013

RAGO, L. M. **A aventura de contar-se: feminismo, escrita de si e invenção da subjetividade**. Campinas: Ed. Unicamp. 2013.

RAGO, M. Epistemologia feminista, gênero e história. *In: PEDRO, J.; GROSSI, M. (org.). Masculino, feminino, plural*. Florianópolis: Mulheres, 1998.

REVEL, J. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.

RÍOS MOLINA, A. Um mesías, ladrón y paranoico em el manicômio la Castañeda, a propósito de la importância historiográfica de los locos. **Estudios de Historia Moderna y Contemporânea de México**, n. 37, 2009.

RUIZ SOMAVILLA, M. J., JIMÉNEZ LUCENA, I. Género, mujeres y psiquiatría, una aproximación crítica, **Frenia**. Revista de Historia de la Psiquiatría. Madrid, v.3 n. 1, p. 7-29. 2003

SACRISTÁN, C. Historiografía de la locura y de la psiquiatría en México. De hagiografía a la historia posmoderna. **Frenia**. Revista de Historia de la Psiquiatría. Madrid, n. 1, p. 9-33, 2005.

SACRISTÁN, C. La locura se topa con el manicomio. Una historia por contar. **Cuicuilco**, v. 16, n. 45, p. 163-189, 2009.

SCARAMELLA, M. L. **Narrativas e sobreposições: notas sobre Maura Lopes Caçado**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2010 217f. (Tese de doutorado em Ciências Sociais). Campinas.

SCOTT, J. A invisibilidade da experiência. **Projeto História**, São Paulo, n. 16, p. 297-325, fev.1998.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

STAGNARO, J.C. Evolución y situación actual de la historiografía de la psiquiatría en la Argentina. **Frenia**. Revista de Historia de la Psiquiatría, Madrid, v. VI, n. 1, p. 7-37, 2006.

TENÓRIO, F. A reforma psiquiátrica brasileira, da década de 1980 aos dias atuais: histórias e conceitos. **História, Ciências, Saúde**. Rio de Janeiro, vol 9, n.1, p.25-59, 2002.

VENANCIO, A. T. As faces de Juliano Moreira: luzes e sombras sobre seu acervo pessoal e suas publicações. **Revista Estudos Históricos**, v. 2, n. 36, 2005.

VENANCIO, A. T. Da colônia agrícola ao hospital-colônia: configurações para a assistência psiquiátrica no Brasil na primeira metade do século XX. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**. Rio de Janeiro, v. 18, supl. 1, p. 35-52, 2011,

VENANCIO, A. T. História da política assistencial à doença mental (1941-1956): O caso da Colônia Juliano Moreira no Rio de Janeiro. Associação Nacional de História – ANPUH – **XXIV Simpósio Nacional de História**. Anais. 2007. Disponível em <http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Ana%20Teresa%20Venancio.pdf> acesso em: 15 mai. 1023.

VENANCIO, A. T.; CASSILIA, J. A. P. Historia de la asistencia psiquiátrica en Brasil: el caso de la Colonia Juliano Moreira. **Vertex - Revista Argentina de Psiquiatria**, v. XXII, p. 307-313, 2011.

VENANCIO, A. T.; CASSILIA, J. A. P. Política assistencial psiquiátrica e o caso da Colônia Juliano Moreira: exclusão e vida social 1940-1954). In: WADI, Yonissa M.; SANTOS, N. M. W. (Org.). **História e loucura: saberes, práticas e narrativas**. Uberlândia: Editora da UFU, 2010b.

VENANCIO, A.T.; CASSILIA, J. A doença mental como tema: uma análise dos estudos no Brasil. **Espaço Plural**, v. 11, n. 22, p. 24-34, 1º. sem. 2010a.

WADI, Y. M. **A história de Pierina: subjetividade, crime e loucura**. Uberlândia: Editora da UFU, 2009.

WADI, Y. M. SANTOS, N. M. W. (Org.). **História e loucura: saberes, práticas e narrativas**. Uberlândia: Editora da UFU, 2010.

WADI, Y.M. (Coord.). **Gênero, instituições e saber psiquiátrico em narrativas da loucura**. Projeto de Pesquisa. Chamada MCTI/CNPq/SPM-PR/MDA nº 32/2012.

WADI, Y.M. Experiências de vida, experiências de loucura: algumas histórias sobre mulheres internas no Hospício São Pedro (Porto Alegre/RS, 1884 - 1923). **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 10, n. 1, p. 65-79, 2006b.

WADI, Y.M. Quem somos nós, loucos!?! Um ensaio sobre os limites e possibilidades da reconstituição histórica de trajetórias de vida de pessoas internas como loucas. **Anos 90** (UFRGS), Porto Alegre, v. 13, p. 287-319, 2006a.

WADI, Y.M.; SANTOS, N.W. (org.) **História e Loucura: saberes, práticas e narrativas**. Uberlândia: EDUFU, 2010.

YASUI, S. **Rupturas e encontros: desafios da reforma psiquiátrica brasileira**. 2006. 208 p. Tese (Doutorado em Ciências na Área de Saúde). Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz – Escola Nacional de Saúde Pública, Rio de Janeiro.

ZANELLO, V.; SILVA, R. M. C. Saúde mental, gênero e violência estrutural. **Revista de Bioética** (impr.). v. 20, n.2, p. 267-79, 2012

ANEXO

Tabela de Trabalhos Desenvolvidos sobre Stela do Patrocínio e seu Falatório

| Autor | Obra | Data | Meio de Divulgação | Área do Conhecimento |
|-------------------------------------|--|-------------|---|-----------------------------|
| ALMEIDA, Tereza Virgínia de | Corporeidad y experiencia del límite en la performance vocal de Stela do Patrocínio | 2011 | Artigo Científico | Letras e Literatura |
| ANDRADE, Márcio | Stela do Patrocínio - A mulher que falava coisas | 2006 | Documentário | Cinema |
| ANDRADE, Márcio | steladopatrocinio.blogspot.com | 2006 | Blog | Cinema |
| ANDRADE, Marcos Roberto Teixeira de | Loucura e Literatura: O Discurso Poético de Stela do Patrocínio | 2007 | Artigo Científico | Letras e Literatura |
| ANTONIO, Lincoln | Entrevista com Stela do Patrocínio | 2004 | Peça de Teatro | Artes Cênicas |
| ANTONIO, Lincoln | CD - Entrevista com Stela do Patrocínio | 2007 | CD | Música |
| AQUINO, Ricardo | Estrela | 2001 | Prefácio de livro | Letras e Literatura |
| ARRUDA, Creuza – Balé de Rio Preto | Alma Aprisionada | 2010 | Balé | Dança |
| BORGES, Silvia Maria Roncador | Revisitando a loucura: Um olhar de dentro | 2003 | Monografia de Conclusão de Curso de Graduação | Psicologia |
| BORGES, Viviane Trindade | "Estar internada é ficar o dia todo presa": o cotidiano no "falatório" autobiográfico de Stela do Patrocínio | 2009 | Artigo Científico | História |
| CORACINI, Erika | "falatório" | 2006 | Peça de Teatro | Artes Cênicas |
| DALCASTAGNÈ, Regina | "Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea" | 2002 | Artigo Científico | Letras e Literatura |
| GUIMARÃES, Maria Luiza Monteiro | Falas de Stela do Patrocínio: linhas de fuga para a vida | 2009 | Dissertação de Mestrado | Letras e Literatura |

| | | | | |
|--|--|------|-------------------------|---------------------|
| LUNA, Ive | A maravilhosa expedição do “falatório” de Stela | 2010 | Artigo Científico | Artes Cênicas |
| LUNA, Ive | Música e cena - o canto em busca de ação | 2010 | Artigo Científico | Artes Cênicas |
| Maria Tereza | Stela na Rua | 2006 | Peça de Teatro | Artes Cênicas |
| MOREIRA, Renata | Entre palavras, cores e brinquedos - pensando a arte a partir de Arthur Bispo do Rosário e Stela do Patrocínio | 2008 | Capítulo de Livro | Letras e Literatura |
| MOSÉ, Viviane | Stela do Patrocínio: uma trajetória poética em uma instituição psiquiátrica | 2001 | Prefácio de livro | Letras e Literatura |
| RADOMSKI, André Montes | Leituras da desrazão: entre a poesia e a loucura | 2009 | Dissertação de Mestrado | Letras e Literatura |
| SILVA, Gislene Maria Barral Lima Felipe da | Loucura, mulher e representação: fronteiras da linguagem em Maura Lopes Cançado e Stela do Patrocínio | 2003 | Artigo Científico | Letras e Literatura |
| SILVA, Gislene Maria Barral Lima Felipe da | Olhando sobre o muro: representações de loucos na literatura brasileira contemporânea | 2008 | Tese de Doutorado | Letras e Literatura |
| SILVA, Gislene Maria Barral Lima Felipe da | O “falatório” de Stela do Patrocínio: a palavra como resistência ou a linguagem marginal da loucura | 2011 | Artigo Científico | Letras e Literatura |
| TANURE, Luciana | Procurando “falatório” | 2003 | Documentário | Cinema |
| TATTO, Silvana de Oliveira e MEDEIROS, Marcos Pippi de | A escrita na loucura: uma questão de inscrição | 2012 | Artigo Científico | Psicologia |
| WADI, Yonissa Marmitt | Um lugar (Im)possível: narrativas sobre o viver em espaços de internamento | 2010 | Capítulo de livro | História |
| WADI, Yonissa Marmitt | "Entre muros": os loucos contam o hospício | 2011 | Artigo Científico | História |